

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – PPGT**

**VITOR HUGO LOURENÇO**

**UMA IGREJA “EM SAÍDA” SEGUNDO A *EVANGELII GAUDIUM*  
Contexto, Significado e Implicações Pastorais**

**CURITIBA**

**2016**

**VITOR HUGO LOURENÇO**

**UMA IGREJA “EM SAÍDA” SEGUNDO A *EVANGELII GAUDIUM*  
Contexto, Significado e Implicações Pastorais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Agenor Brighenti.

**CURITIBA**

**2016**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

L892i  
2016 Lourenço, Vitor Hugo  
Uma Igreja "em saída" Segundo a *Evangelii Gaudium* : contexto, significado e implicações pastorais / Vitor Hugo Lourenço ; orientador, Agenor Brighenti. -- 2016.  
179 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016  
Bibliografia: f. 169-179

1. Reino de Deus. 2. Missão da Igreja. 3. Justiça. 4. Pobres. 5. Teologia. I. Brighenti, Agenor. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 200

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 114  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE  
VITOR HUGO LOURENÇO

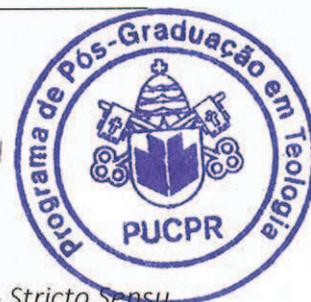
Aos vinte e nove dias, do mês de fevereiro de dois mil e dezesseis, às catorze horas reuniu-se na Sala 07 de Pós-Graduação - Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Agenor Brighenti, Elias Wolff e Cesar Augusto Kuzma, para examinar a Dissertação do candidato Vitor Hugo Lourenço, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e catorze. Linha de Pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: **Uma Igreja "Em Saída" Segundo A *Evangelii Gaudium*. Contexto, Significado e Implicações Pastorais.** O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 00 min. Para constar, lavrou-se presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Agenor Brighenti \_\_\_\_\_  
Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Elias Wolff \_\_\_\_\_  
Convidado Interno

Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma \_\_\_\_\_  
Convidado Externo

\_\_\_\_\_  
CIENTE  
Prof. Dr. Agenor Brighenti  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR



## RESUMO

A natureza e vocação primeira da Igreja é a missão. Como comunidade dos batizados, ela nasceu e foi enviada para todas as partes do mundo, no intuito de evangelizar, de proclamar o Reino de Deus e a sua justiça. A presente pesquisa tem por objetivo, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, analisar sua proposta missionária, de modo especial a compreensão do contexto sociocultural, religioso-eclesial, bem como seu significado, identidade e as implicações pastorais para a construção de uma Igreja “em saída”, em “estado permanente de missão”. Para a tessitura dos argumentos e a constituição do lastro da pesquisa, tomou-se, como caminho metodológico, recolher primeiramente os pressupostos e intuições do texto pontifício para, no término de cada seção, apoiados em alguns comentadores, de ontem e de hoje, consagrados no labor teológico, fazer algumas considerações a respeito das proposições em pauta. Diante de um tema tão instigante, muitos foram os argumentos favoráveis, e até mesmo contrários, ou ainda, carregados de certa desconfiança, que proporcionaram no fundo uma grande discussão em torno do anseio, da necessidade, dos desafios e das perspectivas para uma transformação missionária da Igreja. Ao longo do trabalho, constatou-se quão salutar seria para a Igreja, a partir de um longo e contínuo processo de conversão, do desejo de uma renovação eclesial, passar de uma “pastoral de conservação” a uma pastoral decididamente missionária. Em lugar de uma postura de autorreferencialidade, de introversão eclesial, de fechamento para o mundo, a Igreja é chamada a construir pontes, partir sempre da realidade, atenta aos “sinais dos tempos”, fazendo do ser humano o seu caminho e com ele humanizar-se e, com isso, apostando no compromisso social como uma resposta concreta da vivência de sua fé. Em síntese, como fruto de nossa pesquisa, advoga-se uma vez mais no sentido de uma Igreja defensora da vida, alicerçada na opção preferencial pelos pobres; de uma Igreja evangelizadora, encarnada em seu contexto e inculturadora do Evangelho, fazendo da pluralidade um pressuposto, uma condição, uma riqueza, que a leve sempre mais a sair de si em direção das “periferias existenciais”, das periferias do mundo. Enfim, uma Igreja que aposte no diálogo social como via para a construção da paz, da luta comum em defesa do bem de todos. Tudo isso, visando uma maior fidelidade a Jesus Cristo, à sua Palavra, ao envio missionário que ele nos faz constantemente.

**Palavras-chave:** Reino de Deus, Igreja, Missão, *Evangelii Gaudium*, Mundo, Pobres, Conversão Pastoral.

## ABSTRACT

The nature and first vocation of the Church is the mission. As a baptized community, it was born and sent to all parts of the world, in order to evangelize, to proclaim the Kingdom of God and his righteousness. This research aims, from pope Francis's Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, analyze its missionary proposal, especially the socio-cultural understanding, religious and ecclesial as well as its meaning, identity and pastoral implications for the construction of a "outing Church" in "permanent state of mission." For the structure of the arguments and the constitution of the base of the research, has been taken in a methodological way, first collect the conjecture and intuitions of the pontiff text to, at the end of each section, supported in some commentators, yesterday and today, consecrated on theological work, make some considerations regarding the proposals in ruling. Faced with such exciting topic, there were many favorable arguments, and even contraries, or still laden with suspicion, which provided, deeply, a great discussion around the longing, the need, the challenges and prospects for a missionary transformation of the Church. Along the paper work, it was realized that it would be salutary for the Church, from a long, continuous process of conversion, the desire for ecclesial renewal, pass a "conservation pastoral" to a decidedly missionary pastoral. Rather than an self-referentiality attitude, of ecclesial introversion, of closure to the world, the Church is called to build bridges, always depart of reality, attentive to the "signs of the times" making human being his own way and with this humanize and thereby betting on social commitment as a concrete response of their faith experience. In summary, as the result of our research, it advocates once more to a church which shields life, based on the poor preferential option; a Evangelizing church, embodied in their context and the inculturation of the gospel, making of the plurality an assumption, a condition, a wealth, that conveys more and more to go out of themselves to the "existencial peripheries" peripheries of the world. Finally, a church that bet on a social dialogue and goes to the construction of peace, the commm struggle in defense of a shared resource. All this, aming at a greater fidelity to Jesus Christ, his Word, and the missionary sending that he makes us constantly.

**Keywords:** kingdom of God, Church, Mission, *Evangelii Gaudium*, World, Poor, Pastoral Conversion

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
CAM	Congresso Missionário Latino-americano
CdC	Documentos da CNBB – Comunidade de Comunidades (100)
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
ChL	Exortação Apostólica <i>Christifideles Laici</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
CV	Carta Encíclica <i>Caritas in Veritate</i>
DAp	Documento de Conclusão da Conferência de <i>Aparecida</i>
DCE	Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i>
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DP	Documento de Conclusão da Conferência de <i>Puebla</i>
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
Eaf	Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Africa</i>
EAm	Exortação Apostólica <i>Ecclesia in America</i>
EAs	Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Asia</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
EO	Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Oceania</i>
ES	Carta Encíclica <i>Ecclesiam Suam</i>
EV	Carta Encíclica <i>Evangelium Vitae</i>
FR	Carta Encíclica <i>Fides et Ratio</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
LF	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Si</i>
NMI	Carta Apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i>
OA	Carta Apostólica <i>Octogesima Adveniens</i>
PER	Documento <i>Perscrutai</i> – Ano da Vida Consagrada

PF	Exortação Apostólica <i>Porta Fidei</i>
PP	Carta Encíclica <i>Populorum Progressio</i>
RH	Carta Encíclica <i>Redemptor Hominis</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
SCa	Exortação Apostólica <i>Sacramentum Caritatis</i>
SD	Documento de Conclusão da Conferência de <i>Santo Domingo</i>
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>
VD	Exortação Apostólica <i>Verbum Domini</i>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. O CONTEXTO ATUAL DE UMA IGREJA “EM SAÍDA” SEGUNDO A <i>EVANGELII GAUDIUM</i> .....</b>	<b>16</b>
2.1. ALGUNS DESAFIOS DO MUNDO ATUAL .....	17
<b>2.1.1. Uma economia da exclusão .....</b>	<b>17</b>
a) A nova idolatria do dinheiro .....	19
b) Um dinheiro que governa em vez de servir .....	20
<b>2.1.2. A desigualdade social que gera violência.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1.3. Alguns desafios à inculturação da fé .....</b>	<b>22</b>
a) Ambiguidades da cultura dominante.....	22
b) Distinguir valores e anti-valores.....	24
c) As culturas urbanas como novas possibilidades .....	26
2.2. AMEAÇAS QUE FRAGILIZAM O TESTEMUNHO DA IGREJA HOJE .....	28
<b>2.2.1. O individualismo e o relativismo de muitos agentes de pastoral .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.2. O desânimo egoísta e o pessimismo estéril .....</b>	<b>30</b>
a) O desânimo que paralisa.....	30
b) O pessimismo dos profetas de desgraças .....	32
<b>2.2.3. Uma espiritualidade sem comunidade .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2.4. O mundanismo espiritual .....</b>	<b>36</b>
<b>2.2.5. Os conflitos internos e o clericalismo.....</b>	<b>38</b>
a) Divisões que comprometem a fraternidade.....	38
b) O laicato ofuscado pelo clericalismo .....	39
2.3. CONSIDERAÇÕES EM TORNO AO CONTEXTO SÓCIO-ECLESIAL DE UMA IGREJA “EM SAÍDA” .....	41
<b>2.3.1. Considerações em torno ao contexto sociocultural .....</b>	<b>42</b>
2.3.1.1. Um Papa latino-americano .....	43
2.3.1.2. Um grito pela vida.....	48
<b>2.3.2. Considerações em torno ao contexto eclesial .....</b>	<b>52</b>
2.3.2.1. Uma nova compreensão do papado .....	53
2.3.2.2. Uma Igreja a caminho .....	56
2.3.2.3. Alguns sinais de resistência .....	61
<b>3. SIGNIFICADO E IDENTIDADE DE UMA IGREJA “EM SAÍDA” SEGUNDO A <i>EVANGELII GAUDIUM</i>.....</b>	<b>66</b>
3.1. A MISSIONARIEDADE COMO ESSÊNCIA DA IGREJA.....	66
<b>3.1.1. A missão compreendida a partir do coração do Evangelho .....</b>	<b>67</b>
<b>3.1.2. Uma Igreja “em saída” .....</b>	<b>68</b>
<b>3.1.3. Pastoral em conversão missionária .....</b>	<b>71</b>
3.2. A MISSÃO QUE SE ENCARNA NAS LIMITAÇÕES HUMANAS .....	74
<b>3.2.1. Ir em direção às “periferias” .....</b>	<b>74</b>
<b>3.2.2. Uma Igreja mãe de coração aberto .....</b>	<b>75</b>
<b>3.2.3. A necessária distinção entre substância e reformulação da mensagem.....</b>	<b>76</b>
3.3. CONSIDERAÇÕES EM TORNO AO SIGNIFICADO E À IDENTIDADE DE UMA IGREJA “EM SAÍDA” .....	78
<b>3.3.1. O discipulado como expressão de uma Igreja missionária em contínua renovação .....</b>	<b>78</b>
3.3.1.1. A missão que brota do encontro.....	79
3.3.1.2. A missão como compromisso eclesial.....	83
3.3.1.3. A missão é de todos e para todos .....	85

3.3.1.4. Uma missão sem fronteiras .....	86
3.3.1.5. A missão como renovação da Igreja .....	89
3.3.1.6. A abertura como pressuposto para a missão .....	91
3.3.1.7. A missão como vivência profética .....	93
<b>3.3.2. A missão na contingência da história .....</b>	<b>96</b>
3.3.2.1. A missão como resposta à Palavra de Deus .....	97
3.3.2.2. A conversão como caminho da missão .....	98
3.3.2.3. A missão como cuidado da fragilidade .....	103
<b>4. IMPLICAÇÕES PASTORAIS PARA UMA IGREJA “EM SAÍDA” .....</b>	<b>109</b>
4.1. EVANGELIZAR É “TORNAR PRESENTE O REINO DE DEUS” .....	110
<b>4.1.1. O povo de Deus como sujeito da evangelização.....</b>	<b>111</b>
<b>4.1.2. Um povo como sacramento de salvação para todos os povos .....</b>	<b>112</b>
<b>4.1.3. Um povo com muitos rostos .....</b>	<b>113</b>
<b>4.1.4. A força evangelizadora da piedade popular e suas manifestações.....</b>	<b>115</b>
<b>4.1.5. Exigências de uma evangelização inculturada.....</b>	<b>117</b>
4.2. A EVANGELIZAÇÃO COMO HUMANIZAÇÃO .....	118
<b>4.2.1. Confissão da fé e compromisso social .....</b>	<b>120</b>
<b>4.2.2. A inclusão social e opção preferencial dos pobres .....</b>	<b>122</b>
<b>4.2.3. Distribuição de renda e bem comum.....</b>	<b>123</b>
<b>4.2.4. Diálogo social e construção da paz.....</b>	<b>125</b>
4.3. CONSIDERAÇÕES EM TORNO ÀS IMPLICAÇÕES PASTORAIS PARA UMA IGREJA “EM SAÍDA” .....	127
<b>4.3.1. A missão enquanto evangelização integral .....</b>	<b>128</b>
4.3.1.1. A missão em vista do Reino .....	128
4.3.1.2. A missão como inculturação e redescoberta das culturas.....	132
4.3.1.3. A religiosidade popular como força missionária .....	134
4.3.1.4. A realidade como ponto de partida da missão .....	137
4.3.1.5. A missão como opção preferencial pelos pobres .....	142
<b>4.3.2. Os laços intrínsecos entre evangelização e promoção humana .....</b>	<b>148</b>
4.3.2.1. A missão no encontro com o outro .....	149
4.3.2.2. O diálogo como caminho na luta pela justiça e a paz.....	150
4.3.2.3. A comunhão como caminho de transformação .....	154
<b>4.3.3. Deslocamentos necessários para uma “Igreja em saída” .....</b>	<b>156</b>
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>169</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Contemplando a realidade que nos cerca, podemos constatar que estamos vivendo um tempo de profundas e importantes mudanças na sociedade e na Igreja. Em todos os âmbitos da vida humana, temos experimentado o desgaste de boa parte das referências e valores tradicionais que nos foram legados, levando-nos a viver em meio à instabilidade e à provisoriedade, agitados pela generosa oferta de filosofias de vida, propostas religiosas, espiritualidades e espiritualismos, tão diversificadas e contrastantes, que geram um pluralismo cultural, comportamental e religioso, em certos aspectos ainda não contemplados ou verificados na história da humanidade.

Estando no mundo, naturalmente toda esta agitação, esta instabilidade sociocultural atinge a Igreja, em suas pastorais, movimentos, estruturas, compreensão e maneira de evangelizar. Não poderia ser diferente, pois seus membros são também membros desta sociedade em constante movimento e sua missão está voltada para a mesma, que constitui por excelência o campo de sua missão, o seu “lugar teológico”.

Embora muitos problemas, que hoje nos atingem como Igreja, tenham se iniciado há décadas e até mesmo há séculos, a busca por respostas à altura também remonta ao passado. O Concílio Vaticano II é um destes referenciais importantes de resposta, que proporcionou novos ares na vida da Igreja, cujas conquistas infelizmente experimentaram limitações e resistências nos anos posteriores, não somente por parte da autoridade eclesiástica, mas também pelo posterior conflito nas interpretações do mesmo e de sua aplicabilidade. Ofuscando muitas de suas proposições e especialmente a sua proposta de renovação eclesial, a Igreja foi “engavetando” o novo, dificultando ainda mais sua atuação no mundo moderno. Com isso, muitos problemas permaneceram agravados, sobretudo pelas transformações socioculturais dos últimos cinquenta anos (cf. FRANÇA MIRANDA, 2015, p. 89).

Ainda que com toda a guinada proposta pela renovação conciliar em sua “primavera eclesial” e potencializada na prática, na vida concreta das comunidades e nações pelas Conferências Episcopais, a Igreja foi fazendo aos poucos um caminho inverso e optou por uma postura de autorreferencialidade, distanciando-se uma vez mais da vida das pessoas, de seus problemas, de todo um caminho de abertura, de

colocar na ordem do dia suas tarefas, de participar na resolução dos desafios comuns de toda a humanidade, como a busca pela justiça, a promoção da paz, o desejo de construir no diálogo um caminho de unidade e comunhão com todos. Encerrada novamente em sua “masmorra”, distante de tudo aquilo que parecia uma ameaça, a Igreja viu ruir suas muralhas de dentro para fora quando questionada sobre possíveis irregularidades financeiras, corrupção, disputa interna pelo poder e outros escândalos que culminaram na renúncia de Bento XVI, no fundo a renúncia de um modelo eclesial “arcaico” e sem ressonâncias para os dias de hoje.

Como marca de seu programa pontifício, o papa alemão desenvolveu um modelo eclesial, que até então buscava afirmar a identidade da Igreja, fundamentada, sobretudo, em uma teologia de comunhão, entendendo que a Igreja tinha que atrair pelo testemunho e cuidar das influências da sociedade e da mentalidade moderna, segundo sua maneira de pensar, por demais pluralista e relativista. Tratava-se, na verdade, de um modelo estável que entendia a missão como atração do mundo para si. Em Francisco, percebemos uma inversão de modelo. Para ele, mais do que se defender do mundo, a Igreja tem que ser necessariamente uma Igreja “em saída”, preocupada em renovar a si mesma para exercer sua missão. Precisa ser uma Igreja fundamentada na renovação e no entusiasmo renovador do Evangelho e, por isso, ir ao mundo, servir até humilhar-se, se for necessário (cf. *EG* 24), encarnar-se nas condições humanas, particularmente nas mais sofredoras, e dialogar com o mundo (cf. *EG* 238).

Sem necessariamente antagonizar os dois modelos, é preciso reconhecer que se tratam de duas eclesiologias distintas. A primeira opta pela identidade e pela segurança. A segunda, pela busca permanente de sua identidade no encontro concreto com Cristo no outro. A primeira olha para a crise do mundo com desesperança. A segunda olha para a crise do mundo e para a crise da Igreja com esperança, entendendo que, pela força do Evangelho, tudo pode renovar-se na força do amor, da misericórdia e do diálogo (cf. PASSOS, 2015, p. 28).

Nesse sentido, podemos intuir que, frente às novas exigências, a renúncia de Bento XVI simbolizou muito mais do que um gesto pessoal e pontual. Significou, no fundo, a crise de um modelo eclesial. Mesmo perplexa, assim como toda a sociedade em tempos de mudança, a Igreja não buscou novas respostas para as novas perguntas, pensando que as respostas, que tinha, ainda eram suficientes. Essa maneira de pensar e de agir acabou favorecendo um distanciamento das

peçoas, que não viam mais na Igreja um porto seguro, um espaço de acolhida, mas apenas como uma instituição que estava buscando no fundo defender os seus interesses e os seus pares, esquecendo sua natureza missionária, seu compromisso com a vida, com a realidade que a envolve e acima de tudo o imperativo de tornar presente o Reino de Deus e não eclipsá-lo (cf. *EG* 176, *EN* 17ss).

O gesto da renúncia de Bento XVI, na mudança de época que estamos passando, representa o início de um novo tempo na vida da Igreja. Ela nos possibilitou, contra todo processo de involução eclesial, voltar às fontes, ao essencial, pensar uma nova compreensão da Igreja, de sua missão evangelizadora, do papado, de suas estruturas de um modo geral. Francisco tem nos apontado especialmente a necessidade de profundas reformas institucionais, a começar pela Cúria Romana e seus Dicasterios, na transformação missionária da Igreja (*EG* 15). O ponto de partida é um longo e contínuo processo de conversão pessoal, pastoral e comunitário, no desejo de sermos uma Igreja “em saída” (*EG* 46), que possa sempre ir em direção às “fronteiras”, alcançar as “periferias” (*EG* 20), ir em direção do outro, para redescobri-lo em sua cultura, em sua realidade, como alguém que poderá nos enriquecer e não apenas ensinar (cf. BRIGHENTI, 2014, p. 13).

Em detrimento da figura do Papa tão ultimamente ligada a de um “monarca”, infalível, inquestionável, revestido com roupas que mais caracterizavam Constantino, o Imperador, do que a Pedro, o pescador, Francisco apresentou-se ao mundo com simplicidade, pedindo bênçãos antes de abençoar, fazendo-se irmão de todos. Traz em sua “sacola”, em seu “alforje” a proposta de uma missão renovadora que deve partir primeiramente das estruturas internas da Igreja para o mundo. Sua postura faz-nos voltar às fontes e redescobrir que o Papa é o Bispo de Roma, que preside a Igreja na caridade e na unidade, não como um “déspota”, mas como um pastor. Neste sentido, ele não tem poupado sinceridade e ousadia em seus discursos desde suas primeiras aparições, como nos gestos cotidianos, no sentido de criar uma nova mentalidade, um novo jeito de ser Igreja (cf. PASSOS, 2015, p. 17).

O caminho que se delineia a partir de seus pronunciamentos e posturas aponta que o Francisco de Roma claramente se propõe atualizar a missão e o legado deixado por Francisco de Assis: de restaurar a Igreja. De dentro da instituição de onde vimos eclodir uma profunda crise, brota um novo nome que representa mais do que somente um nome, o qual se traduz, no fundo, em um projeto maior, num programa de vida, em novo paradigma para toda a vida da Igreja.

Mediante a um modelo eclesial, pautado em métodos e posturas que não atendem mais às necessidades da missão evangelizadora da Igreja, faz-se necessário encontrar novos caminhos, novas veredas, redescobrir os valores essenciais. Se prender ao passado, a práticas que já exauriram suas potencialidades históricas e espirituais, ao emaranhado institucional e burocrático, nos tornará cada vez mais incapazes de dirigir-nos ao homem da modernidade, de encontrar uma saída. Neste contexto, a proposta de Francisco para tudo que compõe a Igreja é de reflexão, de coragem, de uma busca constante da novidade, diz-nos: “não tenhamos medo de rever”, “para não tornar pesada a vida dos fiéis, nem transformar a nossa religião numa escravidão” (EG 43).

Vindo de outra experiência de Igreja, que não a europeia “desgastada” pelo tempo, Francisco traz consigo uma Igreja periférica, mais leve, mais colorida, mais flexível e que ganhou os tons e os sons de sua encarnação nas diferentes culturas existentes no continente latino-americano. Sente-se livre para um novo ensaio de Igreja, que esteja à altura dos desafios internos e externos, especialmente face à devastadora crise do sistema-vida e do sistema-Terra, que assola toda a humanidade e que não poupa sequer a Igreja (cf. BOFF, 2014, p. 122).

Francisco tem consciência de que o modelo romanocêntrico e eurocêntrico está “sem saída”, porque não apresenta mais condições de resgatar o frescor do Evangelho e a alegria que a mensagem cristã produz. Gerou-se o que ele chama de “desertificação espiritual” (EG 86). Sua proposta de “refundação” está toda centrada no encontro pessoal com o Jesus da história, dos Evangelhos, pobre, simples e solidário, na compreensão de que toda a renovação da Igreja deve vir imbuída da missão, não como conquista, mas como serviço, uma vez que “a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração” (EG 14).

Diante de toda esta realidade de “desertificação”, de uma missão compreendida durante muito tempo como “sacramentalização”, e acima de tudo de posturas autorreferenciais que têm desfocado a missão evangelizadora da Igreja, Francisco, por meio de sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, convida toda a comunidade dos batizados a refletir como estamos compreendendo o processo de evangelização. Trata-se de repensar seu conceito mais originário, sua aplicabilidade no contexto sociocultural e religioso-eclesial em que estamos inseridos, em vista de uma decidida transformação missionária da Igreja e a construção de uma Igreja “em saída”, “de portas abertas” (EG 46), que se faz caminho em direção do outro e da

vida, de sua realidade como “casa paterna” (EG 47). A proposta de Francisco é a de que possamos redescobrir a alegria de evangelizar, nossa missão evangelizadora, a capacidade de transformarmos e colocarmos tudo aquilo que compõe a vida da Igreja em “chave missionária”.

Esta pesquisa se insere no mesmo movimento do Papa Francisco, no desejo de aprofundar suas proposições e propostas acerca de uma Igreja decididamente missionária, tal como ele expõe na *Evangelii Gaudium*. O objetivo central é analisar o contexto, significado e implicações pastorais para uma Igreja “em saída” segundo sua Exortação.

A missão evangelizadora é o coração da Igreja. Dela depende toda vitalidade, todo dinamismo do anúncio, da pregação do Reino e da defesa da vida e da dignidade humana. Ainda que ela não esteja hoje alinhada com os desafios e necessidades do tempo presente, é possível e preciso repensá-la. Assim sendo, almejamos em nosso trabalho abordar a seguinte questão: como a Igreja marcada historicamente por algumas posturas reacionárias e profundamente mergulhada nas últimas décadas em uma introversão eclesial diante dos novos desafios pastorais, provocada pelas reflexões de Francisco em sua Exortação, pode pensar e reformular a proposta de uma Igreja “em saída”, missionária?

A Igreja vive um momento de alegria e esperança com o pontificado de Francisco. Iluminado pela refontização proposta pelo Vaticano II, oriundo de um país de terceiro mundo, o Papa abre as portas da Igreja para o novo, para os pequenos, para aqueles e aquelas que, há muito tempo estavam longe por não se sentirem acolhidos e respeitados em sua dignidade, cultura ou condição social. O momento de frescor e leveza eclesial, que estamos vivendo, nos faz pensar, a partir da problemática levantada, a seguinte hipótese, que ao longo do trabalho vamos buscar esmiuçar: a missão evangelizadora da Igreja pode ganhar um novo vigor, uma nova tônica, uma nova perspectiva, à medida que vamos compreendendo o contexto, o significado e as implicações pastorais para uma Igreja “em saída”.

Para abordar a problemática e a hipótese fixadas para nosso trabalho, faremos opção por uma metodologia dialógica: na primeira parte de cada capítulo, vamos recolher primeiramente as reflexões de Francisco sobre o tema abordado, para, na segunda parte, alçando mão de alguns comentadores, anteriores e posteriores à Exortação, verificar a base e a amplitude de suas proposições, bem como, suas ressonâncias em consonância com o objetivo principal do trabalho.

Estruturada em três capítulos, a presente pesquisa busca ver o contexto sociopolítico e religioso-eclesial, em que, como Igreja, estamos inseridos, o significado e identidade de uma Igreja “em saída” e as implicações pastorais para sua realização.

No primeiro capítulo de nosso trabalho, o objetivo será refletir (ver) o contexto sócio-eclesial atual de uma Igreja “em saída”. Sendo a Igreja uma instituição histórica, precisamos ter presente o contexto sociocultural e religioso-eclesial, que nos cerca e nos desafia. Recolhendo alguns desafios apontados pela *Evangelii Gaudium*, vamos iniciar nossa reflexão sobre a economia e os seus mecanismos de exclusão, a idolatria do dinheiro que, ao invés de estar a serviço, divide e escraviza as pessoas. Em seguida, passaremos pela questão das desigualdades sociais como geradoras de violência, culminando em uma reflexão sobre cultura, evangelização e pastoral urbana. Posteriormente, ainda buscando compreender o contexto e a realidade que nos cercam, caracterizaremos o contexto religioso eclesial descrito pelo Papa em forma de algumas ameaças que fragilizam o testemunho da Igreja hoje, tais como o individualismo, o relativismo, o pessimismo estéril, o desânimo egoísta, os conflitos internos, que roubam a alegria de evangelizar, de modo particular onde o clericalismo aplaca o protagonismo dos leigos. Terminando esta seção a respeito do contexto enunciado por Francisco, faremos algumas considerações em torno à reflexão da Exortação, apoiada em autores que ecoam, criticamente, a construção de seus argumentos, alguns sinais de apoio à nova compreensão do papado e algumas resistências que ele tem encontrado.

No segundo capítulo, cômicos da realidade que nos cerca e do contexto que nos envolve do ponto de vista sociocultural e religioso-eclesial, nosso objetivo será abordar o significado e identidade de uma Igreja “em saída”, segundo a *Evangelii Gaudium*. Partindo da proposta e do sonho de Francisco, vamos buscar compreender o que ele quer nos dizer com o seu desejo de uma transformação missionária da Igreja. Segundo o texto, trata-se de sair de si, passar de uma “pastoral de conservação” para uma “pastoral de conversão” a partir do coração do Evangelho. Veremos como este projeto de Igreja missionária se encarna nas limitações humanas, como ele se dá entre o que é o essencial e o que é a formulação da mensagem. Isso implica uma Igreja de “portas abertas” e que sempre segue em direção às “periferias”. Na segunda parte do capítulo, tal como no capítulo anterior, a partir do significado e a identidade de uma Igreja em “estado permanente

de missão” apresentado pelo Bispo de Roma, faremos algumas considerações em torno à reflexão da Exortação, apoiada em autores que repercutem, criticamente, suas proposições, levando em consideração a imagem do discipulado como expressão de uma Igreja missionária em contínua renovação e da missão que se dá na contingência da história.

Por fim, no terceiro capítulo, tendo presente o contexto que nos desafia e ao mesmo tempo nos entrelaça, bem como o significado e a identidade de uma Igreja “em saída”, vamos apresentar as implicações pastorais para a efetivação de uma Igreja “em saída”, segundo a *Evangelii Gaudium*. Partindo do texto, colocaremos em evidência que “evangelizar é tornar o Reino presente” (EG 176), bem como os desafios e perspectivas que emanam deste conceito. Vamos também nos debruçar sobre a importância da categoria “povo de Deus”, como sujeito de evangelização, povo de muitos rostos, expressões culturais e maneiras diversas de viver a sua fé, bem como sobre o processo de inculturação, resultado de uma experiência de Deus encarnada em contextos diferentes. Ainda em relação às implicações pastorais para “uma Igreja em saída”, vamos explicitar o conceito de Francisco da evangelização entendida como humanização, bem como, a fé ligada ao compromisso social, a inclusão e opção preferencial pelos pobres, a distribuição de renda e o bem comum, desaguando na importância do diálogo social e a construção da paz. Na segunda parte desta última seção capitular, como realizado nos capítulos anteriores, tomando algumas das implicações pastorais para uma Igreja “em saída”, apontadas pela *Evangelii Gaudium*, teceremos algumas considerações, destacando a missão enquanto evangelização integral, os laços intrínsecos entre evangelização e promoção humana e alguns deslocamentos necessários para uma Igreja “em saída”, missionária.

Ao término de nosso trabalho naturalmente não vamos ter esgotado toda a reflexão acerca da proposta de Francisco de uma Igreja “em saída”, mesmo porque não é esta a pretensão dessas páginas. O objetivo é proporcionar, a partir de uma reflexão sistemática, a problematização do tema, levando a cada um de nós a pensar sobre a sua importância para a vida e a missão da Igreja, de modo especial no contexto eclesial, em que estamos inseridos, de muita esperança. O clima de liberdade e abertura que estamos vivendo como Igreja, nos permite alçar novos voos, sonhar novos sonhos com o Papa Francisco, nesta “primavera eclesial” tanto esperada que ele reinaugurou.

## **2. O CONTEXTO ATUAL DE UMA IGREJA “EM SAÍDA” SEGUNDO A *EVANGELII GAUDIUM***

Dado que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176), não só importante é a mensagem, como o terreno no qual ela será semeada. Por isso, *Evangelii Gaudium* dedica todo um capítulo para situar a Igreja no contexto sócio-ecclesial atual, condição para uma evangelização eficaz.

De modo muito sábio, como a Igreja está no mundo e existe para a salvação do mundo, antes de olhar para si mesma, a Exortação inicia situando a Igreja no contexto da sociedade de hoje. E ao contrário das análises culturalistas, que têm marcado os diagnósticos dos segmentos conservadores da Igreja nos últimos tempos, *Evangelii Gaudium* começa pelo aspecto econômico, passa pelo social, para desembocar no cultural. Colocam-se em evidência as anomalias na produção e divisão de riquezas, gerando como frutos, a pobreza, a miséria e a exclusão, em todos os sentidos, com consequências para a encarnação da fé, numa cultura predominantemente urbana, marcada pela mercantilização das relações sociais.

Na sequência, vem uma análise da situação da Igreja dentro do mundo de hoje, que o Papa faz em forma de enumeração das principais “tentações dos agentes de pastoral”. De modo muito direto e certo, se colocam em evidência os principais entraves encontrados, hoje, nos processos de evangelização: o individualismo e o relativismo, o desânimo egoísta e o pessimismo estéril, uma espiritualidade sem comunidade e o “mundanismo espiritual”, com destaque para os conflitos internos nas comunidades eclesiais, que têm no clericalismo, de clérigos e leigos, uma das causas principais.

Este capítulo terá dois momentos: no primeiro, nos limitaremos a apresentar o diagnóstico do contexto social e ecclesial, conforme apresenta a Exortação. No segundo momento, faremos algumas considerações do alcance e dos limites da leitura que o documento proporciona do contexto sócio-ecclesial, com o objetivo de averiguar, em que medida, a leitura da realidade atual permite uma evangelização capaz de encarnar o Evangelho do Reino, na trama das relações humanas, sociais e institucionais do mundo de hoje.

A Igreja, como instituição humana e histórica, realiza sua missão inserida no mundo, e a partir dele, precisamos olhar com mais atenção para tudo aquilo que nos cerca superando posturas de indiferença e ausência de compromisso com a vida. Se

faz necessário ouvirmos os clamores da humanidade, sermos mais solidários com os pobres, cada vez mais pobres, com os crucificados do tempo presente. Como Igreja, devemos redescobrir nossa “natureza missionária” (AG 2), nosso compromisso de ser no mundo um “sacramento universal de salvação” (AG 1).

Comprometida em tornar o Reino de Deus presente no mundo (EG 176) a Igreja deve se empenhar na superação de todo tipo de postura de autorreferencialidade. No momento presente, fechar-se ao mundo e às pessoas e se colocando apenas na defensiva, fará com que se ergam ainda mais os muros de separação entre a vida e a fé, entre o humano e o divino, entre o pastoral e o institucional, ofuscando-se, assim, a beleza e o encanto da proposta do Evangelho, a pessoa de Jesus, a grandeza presente na missão evangelizadora.

## 2.1. ALGUNS DESAFIOS DO MUNDO ATUAL

Tomando então os argumentos e a análise de Francisco, temos como intento para a primeira parte de nosso capítulo, perpassar alguns dos desafios do mundo atual elencados por ele, como realidades que compõem o contexto sociopolítico, no qual, como Igreja, estamos inseridos. Partiremos da análise da situação da economia e a sua capacidade de exclusão, na perspectiva de uma nova idolatria do dinheiro, um dinheiro que muitas vezes governa ao invés de servir, desembocando nas desigualdades sociais, geradoras de violência. A análise da situação do mundo de hoje termina com um olhar sobre as culturas e a evangelização, dando um destaque para as culturas urbanas e a sua interpelação para a missão nos grandes centros urbanos.

### 2.1.1. Uma economia da exclusão

Segundo a *Evangelii Gaudium*, a partir de um olhar sobre a realidade e o contexto em que estamos inseridos, percebemos que estamos em um momento de “virada histórica”. O avanço científico e tecnológico, no bojo de suas transformações e do progresso fornecido, trouxe melhorias nos mais variados âmbitos da sociedade, como na saúde, na educação, na comunicação e em outros setores, fazendo com que não possamos negar os frutos que brotaram. Todavia, como tudo na vida é marcado pela ambiguidade, não podemos esquecer que todos estes avanços não

chegaram para boa parte dos homens e das mulheres do tempo presente, causando inúmeras frustrações pessoais, comunitárias e sociais (cf. *EG 52*).

Para Francisco, todo o burburinho e a alegria de uma sociedade em constante crescimento e desenvolvimento se tornaram, para muitos, um pesadelo onde o medo e o desespero apoderaram-se do coração de muitos homens e mulheres, tirando o seu brio de viver, criando uma divisão entre ricos e pobres, classes sociais, distinção entre as pessoas, especialmente, entre os que têm poder de consumir e os que ficavam à margem da sociedade como não consumidores. Assim, aquilo que seria de todos, passou a pertencer apenas a alguns, que fomentaram e difundiram uma “economia da exclusão”, que mais mata do que gera a vida (cf. *EG 53*).

Fazendo um contraponto, entre a economia e o quinto mandamento da Lei de Moisés, pondera Francisco:

Assim como o mandamento “não matar” põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, hoje devemos dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”. Não é possível que a morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão (*EG 53*).

Em nome de uma sociedade, que só visa o produzir e o consumir, não podemos mais permitir, por exemplo, o desperdício de alimentos, enquanto muitos passam e morrem de fome, nas palavras de Francisco: “isso é uma forma de exclusão social”. Infelizmente, o que tange hoje as relações sociais é a competitividade, onde não nos importamos com o outro, pelo contrário, o vemos como um adversário, onde vence o mais forte e o poderoso engole o mais fraco (cf. *EG 53*).

Como resultado dessa maneira de pensar e de agir, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. “O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo, que se pode usar e depois lançar fora. Assim, teve início a cultura do ‘descartável’, que, aliás, chega a ser promovida” (*EG 53*).

Podemos dizer então, que já não há mais um fenômeno de simples exploração e opressão, mas o florescimento de uma nova realidade: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas e nos bairros periféricos, não é considerado mais pessoa ou cidadão, é um excluído, como denuncia Francisco, “sobras ou resíduos” sociais.

Refletindo sobre aqueles que pensam que todo crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir igualdade e inclusão social no mundo, Francisco, nos recorda, que tais teorias nunca foram comprovadas e que na prática seria muito ingênuo, de nossa parte, confiar na bondade dos que detêm o poder econômico, que fazem apenas com que os excluídos, continuem simplesmente a esperar e a clamar por sua dignidade, que fora violada (cf. *EG 54*).

Como apologia deste sistema econômico e social, criou-se um estilo de vida que exclui os outros, um modo de viver egoísta, fomentando-se, assim, uma “globalização da indiferença”. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de ter compaixão do outro, ouvir os clamores alheios, já não choramos a dor de nossos irmãos e irmãs, nem nos preocupamos em cuidar de suas vidas ou feridas, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe (*EG 54*).

A cultura do “bem-estar” anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade e a reflexão crítica se o mercado oferece um produto ou algo que ainda não compramos, enquanto, todas as vidas ceifadas por falta de possibilidade, nos parecem um mero “espetáculo”, que não nos incomoda de forma alguma. A partir dessa forma de pensar e de agir, a pobreza e a miséria tornam-se “paisagem”, algo que não nos questiona e vamos assumindo com normalidade, sem nos tirar o sono ou a paz. Ficamos com o dinheiro e descartamos a vida humana (cf. *EG 54*).

#### a) A nova idolatria do dinheiro

Para a *Evangelii Gaudium*, a idolatria do dinheiro se dá pela forma como nos relacionamos com ele. Aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades e culturas. Toda crise financeira revela no fundo uma grande e profunda crise antropológica: a negação da primazia do ser humano, do seu valor supremo, inestimável e incalculável, frente às riquezas e os bens de consumo, que são tão somente produtos.

A partir da perspectiva bíblica, Francisco analisa:

Criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (Cf Ex 32,1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e, sobretudo, a grave carência

de uma orientação antropológica, que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo (EG 55).

Ao mesmo tempo em que vemos os lucros de poucos crescerem de maneira exorbitante, boa parte da população vai ficando cada vez mais distante da “sociedade do bem-estar” e desta minoria feliz que tem acesso a tudo. Essa maneira de viver e de pensar encontra respaldo em algumas teorias, que defendem a autonomia absoluta dos mercados, o não controle direto do Estado, encarregado de zelar pelo bem comum, instaurando-se, assim, uma tirania invisível, às vezes virtual, que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras (EG 56).

Como resultado dessa idolatria do dinheiro e uma economia de exclusão, cada vez mais globalizada, muitos países, mergulham em profundas dívidas e juros, que os afastam das possibilidades viáveis de sua economia e os seus cidadãos de seu real poder de compra. A tudo isso, soma-se, a corrupção muitas vezes ramificada e a evasão fiscal egoísta, que alcança cada vez mais dimensões mundiais.

Tomando como ponto de partida essa lógica, a ambição e o poder não conhecem limites. Neste sistema, que tende a ludibriar tudo para aumentar os benefícios e lucros, qualquer realidade, situação ou condição que seja frágil, como por exemplo, o meio ambiente, fica indefeso diante dos interesses do “mercado divinizado”, transformados em regra absoluta. Em nome do dinheiro tudo é permitido (cf. EG 56).

#### b) Um dinheiro que governa em vez de servir

Para Francisco, escondido em meio a esta atitude, existe no fundo uma “rejeição da ética e uma profunda recusa de Deus”. Para quem está imerso na idolatria do dinheiro, a ética é uma coisa antiquada, demasiadamente humana, uma ameaça, pois, relativiza o dinheiro e o poder, condena a manipulação e a degradação da pessoa. Sendo a ética uma forma de cuidar, ela conduz a Deus, que espera de nós uma resposta comprometida, que vai além e está fora das categorias do mercado (cf. EG 57).

Fazendo um comparativo entre o desejo de posturas mais éticas, e a experiência de Deus, para quem está imerso na idolatria do dinheiro, ambas as

realidades, são vistas por essa maneira de agir e pensar como perigosas. Deus neste contexto é temido, pois sendo incontável, não manipulável, pode chamar o ser humano à sua plena realização e à independência de qualquer tipo de escravidão. A experiência de Deus, e uma ética não ideologizada, são capazes de criar um equilíbrio e uma ordem social mais humana. Citando São João Crisóstomo, Francisco, pede que levemos em consideração suas palavras proferidas na Antiguidade: “Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos” (EG 57).

Diante desta reflexão, somos impelidos a buscar uma reforma financeira, que tivesse em conta a ética, pois esta exigiria uma vigorosa mudança de atitude por parte dos dirigentes políticos e de toda sociedade. O dinheiro deve servir, e não governar, não deve ter a última palavra sobre a vida humana e suas relações. O Sumo Pontífice, recorda que ama os ricos e pobres, mas, que em nome de Cristo, deve lembrar aos ricos que estes devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los. Em suas palavras: “exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano” (EG 58).

### **2.1.2. A desigualdade social que gera violência**

Frisa a *Evangelii Gaudium*, que muitas vezes associamos a violência somente às pessoas que se comportam de maneira violenta, como se quisessem agir assim de maneira deliberada ou isolada. Enquanto não eliminarmos a exclusão e a desigualdade, dentro da sociedade e entre os povos, será impossível desarraigar a violência e termos mais segurança.

Acusam-se de violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há de provocar a explosão. Quando a sociedade – local, nacional, mundial – abandona uma parte de si mesma na periferia, não há programas políticos nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade (EG 59).

Tudo isso, não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas, porque o sistema social e econômico é injusto na raiz. Da mesma forma, que o bem tende a se espalhar, o mal consentido, que é a injustiça, tende a expandir a sua força nociva e a minar,

silenciosamente, as bases de qualquer sistema político e social, por mais forte que pareça (cf. *EG 59*).

Se bem sabemos, que cada ação tem suas reações e consequências, um mal emaranhado nas estruturas de uma sociedade, sempre contém um potencial de dissolução e de morte. É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual, não podemos esperar um futuro melhor. Para o Papa Francisco, estamos longe do chamado “fim da história”, tendo em vista que, as condições de um desenvolvimento sustentável e pacífico, ainda não estão adequadamente implantadas e realizadas (*EG 59*).

A estrutura da economia atual promove um consumo descontrolado e desenfreado, que juntamente com a desigualdade e a exploração, promovem um grande dano em nosso tecido social. Neste esquema, mais cedo ou mais tarde, tal situação favorece o florescimento da violência, que, muitas vezes, a corrida armamentista busca resolver e naturalmente não resolverá jamais. Repressão e violência só geram mais violência e novos e piores conflitos (cf. *EG 60*).

Como frisa o Papa, de nada adianta simplesmente culpar os pobres e os países pobres de seus próprios males, a partir de generalizações indevidas, ou ainda encontrar a solução numa “educação” que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos. Na mesma direção, de oferecermos a possibilidade do outro ter um pensamento crítico sobre a sua vida e o mundo que o circunda, precisamos superar a corrupção que age como “câncer social” e gera a violência, somente assim, partilhando aquilo que é de todos e para todos, poderemos construir uma “cultura de paz” (*EG 60*).

### **2.1.3. Alguns desafios à inculturação da fé**

Para a *Evangelii Gaudium*, a evangelização passa naturalmente pela busca e o desejo de enfrentar os desafios, que vão se apresentando ao longo do caminho. Intolerância religiosa, perseguição aos cristãos, indiferença relativista, crise e desilusão frente às ideologias, busca de verdades subjetivas e próprias, compõem um cenário extremamente desafiador para vida social e de modo particular para o anúncio do Evangelho (cf. *EG 61*).

a) A ambiguidade da cultura dominante

Fazendo um diagnóstico da realidade cultural, nos fala Francisco:

Na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede lugar à aparência. Em muitos países, a globalização comportou uma acelerada deterioração das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas, mas eticamente debilitadas (EG 62).

Segundo a *Evangelii Gaudium*, o modelo cultural dominante, visa transformar as culturas e realidades em simplesmente “mecanismos ou partes de uma engrenagem gigantesca”. Grande impulso para essa transformação vem dos meios de comunicação social, sediados na parte norte do mundo. Estes veículos de comunicação, nem sempre levam em consideração as necessidades e particularidades de cada localidade ou país, provocando a destruição da identidade, dos traços culturais, dos valores, muito próprios de cada região (EG 62).

Sendo a fé uma dimensão presente na vida humana e nas culturas, também ela sofre influências do momento histórico, que estamos passando. A proliferação de novos movimentos religiosos, alguns com tendência ao fundamentalismo, outros ainda que parecem propor uma “espiritualidade sem Deus”, são sinais de resposta a uma sociedade materialista, consumista e individualista, e manifestam ainda as carências de nossa população, que na precariedade, na pobreza de vida e condições sociais buscam soluções e respostas imediatas para as suas necessidades (EG 63).

Esses movimentos religiosos se caracterizam pela penetração sutil em meio às comunidades e vida das pessoas, trazem no bojo de suas propostas, suplantar um individualismo reinante e o vazio deixado pelo racionalismo, além de oferecer aos fiéis um sentido de pertença, que não encontravam na Igreja por esta muitas vezes não oferecer um clima acolhedor e gastar mais suas energias com a dimensão administrativa do que com a pastoral.

Para Francisco, evangelizar nesse contexto de novos e imensos desafios culturais exige irmos além da sacramentalização, redescobrir o sentido da fé que não pode se reduzir ao âmbito privado e íntimo, combater o relativismo moral e ético, que diz que tudo é permitido, e nada mais é pecado do ponto de vista pessoal e social. A refletir, especialmente com nossa juventude, que o direito do indivíduo não está acima do bem comum e que, mergulhados na sociedade da informação, não podemos tratar com superficialidade questões inerentes à vida como um todo.

“Torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (EG 64).

Como todas as comunidades e vínculos sociais, a família atravessa também uma crise cultural profunda. Essa crise traz danos profundos à sociedade, pois a família é a base de tudo, é o espaço em que se aprende a conviver na diferença, a desenvolver o sentimento de pertença e de cuidado, além de um local privilegiado para a transmissão da fé e dos valores. Na crise das famílias, o matrimônio tende a ser visto como mera gratificação afetiva, constituído e destituído de qualquer maneira e a qualquer tempo, sem o mínimo de compromisso com o outro ou com a vida social de um modo geral (cf. EG 66).

Frente ao individualismo pós-moderno e globalizado, que favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares, a ação pastoral e missionária deve mostrar que, a exemplo de nosso relacionamento com Deus, que cura e gera comunhão, devemos promover e fortalecer os vínculos interpessoais. Frisa Francisco, em comunhão com setores da sociedade que acreditam em um novo mundo possível, a Igreja é chamada a “construir pontes, estreitar laços”, fortalecer o “desenvolvimento social e cultural” (EG 67).

#### b) Distinguir valores e anti-valores

Tendo refletido, até o presente momento, sobre o reconhecimento, a redescoberta, a valorização e o respeito da cultura de cada país e região do ponto de vista econômico, político e social, Francisco busca estender essa discussão também para o campo da fé e da missão evangelizadora da Igreja.

Segundo a *Evangelii Gaudium*, na história de alguns povos e nações, especialmente ocidentais, encontramos de maneira muito viva uma reserva moral que guarda valores de um autêntico humanismo cristão. Destacando o pensamento de que em cada cultura existem de antemão as “sementes do Verbo”, diz o texto:

Um olhar de fé sobre a realidade não pode deixar de reconhecer o que semeia o Espírito Santo. Significaria não ter confiança na sua ação livre e generosa pensar que não existem autênticos valores cristãos, em que uma grande parte da população recebeu o Batismo e exprime de variadas maneiras a sua fé e solidariedade fraterna. Aqui há que reconhecer muito mais que “sementes do Verbo”, visto que se trata de uma autêntica fé

católica com modalidades próprias de expressão e de pertença à Igreja (EG 68).

Uma cultura marcada pela fé, ainda que com seus limites e peculiaridades, pode fazer toda a diferença na vida das pessoas onde ela está inserida. Os valores presentes nessa cultura, como a solidariedade e a busca constante pela paz, são capazes de provocar um intenso desenvolvimento social, político e religioso, favorecendo relações humanas mais fraternas e humanizadas. Há uma necessidade de evangelizar as culturas, mas, sobretudo, deixar-se evangelizar por elas (cf. EG 68).

Conforme nos diz Francisco, “nos espaços de tradição católica somos chamados a acompanhar, cuidar e fortalecer as riquezas que cada cultura trás em si, que já existem”. Em realidades marcadas por outras expressões religiosas, devemos descobrir novos processos de evangelização, levando sempre em conta que “cada cultura vive um processo de evolução, purificação e amadurecimento”. Assim, evangelizar as culturas e se deixar evangelizar por elas, pode nos exigir certo tempo (EG 69).

No caso das culturas populares de povos católicos, podemos reconhecer algumas fragilidades, que precisam ser curadas pelo Evangelho à luz dessa dimensão processual que estamos falando. O alcoolismo, a violência doméstica, uma escassa participação na Eucaristia, crenças fatalistas, imediatistas ou supersticiosas, são sinais de que precisamos fortalecer a reflexão e a consciência de fé do povo de nossas comunidades além da piedade popular.

A piedade popular entendida na reflexão de Francisco, não é algo marcado por formas exteriores, por supostas revelações privadas, uma maneira intimista de se viver a fé ou as devoções, mas uma dimensão que deve perpassar a promoção social e a formação dos fiéis, especialmente no momento histórico que estamos vivendo, marcado pelas injustiças sociais e pela quebra na transmissão dos valores e da vivência da fé (cf. EG 70).

Segundo a *Evangelii Gaudium*, algumas causas desta ruptura e fragmentação na transmissão e vivência da fé são a “falta de espaços de diálogo familiar”, “à influência dos meios de comunicação”, o “subjetivismo relativista”, o “consumismo desenfreado” que o mercado impulsiona, a “falta de cuidado pastoral pelos mais pobres”, a “inexistência de um acolhimento cordial em nossas instituições”, bem como a dificuldade que sentimos em “recriar a adesão mística da fé num cenário

religioso pluralista”. Estas se descortinam como um grande desafio para a evangelização das culturas especialmente nos grandes centros e regiões metropolitanas (cf. *EG 70*).

### c) As culturas urbanas como novas possibilidades

Mediante a realidade política e social que estamos vivendo, a cidade tornou-se um grande desafio para a evangelização das culturas urbanas. Fazendo referência à “nova Jerusalém, a cidade santa” (Ap 21, 2-4), Francisco, nos recorda, que mesmo sendo a cidade uma realidade marcada por tantos desafios, a plenitude da humanidade e da história se realiza em uma cidade, por isso, somos convidados a identificar, a partir de um olhar contemplativo e de fé, o Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças (*EG 71*).

A presença de Deus acompanha a busca sincera de homens e mulheres que, nos grandes centros urbanos, desejam encontrar apoio e sentido para a sua vida. Deus vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade e de justiça. Mais do que uma presença a ser criada, ela precisa ser descoberta, desvendada. Deus não se esconde dos que o buscam de coração sincero, ainda que o façam com os limites e imprecisões humanas.

Analisando a experiência religiosa na cidade, nos fala Francisco:

Na cidade, o elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que difere do estilo das populações rurais. Na vida cotidiana, muitas vezes os cidadãos lutam para sobreviver e, nessa luta, esconde-se um sentido profundo da existência que habitualmente comporta também um profundo sentido religioso. Precisamos contemplá-lo para conseguirmos um diálogo parecido com o que o Senhor teve com a Samaritana, junto do poço onde ela procurava saciar a sua sede (Cf. Jo 4,7-26) (*EG 72*).

Para Francisco, novas culturas continuam a formar-se nas grandes cidades, em que o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho. Frisa o Papa: No coração da cidade encontramos um espaço privilegiado para uma “nova evangelização” pautada em “novos espaços de oração e comunhão com

características inovadoras, atraentes e significativas para as populações urbanas” (EG 73).

Assim como os ambientes urbanos, os rurais, devido aos meios de comunicação em massa, não estão imunes dessas transformações culturais que operam mudanças significativas nas suas formas de vida. Torna-se, então, necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros, e com o ambiente, e que desperte os valores essenciais (cf. EG 73).

Afirma a *Evangelii Gaudium*, que no contexto das grandes cidades, o Evangelho precisa chegar ao núcleo mais profundo, onde as novas histórias e paradigmas estão sendo concebidos, na alma e no coração dessas pessoas. Assim, como as cidades guardam uma multiplicidade de estilos e pessoas, elas são também marcadas pela multiplicidade cultural. Entre ruas e praças, há uma trama em que grupos de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, construindo-se novos setores de vida humana, organizados em territórios culturais, em “cidades invisíveis” dentro de uma mesma cidade (cf. EG 74).

Como resultado da convivência dessas mais variadas formas culturais nos ambientes urbanos, surgem a segregação e a violência, as periferias e as desigualdades sociais, onde muitos, na linguagem de Francisco, são tidos como: “não cidadãos”, “meio-cidadãos” ou “resíduos urbanos”. Nessa realidade, marcada por ambiguidades, avanços, retrocessos, protestos, reivindicações, que não podem ser caladas, mas interpretadas, a Igreja é chamada a ser servidora de um “diálogo difícil”, mas extremamente necessário (cf. EG 74).

Refletindo ainda sobre os desafios das culturas urbanas, em vista de uma “Igreja em saída”, Francisco no diz:

Não podemos ignorar que, nas cidades, facilmente se desenvolve o tráfico de drogas e de pessoas, o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e de doentes, várias formas de corrupção e crime. Ao mesmo tempo, o que poderia ser um precioso espaço de encontro e solidariedade, transforma-se muitas vezes num lugar de retraimento e de desconfiança mútua. As casas e os bairros constroem-se mais para isolar e proteger do que para unir e integrar. A proclamação do Evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer derramar nas cidades vida em abundância (cf. Jo 10,10) (EG 75).

No coração e na centralidade do Evangelho, encontramos um sentido para a vida das pessoas que habitam as cidades. Precisamos apenas levar em conta, que

um programa e um estilo uniformes e rígidos de evangelização não são adequados para estas realidades tão diversas. No entanto, viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão, e fecunda a cidade.

Para o Papa, ainda que estejamos diante de uma forte corrente secularista, e imersos em contextos eclesiais extremamente urbanizados, e marcados pela multiculturalidade, mesmo em países em que o cristianismo seja minoria, a Igreja Católica é uma instituição de muita credibilidade. Perante a opinião pública e nestes espaços é reconhecida no âmbito da solidariedade, na preocupação com os mais pobres e fragilizados, na mediação de conflitos, na construção da paz, na defesa da vida e dos direitos humanos e na difusão do conhecimento. Não estamos no “fim da história”. É preciso encher o coração de esperança e continuar caminhando (cf. *EG* 65).

Tendo percorrido até o presente momento, sob a ótica de Francisco, alguns dos desafios do mundo atual, seus desdobramentos e implicações para a evangelização no que tange à construção e à efetivação de uma “Igreja em saída”. Vamos agora analisar, seguindo ainda suas intuições, algumas ameaças que fragilizam o testemunho da Igreja hoje, presentes nos gestos, posturas e atitudes de muitos agentes de pastoral e que atravancam o desenvolvimento da missão evangelizadora da Igreja.

## 2.2. AMEAÇAS QUE FRAGILIZAM O TESTEMUNHO DA IGREJA HOJE

Após elencar alguns dos desafios do mundo atual, apresentados pela *Evangelii Gaudium*, vamos agora elencar igualmente alguns desafios oriundos da situação da Igreja na atualidade. Seguindo a ordem do próprio Documento, iniciaremos nosso percurso falando do individualismo e o relativismo, seguidos do desânimo egoísta e o pessimismo estéril, passando por uma concepção de espiritualidade sem comunidade, para desembocar no mundanismo espiritual. Na sequência, o Papa coloca em relevo os conflitos internos, com destaque para o clericalismo em detrimento do protagonismo dos leigos.

Como fio condutor de sua reflexão, mais do que falar das atividades específicas, daquilo que se realiza, Francisco faz uma análise contemplando os desafios que os agentes de pastoral enfrentam, imersos na cultura globalizada atual.

Em meio às fraquezas humanas e o seu limite no agir pastoral, frisa o Papa que é preciso lembrar “tantos cristãos que dão a vida por amor”, ajudando os mais pequeninos e excluídos, nas mais variadas realidades e locais, comunicando valores de fé e de vida inspirados na pessoa de Jesus Cristo (cf. *EG 76*).

De acordo com a *Evangelii Gaudium*, apesar do empenho e dedicação, “como filhos desta época”, todos estamos de algum modo sob o “influxo da cultura globalizada atual”, “que sem deixar de apresentar valores e novas possibilidades, pode também limitar-nos, condicionar-nos e até mesmo nos persuadir”. Frisa a Exortação, que precisamos cuidar de nossos agentes de pastoral, “criar espaços de partilha” de suas “questões mais profundas” e “quotidianas”, “lugares de oração” e “regeneração da fé”, no intuito de orientar para “o bem e a beleza” as próprias opções “individuais e sociais” (cf. *EG 77*).

### **2.2.1. O individualismo e o relativismo de muitos agentes de pastoral**

Influenciados pela “cultura do bem-estar” e pelo individualismo presente de uma maneira muito concreta em nossa sociedade, em muitos agentes de pastoral, mesmo em pessoas consagradas, como nos recorda o Papa Francisco, podemos notar uma descomunal preocupação pelos espaços pessoais de autonomia e uma espécie de relaxamento frente às responsabilidades como se essas não fizessem parte de nossa vida, como se não constituíssem também a nossa identidade.

Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Podemos constatar que frente a esse quadro surgem três males, que se alimentam entre si e ferem o ideal de construirmos uma “Igreja em saída”. São eles: “o individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor” (*EG 78*).

A respeito da cultura midiática na vida dos agentes de pastoral, Francisco alerta:

A cultura midiática e alguns ambientes intelectuais transmitem, às vezes, uma acentuada desconfiança quanto à mensagem da Igreja, e certo desencanto. Em consequência disso, embora rezando, muitos agentes de pastoral desenvolvem uma espécie de complexo de inferioridade que os leva a relativizar ou esconder a sua identidade cristã e as suas convicções (*EG 79*).

Essa realidade acaba por gerar um círculo vicioso, pois, à medida que o agente não se sente feliz com o que é, com o que faz, não se identifica com a missão evangelizadora, fragilizando a sua entrega e o seu compromisso com essa causa tão importante. Mediante essa crise, o agente acaba por sufocar a alegria da missão por se sentir igual a todos, dedicando apenas um tempo limitado e um mínimo de esforço possível (cf. *EG 79*).

Como atesta Francisco, além do relativismo missionário, doutrinal, nota-se o desenvolvimento nos agentes de pastoral de um relativismo ainda mais perigoso. Este tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta. Em suas palavras: “este relativismo prático, está pautado em um viver como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (cf. *EG 80*).

A respeito desse relativismo prático, que afeta até mesmo aqueles que aparentemente tinham sólidas convicções doutrinárias e espirituais, muitos se deixam levar pela falsa segurança do poder econômico, pela busca desenfreada de poder e glória, que se desejam a qualquer custo, esquecendo de que o sentido pleno para a nossa vida ganhamos à medida que a doamos para os irmãos e para a missão. Na direção da superação do individualismo, e de tantos relativismos, exclama Francisco: “Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!” (*EG 80*).

### **2.2.2. O desânimo egoísta e o pessimismo estéril**

Para o Papa, na mesma proporção que cresce a necessidade de implantarmos e vivermos a partir de um maior dinamismo missionário, cresce também, em meio à boa parte dos leigos, o temor ao convite para realizar qualquer atividade pastoral, no intuito de não ter qualquer compromisso que possa lhes roubar seu tempo livre. Essa realidade não afeta somente os leigos, mas também sacerdotes, que se preocupam obsessivamente com o seu tempo pessoal e com os seus espaços de autonomia (cf. *EG 81*).

#### **a) O desânimo que paralisa**

Leigos e sacerdotes, muito preocupados apenas consigo e com sua vida pessoal, afetam drasticamente o ser missionário da Igreja. A missão, vista sempre como o coração da vida eclesial, é muitas vezes interpretada como um “veneno perigoso e não uma resposta alegre ao amor de Deus, que nos convoca para a missão evangelizadora e nos torna completos e fecundos”. Resistindo à missão, muitos se contentam com um desânimo egoísta e paralisante (EG 81).

Segundo a *Evangelii Gaudium*, um dos argumentos encontrados para sustentar o desânimo e o não desejo de mudança está no excesso de atividades, que todos são chamados a desempenhar. Mas, um olhar acurado é capaz de nos revelar que o problema não está na quantidade, mas na maneira que vivemos e desempenhamos essas atividades, vividas muitas vezes sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável (cf. EG 82).

Sem colocar o coração ou um sentido claro para aquilo que fazemos, as atividades e as obrigações sempre vão pesar mais do que aquilo que é razoável, muitas vezes, inclusive, fazendo adoecer. “Não se trata de uma fadiga feliz, mas tensa, gravosa, desagradável e, em definitivo, não assumida” (EG 82).

O desânimo egoísta, ligado à vida pastoral, pode ter várias origens, segundo Francisco:

Alguns caem nele por sustentarem projetos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que poderiam razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolução dos processos e querem que tudo caia do Céu; outros, por se apegarem a alguns projetos ou a sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade; outros, por terem perdido o contato real com o povo, em uma despersonalização da pastoral que leva a prestar mais atenção à organização do que às pessoas, acabando assim por se entusiasmarem mais com a “tabela de marcha” do que com a própria marcha. Outros ainda caem na acedia, por não saberem esperar e quererem dominar o ritmo da vida. A ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos faz os agentes pastorais não tolerarem facilmente tudo o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz (EG 82).

Assim, a partir desse panorama, retomando uma reflexão de seu predecessor, Francisco, nos diz que “se gera a maior ameaça, que é ‘o pragmatismo cinzento’ da vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas, na realidade, a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez”. Desenvolve-se a “psicologia do túmulo”, que pouco a pouco transforma os cristãos em “múmias de museu”. Desiludidos com a realidade, com a

Igreja ou consigo mesmos, vivemos constantemente tentados a apegar-nos a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como “o mais precioso elixir do demônio” (EG 83).

Convocados para iluminar e comunicar a vida, corremos o risco de nos deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico e missionário. Por tudo isto, insiste com cada um de nós o Papa Francisco: “não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização” (EG 83).

#### b) O pessimismo dos profetas de desgraças

De acordo com a *Evangelii Gaudium*, frente a todo tipo de postura pessimista, de pessoas que são capazes apenas de enxergar ruínas, prevaricações, o fim do mundo e da história, precisamos fazer novas as palavras de João XXIII, que condenou na abertura do Concílio aqueles a quem denominou “profetas da desgraça”. Em consonância com o “Papa bom”, Francisco nos diz que tamanha é a alegria do Evangelho, que nada nem ninguém podem arrancá-la de nós (Jo 16,22). Os desafios do tempo presente não podem ser encarados como desculpa para reduzir a nossa alegria, nossa entrega e o nosso ardor na missão evangelizadora de uma Igreja sempre “em saída” (EG 84).

Contemplando a missão e o ser da Igreja, uma das tentações mais sérias que sufocam o fervor e a alegria de nossos agentes de pastoral é a “sensação de derrota” que nos transforma em pessimistas, tristes e desencantados, nas palavras de Francisco, com “cara azeda” (EG 85). Ninguém pode começar um trabalho, uma missão, um apostolado, sem acreditar que tudo correrá bem. Quem começa sem confiança perdeu de antemão metade da batalha e “enterra os seus talentos” (Mt 25,25).

A partir da ótica da cruz e do Calvário, Francisco nos ensina que, embora com a dolorosa consciência de nossas próprias fraquezas, devemos seguir em frente, sem nos dar por vencidos, confiando na graça do Senhor, que se manifesta na fraqueza (2Cor 12,9). Em suas palavras:

O triunfo cristão é sempre uma cruz, mas cruz que é, simultaneamente, estandarte de vitória, que se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal. O mau espírito da derrota é irmão da tentação de separar prematuramente o trigo do joio, resultado de uma desconfiança ansiosa e egocêntrica (EG 85).

Como atesta a *Evangelii Gaudium*, na base desse pessimismo estéril se encontra uma espécie de “desertificação espiritual”, resultado de um projeto civilizacional onde Deus não faz parte de sua construção ou onde se destroem as suas raízes cristãs. Outros elementos que contribuem para essa aridez espiritual são, por exemplo, a realidade de muitos países, que têm resistência ao cristianismo, obrigando as pessoas a viverem sua fé na clandestinidade, cuja dificuldade na família e no trabalho é de também cultivarem sua fé e o compromisso eclesial (cf. *EG 86*).

Contudo, como frisa Francisco, nossa tradição mística e espiritual, nos ensina que é a partir da experiência de deserto, do vazio, que podemos reencontrar a alegria de crer, a sua importância vital para nós. No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida. Olhando para tantos “desertos”, podemos constatar inúmeros sinais da “sede de Deus”, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos de modo implícito. São nestes espaços de “sede” e de “ausência de sentido”, que há a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem um caminho para a “Terra Prometida”, mantendo assim “viva a esperança” (*EG 86*).

De qualquer modo, frente a tanto pessimismo, a tanta sede de Deus e de sentido, como nos ensina o Papa, nesses ambientes e realidades, somos chamados a ser “pessoas-cântaro” para dar de beber aos outros. Às vezes, o cântaro transforma-se em uma pesada cruz, mas foi precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, se entregou como fonte de água viva. Insiste: “não deixemos que nos roubem a esperança” (*EG 86*).

### **2.2.3. Uma espiritualidade sem comunidade**

De acordo como a Exortação, estamos vivendo em um momento histórico aonde as redes e os demais instrumentos da comunicação chegaram às marcas de desenvolvimento e tecnologia jamais pensados ou esperados. Aquilo que deveria ser para aproximar as pessoas, acabou por se tornar um grande desafio para o encontro, para a “mística” de vivermos juntos, “encontrar-nos”, “dar o braço”, para o ser efetivamente comunidade, formarmos uma “caravana solidária” (*EG 87*).

Sobre a alegria do encontro e de viver juntos, tendo como referência a solidariedade, exorta-nos Francisco:

Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos (EG 87).

Para a *Evangelii Gaudium*, a proposta de vivermos em comunidade, o ideal cristão, sempre será um convite a “superar a suspeita”, a desconfiança permanente, “o medo de sermos invadidos”, “as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual”, neste contexto marcado pela violência, pelo individualismo, pelo desejo de viver despreocupado com outro em suas necessidades, em sua vida (cf. EG 88).

Boa parte das pessoas busca escapar dos outros “se fechando na sua privacidade confortável” ou no “círculo reduzido dos mais íntimos”, renunciando a um compromisso concreto e real, que a dimensão social do Evangelho cobra de cada um de nós. Na mesma proporção, que historicamente alguns desejaram um “Cristo puramente espiritual”, desencarnado, “sem cruz”, corremos o risco de constituir relações interpessoais marcadas pela superficialidade, pela virtualidade, onde o outro pode ser “excluído”, “apagado”, “bloqueado” de acordo com a vontade momentânea de cada um (cf. EG 88).

No tocante a essa discussão, pondera Francisco:

Entretanto o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é indispensável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 88).

O isolamento, que é a concretização dessa realidade imediatista e imanentista, pode manifestar-se numa falsa autonomia que exclui Deus, mas pode também encontrar na religião uma forma de “consumismo espiritual” à medida do próprio individualismo doentio, que vemos cada vez mais lançar raízes profundas no coração das pessoas (cf. EG 89).

Segundo a Exortação, o regresso ao Sagrado e a busca espiritual, que caracterizam nossa época, são fenômenos ambíguos. Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje nos é apresentado é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham que ir saciá-la a partir de propostas alienantes ou com um Jesus Cristo “sem carne” e sem compromisso com o outro nos seus mais variados contextos (cf. EG 89).

Olhando para a diversidade de propostas religiosas e de seitas, os cristãos se não encontrarem na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, enche de vida e de paz, ao mesmo tempo em que os chame à comunhão. A participação solidária e a fecundidade missionária acabarão ludibriadas por propostas que “não humanizam” nem “conduzem” efetivamente “até Deus” (cf. *EG* 89).

Analisando as formas próprias da religiosidade popular, Francisco destaca que estas são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal não com “energias harmonizadoras”, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, os santos padroeiros de cada comunidade, sendo uma expressão religiosa que tem rosto, carne e coração (*EG* 90).

Em contrapartida a essa expressão da religiosidade popular, profundamente encarnada nas realidades onde se fazem presentes, observamos em alguns setores da nossa sociedade o florescimento e o apreço por várias formas de “espiritualidade do bem estar” sem comunidade, por uma “teologia da prosperidade” sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca intimista e imanentista do Sagrado (cf. *EG* 90).

Para Francisco, um desafio importante é conscientizar e mostrar que a solução para a construção de uma espiritualidade missionária e de uma “Igreja em saída” passa necessariamente pelo outro. Não temos como escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que se expressa de maneira concreta e objetiva no ser humano, na vida humana que nos interpela e nos questiona.

Como estratégia para fugir do outro e das relações interpessoais, muitos buscam constantes mudanças para escapar de tarefas, de vínculos profundos e estáveis. A necessidade proposital de mudanças (espaços) engana a muitos e no fundo se torna um falso remédio, que faz adoecer o coração e muitas vezes o corpo. O único caminho é ajudar a estes reconhecer e aprender a encontrar os demais com a atitude adequada, que é aceitá-los, valorizá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores (cf. *EG* 91).

Frisa o texto: mais oportuno ainda seria “aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros”, “na sua voz”, “nas suas reivindicações” e aprender também a sofrer, em “um abraço com Jesus crucificado”, quando recebermos “agressões injustas ou ingratidões”, “sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade”, pelo encontro com o outro, por uma espiritualidade comunitária e missionária (cf. *EG* 91).

Falando sobre o verdadeiro valor da fraternidade e do encontro, exorta-nos Francisco:

Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura e é uma fraternidade *mística*, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom (EG 92).

É precisamente neste contexto, nessa época, inclusive onde são minoria, que os discípulos missionários de Jesus são chamados a viver como comunidade e a dar testemunho do valor de estar nela sendo “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-16) de forma sempre nova e criativa, favorecendo e criando uma pertença evangélica e evangelizadora. Como nos recorda Francisco, frente a uma espiritualidade sem comunidade, “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).

#### **2.2.4. O mundanismo espiritual**

O “mundanismo espiritual”, a partir da reflexão do Papa Francisco, se caracteriza por esconder em si a aparência de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, mas que, no fundo, em vez de colocar Deus acima de tudo, manifesta a glória humana e o bem-estar pessoal. Essa realidade muito presente na vida dos fariseus, muito cheios de si, que frequentemente discutiam com Jesus, reveste-se de muitas formas, de acordo com as pessoas e cada realidade. Por se preocupar em cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecado social pelo fato de parecer extremamente correto e coerente (EG 93).

Fazendo uma análise sobre o “mundanismo espiritual”, constata Francisco:

Este mundanismo pode alimentar-se, sobretudo, de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, em que apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência de sua própria razão ou dos seus sentimentos. A outra maneira é o neopelagianismo autorreferencial e prometeuco de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, em que, em

vez de evangelizar, analisam-se e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar (EG 94).

Em ambos os casos, no fundo nem a pessoa de Jesus Cristo, o outro, o Reino, interessam verdadeiramente. São manifestações de um “imanentismo antropocêntrico”. Em sua reflexão, Francisco, nos leva a pensar que destas formas desvirtuadas do cristianismo, nem se pode imaginar um verdadeiro e autêntico dinamismo no processo evangelizador de nossas comunidades (cf. EG 94).

Para o Bispo de Roma, o “mundanismo” impregnado em nossos agentes de pastoral, manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas e desconexas, mas que trazem no seu bojo a mesma pretensão de “dominar o espaço da Igreja”. A partir de sua percepção podemos notar que, em alguns espaços, “há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja”, mas na raiz não existe uma verdadeira preocupação de que o Evangelho adquira uma real inserção na vida do povo e em suas necessidades e nas necessidades concretas de nossa história, cultura e sociedade. Desconectada da vida e das pessoas, a Igreja incorre no risco de se tornar “uma peça de museu ou possessão de poucos” (EG 95).

Ampliando a reflexão, o “mundanismo espiritual” esconde-se por detrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou em uma vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, ou atração pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial. Pode manifestar-se também em uma Igreja preocupada em apresentar-se envolvida em uma vida social cheia de compromissos, reuniões e afazeres, que na realidade vão de encontro mais com a sua administração e organização, do que propriamente para a sua missão evangelizadora (cf. EG 95).

Para o Papa, perdida em meio a esse “mundanismo espiritual” presente em toda nossa sociedade, a Igreja sente enfraquecida a sua capacidade de manifestar “o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado”. Fecha-se em grupos elitizados, não sai realmente à procura dos que andam perdidos e marginalizados, das imensas multidões que têm sede de Cristo. À luz dessa situação, “não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio de uma autocomplacência egocêntrica” (EG 95).

Os efeitos desse “mundanismo espiritual” em nossas comunidades estão ligados e se expressam a partir das seguintes atitudes, segundo o Papa Francisco:

Alimenta-se a vanglória de quantos se contentam com ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados de um batalhão que continua a lutar. Quantas vezes sonhamos planos

apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim, negamos a nossa história de Igreja que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fadigoso, porque todo trabalho é “suor do nosso rosto”. Em vez disso, entretemo-nos vaidosos a falar sobre “o que se devia fazer” – o pecado do “deveriaqueísmo” – como mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções e ficando de fora. Cultivamos a nossa imaginação sem limites e perdemos o contato com a dolorosa realidade do nosso povo fiel (EG 96).

Aqueles que mergulham nesse “mundanismo” possuem um olhar superior e distante das pessoas e da vida. Não levam em conta a profecia dos irmãos, desqualificam aqueles que os questionam. Obcecados pela aparência fazem questão de demonstrar os erros alheios. Encarcerados em si experimentam o “amargo veneno da imanência”, não aprendem com os erros e não querem exercitar-se na capacidade de perdoar e se abrir ao outro. É uma tremenda corrupção com aparência de bem e de bom.

Francisco convida a todos a evitar o “mundanismo espiritual”. Para o Pontífice, a Igreja deve colocar-se em “movimento de saída de si mesma”, movimento de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres. Em suas palavras: “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais!” Esse mundanismo asfixiante e entorpecente cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. “Não deixemos que nos roubem o Evangelho”, a alegria de sermos irmãos e estarmos juntos (EG 97).

### **2.2.5. Os conflitos internos e o clericalismo**

Na perspectiva da *Evangelii Gaudium*, na esteira do “mundanismo espiritual”, vemos cada vez mais em nossa sociedade pessoas se digladiando na busca de poder, prestígio, prazer ou segurança econômica, impulsionadas por sentimentos de ódio e inveja, mesmo entre cristãos, afetando, assim, a forma de viver e construir comunidade. Mais do que se sentir parte de um projeto maior, ser Igreja, pertencem a este ou aquele grupo que se sente diferente ou especial (EG 98).

a) Divisões que comprometem a fraternidade

Para a *Evangelii Gaudium*, revelando cada vez mais a necessidade de um “testemunho de comunhão fraterna”, os cristãos são chamados a “ser luz” em um contexto social, político e religioso dilacerado por guerras, violência e especialmente por um generalizado individualismo, que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando ao próprio bem-estar. Frisa o texto: “precisamos recobrar o testemunho de uma comunidade fraterna, que, pelo amor, manifesta o seu discipulado e faz reconhecer o mestre (Jo 13,35)” (EG 99).

Exorta-nos Francisco, que frente a tantos “quantos que estão feridos por antigas divisões”, devemos buscar o caminho da reconciliação e do perdão, para que como luzes possamos atrair aqueles que nos veem. Em suas palavras: “Me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, perseguições, desejos de impor as próprias ideias a todo custo”, conclui: “quem queremos evangelizar com estes comportamentos?” (EG 100).

No encontrar-se com o outro e favorecer a vida fraterna, o Papa desafia toda a Igreja a compreender a beleza e a grandeza da lei do amor, mesmo com todos os desafios de amar, especialmente nas diferenças e nos ambientes mais hostis. No caminho do bem, sempre vamos encontrar simpatias e antipatias. Francisco nos fala que na oração por aqueles que nos chateiam ou perseguem já estamos realizando um “ato de evangelização”. Sintetiza seu raciocínio dizendo: “Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno”, a alegria de ser comunidade e estar com os irmãos (EG 101).

#### b) O laicato ofuscado pelo clericalismo

Como afirma a *Evangelii Gaudium*, o povo de Deus é formado em sua maioria por leigos e ao seu serviço está uma minoria, os ministros ordenados. A partir especialmente do impulso do Concílio Vaticano II, percebemos o crescimento da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora seja ainda uma atuação tímida, há um grande número de leigos dotados de um arraigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé (cf. EG 102).

O florescer dos leigos e de sua missão no seio da Igreja, só não é ainda maior ou se manifesta de igual modo em toda a parte, porque em muitas realidades, falta

formação para assumirem responsabilidades. Em outras não há espaço para agirem pastoralmente, por causa de um excessivo clericalismo, que os mantém à margem das decisões, apenas com algumas tarefas, que não oferecem a possibilidade de um empenho real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. Frisa o Papa. “A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral” (EG 102).

Francisco, contemplando a realidade dos agentes de pastoral, reconhece a importância da mulher e a sua expressão extremamente significativa em meio ao laicato no ser e no agir da Igreja. Em suas palavras, nos diz:

Vejo com prazer como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque “o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho” e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais (EG 103).

Para Francisco, discorrendo a respeito dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres possuem a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente. O sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo – Esposo – que se entrega na Eucaristia, é uma questão, segundo o Papa, que não se põe em discussão. Contudo, ressalta que o sacerdócio está mais identificado com o serviço e não com o poder ou domínio sobre os outros, dessa forma, todos os leigos, especialmente as mulheres, são chamados a estar em “espaços de decisão” “nos diferentes âmbitos da Igreja” (cf. EG 104).

Além das mulheres, outra força reconhecida no protagonismo dos leigos, é a juventude, que cresceu especialmente em dois aspectos a partir da análise do Papa Francisco. Primeiro, na consciência de que toda a comunidade os evangeliza e educa. Segundo, na urgência de que eles tenham um protagonismo maior. Recorda Francisco que: “no contexto de crise do compromisso e dos laços comunitários, são muitos jovens que se solidarizam contra os males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado”. Nossa juventude precisa ser “inserida no âmbito de uma pastoral de conjunto da Igreja”. “Como é bom que os jovens sejam

‘caminheiros da fé’, felizes por levarem Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra!” (EG 105, 106).

De um modo geral, Francisco analisa que para reconhecer cada vez mais o protagonismo dos leigos e formar sacerdotes com espírito missionário e de serviço, precisamos nos empenhar na tarefa vocacional, uma vez que tanto vocações leigas como sacerdotais estão cada vez mais escassas. Em sua reflexão, independente da postura do sacerdote local, a comunidade recobrando o “fervor, o ardor apostólico, a paixão de levar a Cristo aos outros”, será capaz de despertar “genuínas vocações”, que lapidadas e bem formadas poderão ser boas evangelizadoras, não buscando assim, “a glória humana ou o bem-estar econômico” (EG 107).

Não almejando fazer um diagnóstico completo, mas aspirando destacar os principais elementos, que constituem a realidade onde nossas comunidades estão inseridas, Francisco convida a todos também a olharem para onde estão as pessoas e completarem ou enriquecerem o seu diagnóstico a partir da consciência dos seus próprios desafios e da perspectiva de “ler os sinais dos tempos” na realidade atual à luz da esperança e do novo que se descortina (EG 108).

Apona o Papa Francisco: “os desafios existem para serem superados. Sejam realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109).

Chegamos ao final da segunda parte de nosso capítulo, onde tivemos a oportunidade de acompanhar as reflexões do Papa Francisco no que diz respeito a alguns dos desafios do mundo atual a partir de sua realidade sociopolítica e algumas das ameaças que fragilizam o testemunho da Igreja hoje, presentes em muitos agentes de pastoral, possibilitando-nos assim aprofundar o contexto histórico e a realidade eclesial na qual fazemos parte e ao mesmo tempo nos questiona, nos desinstala. A terceira parte de nosso capítulo será ampliar a reflexão de Francisco apoiando-nos em alguns comentadores anteriores e posteriores à sua Exortação, que nos permitirão verificar os alcances e limites de sua análise.

### 2.3. CONSIDERAÇÕES EM TORNO AO CONTEXTO SÓCIO-ECLESIAL DE UMA IGREJA “EM SAÍDA”

Depois de termos trazido, até o presente momento de nosso capítulo, a análise de Francisco sobre o momento histórico em que estamos vivendo, relativa

aos contextos sociocultural e eclesial, neste segundo momento de nossa reflexão, vamos tecer algumas considerações em torno à abordagem da Exortação.

Para isso, nossa análise, além da reflexão pessoal, estará respaldada em comentadores da *Evangelii Gaudium* e em autores de ontem e de hoje que têm feito igualmente uma leitura do contexto atual, relativos aos aspectos elencados pelo Papa. Sem dúvida, os estudos evocados, nos ajudarão a ampliar os horizontes dessa reflexão, bem como suas implicações e desdobramentos no âmbito pastoral e missionário da Igreja.

### **2.3.1. Considerações em torno ao contexto sociocultural**

Do ponto de vista sociocultural, a Igreja vive um momento de grande entusiasmo com a escolha e a forma com que Francisco vem conduzindo seu pontificado. A Igreja que ficara, durante muito tempo, distante da vida e do povo recupera no momento atual a sua relevância frente à sociedade e a sua fidelidade evangélica. Isso tem acontecido, uma vez mais, à medida que ela tem se colocado frente à sociedade em atitude de escuta, de solidariedade, de respeito ao novo que se descortina, às diversas realidades de dor e sofrimento, ao mundo moderno e à história, enquanto uma instituição comprometida com a vida humana e os valores eternos.

Francisco, olhando para a realidade e para o contexto social atual, coloca a Igreja na ordem do dia, tornando-a capaz de se identificar com os desafios do tempo presente e se colocar ao lado dos pobres e mais “pequeninos do Reino” como sendo esta uma opção da Igreja latino-americana, opção esta tão incompreendida, mas ao mesmo tempo tão necessária e urgente, tanto que se destaca em todos os escritos, gestos e palavras do “Bispo de Roma”. Falando a respeito do perfil e da postura do novo Papa, Brighenti, destaca que frente a tudo aquilo que se espera de Francisco “a sua preocupação primeira não é com a autoridade ou sua imagem pública, nem com a doutrina da Igreja ou discursos bem arquitetados, mas com o sofrimento e a causa dos pobres no mundo, que são a causa de Deus” (BRIGHENTI, 2014, p. 18).

Na defesa dos pobres, com voz forte e profética, com atitudes que desconcertam a todo tipo de postura reacionária, do “fim do mundo”, surge do Sul de maneira inaudita uma voz profética capaz de abalar estruturas demasiadamente arcaicas e comprometidas, capaz de colocar novamente a Igreja no caminho de

renovação proposto pelo Concílio Vaticano II, que já estava “engavetado” após um longo período de introversão eclesial. Francisco, um papa latino-americano, ainda que não tenha revelado, assumido oficialmente uma postura mais “libertadora”, carrega consigo as dores, os sofrimentos, as alegrias e esperanças de todo um continente que agora espera ser ouvido, redescoberto em seus valores e potencialidades, valorizado em suas expressões culturais e religiosas.

#### 2.3.1.1. Um Papa latino-americano

Um dado positivo na reflexão de Francisco sobre o contexto sociocultural em que a Igreja está inserida é o fato de percebermos alguns elementos que indicam a influência e o alinhamento do seu pensamento com a caminhada histórica e teológica na América Latina, no que diz respeito à mística, à militância, à experiência das pequenas e inseridas comunidades eclesiais de base, tão características de nosso povo em seus países e nações que compõem nosso continente. Essa identificação foi tão significativa, e teve tantas ressonâncias, que para Suess, “a partir da *Evangelii Gaudium* o magistério latino-americano, de modo particular a Conferência de *Aparecida*, tornou-se magistério Universal da Igreja Católica” (SUESS, 2015, p. 9).

Francisco levou à Cátedra de Pedro em Roma, a experiência da Igreja latino-americana a partir do modo como viveu, rezou, refletiu e fez pastoral. Na percepção de Ortiz, na mesma direção de Suess, o papa universalizou o espírito de *Aparecida* para toda a Igreja ao escrever sua Exortação sobre a alegria de evangelizar. Quando olhamos para seu pontificado, segundo o teólogo, percebemos um constante apelo, especialmente a partir de seus gestos, para uma conversão pastoral, que nada mais é do que uma pastoral missionária, “em saída”, que promova o encontro com Jesus, sua Palavra, a proposta do seu Reino (ORTIZ, 2015).

O Documento de *Aparecida*, que Francisco ajudou a redigir, revela e traduz boa parte do seu pensamento. Ele mesmo considerou o Texto Final como “um chamado à criatividade” [...] que não termina com um documento [...], mas com uma missão. Da V Conferência realizada no Brasil, trouxe o binômio “fidelidade e audácia” para o seu pontificado e de um modo mais amplo para toda a Igreja em sua missão evangelizadora. A *Evangelii Gaudium*, deseja fazer eco para toda a Igreja da

seguinte expressão de nosso episcopado: “A Igreja é chamada a repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DAP 11).

Recuperando uma vez mais o “frescor conciliar” e abrindo as portas para o novo, como na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* também, a *Evangelii Gaudium* assumiu o discurso indutivo, interrompido no tempo pós-conciliar, em que mergulhamos em um período de introversão eclesial. Partindo da vida concreta da humanidade, de suas “alegrias e esperanças, tristezas e angústias” (GS 1), Francisco procura olhar nos olhos do outro. Nessa direção, destaca Suess: “seu ponto de partida para a missão da Igreja é o sofrimento concreto das pessoas, a indignação com a fome e a ganância, com a solidão e o abandono, com a falta de solidariedade e com a negação do reconhecimento”. Lugar concreto dessa realidade e ponto de partida para a missão são a comunidade, a paróquia e a sociedade como um todo (SUESS, 2015, p. 10).

Rompendo com a tradição do “velho mundo”, Francisco observa a realidade de baixo para cima, assume um prisma diferente para a sua análise. Em vez de falar tão simplesmente dos pobres, ele busca falar a partir deles, no meio deles e com eles. Sua formação, experiência pastoral, espiritualidade e militância, tomou como referência a nossa realidade latino-americana, realidade esta que traz em si um rosto próprio, culturas e desafios muito particulares que foram moldando e constituindo o seu “lugar teológico”, a sua forma de ver, pensar e interpretar a Palavra de Deus e os seus sinais muito concretos.

Francisco, frente ao contexto que nos desafia e pede novas respostas, nas palavras de Leonardo Boff, vem de outra experiência de Igreja: periférica, mais leve e colorida, mais flexível e que ganhou os tons de sua encarnação nas diferentes culturas existentes no continente latino-americano. Para o teólogo, o Bispo de Roma se “sente livre para um novo ensaio de Igreja que esteja à altura dos desafios internos e externos, especialmente face à devastadora crise do sistema-vida e do sistema-Terra que assola toda a humanidade e que não poupa sequer a Igreja” (BOFF, 2014, p, 122).

Em sua análise sobre o mundo em que estamos vivendo, o novo Papa confere absoluta centralidade aos pobres, aos excluídos e aos que são marginalizados. Destaca a Exortação: “Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem essa mensagem claríssima. Hoje e sempre ‘os pobres são

os destinatários privilegiados do Evangelho” (EG 48). Reforça a ideia com estas palavras, sem quaisquer condições: “Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (EG 201). Ataca o coração ideológico e pervertido do sistema econômico neoliberal: “Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado” (EG 204).

A atitude do Papa frente à economia é profético-denunciadora. Acusa-a com uma palavra dura da Tradição: “Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que deles subtraímos” (EG 57). Ao mesmo tempo assume um comportamento ético-político, o de estar ao lado dos pobres. Uma das metas da evangelização à luz da sua compreensão é “a inclusão social dos pobres” (EG 17), que constitui “o critério-chave de autenticidade da evangelização” (EG 95). Tamanha é a força de Francisco e a sua luta, que segundo Boff, parece-nos “ouvir novamente a palavra forte e evangélica do teólogo salvadorenho da libertação, Jon Sobrino: ‘fora dos pobres não há salvação’” (BOFF, 2014, p. 123).

Libanio, antes mesmo de Francisco, olhando para a nossa conjuntura, especialmente para a realidade latino-americana, já nos dizia não saber onde vamos desembocar. Em sua compreensão, o desfecho para tal situação sociocultural ainda não mostra as suas últimas consequências. Para nosso teólogo, existem desafios maiores que a conjuntura financeira atual. A cultura moderna, a pós-modernidade subjetivista, a sociedade do conhecimento, avançam interpelando cada vez mais a Igreja de Francisco, que se colocara à frente. Diante de tudo isso, ouvindo a voz de nossos profetas, não podemos mais como Igreja recuar, nos “encastelar”, condenar o mundo do alto de nossas torres, mas “levamos nossos navios mar adentro, com o poderoso sopro do Espírito Santo, sem medo das tormentas, seguros de que a Providência de Deus nos proporcionará grandes surpresas” (DAP 7, LIBANIO, 2010, p. 42).

Mergulhados neste panorama de mudanças, cada vez mais globais e que atingem o mundo inteiro, nos deparamos com a famigerada “globalização”, fenômeno que alcança desde os grandes centros até os lugares mais remotos do planeta, levando no bojo de sua proposta uma cultura e um jeito de se viver que sobrepõem às culturas locais e a forma de viver das pequenas e grandes cidades. Frente aos efeitos da globalização e de suas ambiguidades, Francisco nos convida a refletir sobre os impactos que ela tem causado às pessoas, especialmente no que se

refere ao um sentimento de medo, instabilidade, e acima de tudo a ausência da esperança e de valores como a justiça, que no fundo favorecem o florescimento da violência e de tantas desigualdades sociais.

Vivemos hoje em uma realidade marcada por vertiginosas mudanças, que afetam profundamente nossas vidas e a forma de nos relacionarmos com os outros. Como “discípulos missionários”, categoria esta tão presente em *Aparecida* e preciosa para Francisco, nos sentimos cada vez mais, como nos recorda o Concílio, desafiados a discernir “os sinais dos tempos”. A partir da Palavra de Deus e do seu Santo Espírito, devemos nos colocar cada vez mais a serviço do Reino e da sua justiça, anunciado por Jesus, que veio para que “todos os que Nele crerem, tivessem vida em plenitude” (Jo 10, *DAP* 33, *EG* 176).

Fazendo um retrospecto sobre a situação em que vivia o ser humano um pouco antes da virada do milênio, Clodovis Boff, analisava naquele momento histórico, que se reflete nos tempos atuais, uma espécie de sentimento de orfandade, uma profunda crise de sentido frente aos avanços e incertezas que nos questionavam. Em suas palavras é como se não tivéssemos uma “âncora existencial”, onde neste contexto de constantes e profundas mudanças, pudéssemos “amarrar a vida”, como se o mundo estivesse à deriva, não sabendo a que destino aportar (BOFF, 1998, p. 13).

Se ao longo de muitos séculos, frente à sociedade, como Igreja, parecíamos ter todas as respostas, desde a ciência até a fé, com o passar do tempo, sem percebermos mudaram-se as perguntas existenciais, político-sociais e religiosas. Toda esta situação, como nos recorda Brighenti, “mais do que numa época de mudança, estamos atravessando uma mudança de época”, o que nos traz um profundo sentimento de “perplexidade”. É um tempo de nevoeiro, de “lusco-fusco”, ainda que com coragem, não sabemos ao certo o que está à nossa frente (BRIGHENTI, 2004, p. 9).

A modernidade nos seus avanços e retrocessos “desencantou” radicalmente o mundo e a vida por não cumprir todas as suas promessas, especialmente aos mais humildes, o mundo moderno não chegou para todos. Diante da crise financeira e de sentido, há uma volta ao religioso que não é necessariamente uma volta ao Sagrado. A cultura dominante rasteiramente materialista, individualista e consumista, deixa um profundo vazio nas pessoas, um aspecto de orfandade, fazendo com que em meio a nossa “miséria existencial”, brote o desejo de algo diferente, algo mais

autêntico, uma palavra, uma experiência que confira “sentido” e “vibração interior à vida” dos que estão a caminho (BOFF, 1998, p. 14).

Em convergência com o pensamento de Francisco, mas anteriormente a ele, Susin, já refletindo sobre a questão do tempo, do espaço e do sentido, já nos lançava sentindo-se perplexo a seguinte indagação: “Como chegamos a tanto? Está comprovado que hoje trabalhamos mais, produzimos mais, consumimos mais, e estamos mais, muito mais, insatisfeitos que outras gerações. E por conta desta insatisfação trabalhamos mais, produzimos mais, produzimos mais etc., numa roda de *samsaha*, num círculo praticamente infernal e sem saída, sem espaço para respirar com calma e para se ‘re-ligar’, almas soltas sem religião”. Conclui ele “seria o caos da espiritualidade na tecnificação da vida”? (SUSIN, 2010, p. 30).

Sem dúvida alguma, são questões que nos fazem pensar, aos poucos vamos sentindo que “aquilo que era sólido se desmancha no ar”, o que era tido como “concreto” nos mais variados setores da sociedade, como na saúde, na educação, nos meios de produção, na tecnologia e na comunicação, se multiplicam, avançam e aperfeiçoam a vida. O fato mais intrigante no meio de tudo isso é que na medida em que as técnicas evoluem não evoluem na mesma proporção o desenvolvimento da vida humana e a partilha dessa qualidade de vida, que vem sendo produzida.

Para Francisco, estes avanços fizeram com que parte da população mundial experimentasse, como consequência, condições precárias de vida e de sobrevivência, a exclusão social, os preconceitos, a violência. Em sua compreensão tudo isso favoreceu o que chamou de “cultura do descartável”, “uma economia que mata”, que vê a vida e o ser humano como um bem de consumo. Nega-se aqui, o “sentido divino da vida humana” (EG 53, DAp 35).

Falando aos religiosos (*Perscrutai*), a todos os que buscam o “cuidado” de nossa “casa comum” (*Laudato Si*), Francisco vislumbra um novo mundo possível, um novo horizonte, uma forma de viver mais humana, fraterna e sustentável. Em sua compreensão, o modelo capitalista, baseado tão somente, na produção, no lucro e no consumo exacerbou a vida e os recursos naturais. Partindo de um continente explorado e com sua presença “carismática” e ao mesmo tempo “profética”, o Papa nos convida a romper com essa lógica de exclusão, com tradições fossilizadas, que não dizem mais nada à concretude de nossos dias (TAVARES, 2014, p. 213).

Apontando um novo caminho, seja para a sociedade, quanto para a Igreja, segundo Passos, Francisco “instaurou o novo pela força de seu testemunho, sem

isolamentos sectários, sem enfatizar a força do poder eclesial instituído e sem a estética dos nobres”. Destaca o teólogo “o vigor de Francisco ainda se expande e clama por renovação da Igreja e também do mundo inseparadamente” (PASSOS, 2013, p. 100).

### 2.3.1.2. Um grito pela vida

Diante do exposto, podemos constatar que, frente às vertiginosas transformações em nossa sociedade, especialmente do ponto de vista socioeconômico, o Papa Francisco tem se posicionado de maneira profética convidando a todos a “gritar pela vida” e não permitir que ela perca seu significado e grandeza comparada ao mercado, ao dinheiro, aos meios de produção, que, muitas vezes, tentam a partir dela apenas produzir mais bens de consumo e conseqüentemente o lucro, o acúmulo de riquezas, a desumanização.

Segundo Leonardo Boff, no curso da história, para conviver humanamente, criamos a economia, a política, a cultura, a ética e a religião na busca de vivermos melhor, potencializar, levar à plenitude a vida humana e as relações fraternas. Mas, como nos recorda o teólogo falando sobre “a força da ternura”, nos últimos séculos invertemos a lógica da Criação, que é a fraternidade e o encontro com o outro e passamos a viver motivados e inspirados pelo espírito da competição de todos contra todos. Em suas palavras, já há algum tempo “isso gerou a falta de solidariedade” como hoje tem insistido muito Francisco, sem falar do “individualismo, a acumulação privada e o consumismo irresponsável. O resultado? Uma solidão aterradora e uma profunda desumanização” (BOFF, 2006, p. 9).

Retomando uma antiga reflexão do Clodovis Boff, sobre a economia e os seus desdobramentos para a vida humana no contexto social que hoje estamos inseridos, o teólogo enfatiza o lado perverso e desumano dessa dimensão. Em convergência com o pensamento hodierno de Francisco, já apontava no passado, que “o sistema de mercado não tem alma, não tem um coração de carne”, um coração humano. Tem, sim, um “coração de pedra”, e este se chama “lucro”. Seguem-se assim “leis férreas”, que sacrificam o corpo e a vida do povo no “altar da competitividade e da acumulação”. Nesta ótica, a queda de alguns pontos da bolsa, fato também citado pelo novo Papa, pode, segundo Boff, nos impressionar muito

mais do que a pobreza, a fome e a miséria de tantos nossos irmãos e irmãs (BOFF, 1998, p. 26).

Para Brighenti, refletindo nessa mesma direção, antes mesmo do pontificado de Francisco, uma das grandes consequências que essa “economia que mata” está causando em nossa sociedade, é que segundo “uma leitura do contexto socioeconômico mostra que o setor financeiro domina a economia, transferindo para si a renda dos setores médios e baixos da população e gerando uma gradativa concentração de renda nas esferas mais altas da sociedade”. A lacuna entre ricos e pobres continua se dilatando especialmente nos países subdesenvolvidos. Os que possuem riquezas vão possuindo cada vez mais, os que não possuem, vão se distanciando cada vez mais daquilo que seria o mínimo para a sua subsistência e preservação da sua dignidade (BRIGHENTI, 2006, p. 18).

Em alguns momentos, constatamos até mesmo uma “divinização do mercado” ou uma mescla entre mercado e religião através do dinheiro. Na reflexão de Roger, fazendo um paralelo entre religião, economia e guerras, vivemos, segundo ele, a mais cruel das guerras religiosas. Não entre confissões ou Igrejas, mas a guerra de uma religião que não ousa sequer dizer o seu nome, e que na verdade, rege hoje boa parte das relações sociais, bem como boa parte das relações internacionais: “o monoteísmo do mercado”, cobrindo todas as idolatrias. “Nossa época não é ateia: ela é politeísta. O monoteísmo do mercado engendra o culto de diversos ídolos: do dinheiro, do poder, dos nacionalismos, dos integristas” (GARAUDY, 1995, p. 15).

À luz desse processo de desumanização, a realidade para o ser humano se tornou cada vez mais sem brilho e complexa. O individual se sobrepôs ao coletivo. Passamos a olhar para vida de maneira unilateral, por exemplo, do ponto de vista da economia, ou da política, sem levar em conta a complexidade e a totalidade dos processos que compõem a vida humana. Enfocamos mais o subjetivo, as necessidades individuais, e construímos assim, como denuncia Francisco, uma “globalização da indiferença”, uma crise profunda de sentido onde o outro na relação humana perde o seu significado, a sua importância (EG 54, DAp 36).

Com essa nova maneira de pensar e de agir, a cultura é a que mais sofre os efeitos dessa mudança. Com o individualismo, enfraquecemos os vínculos comunitários, dissolvemos a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. Na base desses fenômenos sociais, está a economia, a ciência, a tecnologia, os meios de comunicação, que instauram no meio de nós, como

analisa Francisco, uma “cultura do provisório”, “imediatista”, “da aparência”, desprovida de valores, de “relações interpessoais” (EG 62, DAp 44,45).

Verifica-se, em nível massivo, uma espécie de nova “colonização cultural” pela imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências a impor uma “cultura homogeneizada” em todos os setores. Essa cultura se caracteriza pela autorreferência do indivíduo, que conduz a indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável. Muitas vezes preferimos viver o dia a dia sem programas em longo prazo, nem apegos pessoais, familiares e comunitários. As relações humanas, nesta lógica, como analisa Francisco, estão sendo consideradas como objetos de consumo, conduzindo a relações afetivas sem compromisso responsável e definitivo. É preciso “fortalecer os vínculos interpessoais” (EG 67, DAp 46).

Diante da dinamicidade da cultura, que expressa a forma de nossos povos viverem a sua fé e o seu jeito de ser a partir de cada realidade, é sentida a necessidade do Evangelho caminhar em meio às culturas e por elas se deixar interpelar. Durante muito tempo, não as olhamos com a devida atenção; mas com um olhar de desprezo e destacamos apenas os seus aspectos ambíguos, as tendo como uma ameaça para a Igreja e para o Evangelho. Sobre isso afirma Francisco, a “graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe” (EG 115). Precisamos redescobri-las como um espaço privilegiado para a evangelização.

Recordando *Puebla*, sendo a cultura aquilo que abrange o todo da vida humana e onde esse todo se manifesta, a evangelização deve procura alcançar a raiz da cultura, a zona de seus valores fundamentais, despertando uma conversão, que possa ser a base e a garantia da transformação das estruturas e do ambiente social (DP 388). Francisco coloca novamente a Igreja em diálogo com o mundo e as culturas. Em sua maneira de pensar, não é porque as culturas trazem em si os efeitos da modernidade, que temos que nos afastar delas, mas ao contrário, aprender, oferecer uma reflexão crítica, evangelizá-las, deixar-se também evangelizar.

O grande desafio, que sentimos em meio ao contexto social, político, econômico e cultural que estamos mergulhados, é redescobrir o valor supremo da vida e da pessoa humana. Nas mais variadas áreas, vemos homens e mulheres serem subjulgados por uma “economia que mata” (EG 53), por um Estado

negligente no zelar pelo “bem comum” (EG 56), esquecido por um sentimento de “indiferença” (EG 54). Para Clodovis, como marca da sociedade moderna e do futuro, convergindo hoje também com aquilo que Francisco vem indicando, como Igreja, devemos adotar como novas posturas, um jeito de ser e viver mais tolerante, pautado no intercâmbio, na comunhão de bens e de pessoas. Nesta perspectiva, para ele, a categoria do “outro” é central numa nova cultura, sociedade e Igreja (BOFF, 1998, p. 19).

Na base do pensamento de Francisco, sobre a importância do outro e do encontro que com ele realizamos em sua cultura e em sua realidade, podemos perceber a consonância com o pensamento de Queiruga. Já há algum tempo, o teólogo espanhol tem nos dito que o outro é o caminho para chegarmos ao coração de Deus, Deus é relação, é proximidade, solidariedade. O fundamental na relação humana é defender o outro e garantir a sua essência como um ser de possibilidade e de realização. A vida e a dignidade humana estão acima da economia, do dinheiro, do individualismo. Reforça seu argumento citando Santo Irineu de Lião, que nos adverte de forma insuperável já no século II: “*Gloria Dei, homo vivens*” a glória de Deus é o homem na plenitude de sua vida (QUEIRUGA, 1993, p. 38).

Casaldáliga, grande pastor e profeta de nossa realidade latino-americana e brasileira, nos recorda e cobra que não se deixe de enfrentar esta globalidade estrutural, na qual se forja a História humana e, dentro da qual, acontece o Reino. Devemos agora redescobrir, comprometidamente, a Pessoa, membro da Sociedade e protagonista da História e do Reino (CASALDÁLIGA, 1983, p. 457).

Até aqui analisamos as ressonâncias referentes à primeira parte de nosso capítulo, cujo objetivo foi se debruçar sobre o contexto sociocultural enunciado por Francisco. Tivemos como oportunidade nesta fase, constatar que enquanto alcance de sua reflexão está a preocupação com o sentido da vida humana e a sua realização frente a uma economia, que visa mais o lucro do que a pessoa e suas necessidades, bem como, o papel transformador, que o cristão a partir de uma educação e uma evangelização consciente, crítica e humanizadora, é chamado a realizar nestas realidades.

Como limite maior de sua reflexão neste quesito, notamos que o mesmo se encontra na dificuldade natural de se analisarem os desafios de um modo geral, universal, visto que cada local traz os seus próprios desafios e isso provoca uma superficialidade quando olhamos do macro para o micro. Contudo, a reflexão de

Francisco, sobre o momento histórico que estamos vivendo é, muito atual, e como ele mesmo propõe, oferece bases para que cada realidade possa ser pensada e pensar aquilo que lhe é próprio.

### **2.3.2. Considerações em torno ao contexto eclesial**

Seguindo a mesma ordem da análise do contexto atual, feita pelo Papa Francisco, depois de algumas considerações em torno ao contexto sociocultural, passaremos algumas considerações em torno a sua análise do contexto eclesial.

Como dissemos, a eleição de Francisco que, além de proporcionar uma reflexão mais próxima do contexto sociocultural latino-americano, levou também uma nova reflexão sobre a Igreja, presente neste continente tão vasto e tão diversificado em suas manifestações religiosas e culturais. Durante muitos séculos, nosso continente teve sua eclesiologia e magistério ignorados, assim como em outras partes do mundo. O modo eurocêntrico de pensar o ser e o agir da Igreja a privou de contemplar de forma mais aprofundada a beleza e o dinamismo das Igrejas Locais, que estavam distantes do “velho mundo”.

A postura de Francisco e a sua compreensão acerca do papado e da missão evangelizadora da Igreja, mostram claramente sinais de um novo tempo, a começar pelos seus gestos e palavras, que indicam o resgate da figura papal exercida nos primeiros séculos da tradição cristã, que via no bispo de Roma aquele que presidia a unidade entre iguais. Dessa forma, Francisco é mais pastor do que “sensor”, mais povo do que simplesmente um “cortesão” preocupado apenas com os interesses de sua cúpula, quase sempre autorreferencial, esquecendo-se assim, que o papa é o representante de Pedro, um pescador, e não o representante de Constantino, um imperador, um monarca.

Em alguns momentos da história, a Igreja foi perdendo o contato com a realidade e a história, o mundo das ideias foi suplantando a realidade que cada vez mais desafiava a Igreja. Exemplificando, o que aconteceu na Igreja europeia desde a reforma protestante, Boff nos fala da disparidade que houve entre a “inflação do doutrinário sobre o pastoral”. Tecendo uma dura crítica, ainda nos diz que em grande parte a partir dessa forma de pensar “o magistério perdeu o bom-senso porque simplesmente se fechou sobre si mesmo, gestou a ideologia do infabilismo

papal, alienou-se do curso da história ou se opôs frontalmente a ele” (BOFF, 2014, p. 125).

### 2.3.2.1. Uma nova compreensão do papado

Como marca e avanço de seu pontificado, Francisco deixa de ser um papa “monarca” e assume a imagem de um papa humano, próximo, bondoso. Prova disso são as reformas que vem operando, de modo especial, a aposta que faz na colegialidade, na sinodalidade, como instrumentos de governo (VIDAL; BASTANTE, 2014, p. 104).

Ainda que Francisco tenha sofrido duras críticas da ala conservadora da Igreja, que quer um “papa juiz”, Queiruga nos diz, que o novo estilo papal, encontrou seu sentido primeiro e mais puro, o sentido pastoral. “Orientar por estes caminhos, reside justamente em ter assumido a evidência eclesiológica de que seu ofício é pastoral”. Ao pastor cabe organizar a Igreja, fomentar e criar espaços de participação e liberdade, onde possam florescer os diversos carismas em vista da missão, do serviço e da solidariedade. Antes de tudo, estamos chamados como comunidade a superar o eclesiocentrismo, ou seja, a construir uma Igreja que não gire em torno de si mesma, preocupada com “seus” direitos (mesmo que às vezes sejam chamados “direitos de Deus”) e centrada em sua autoconservação. Isto significa que tudo nela deve reger-se pelo critério de torná-la transparente e disponível para sua missão (QUEIRUGA, 2014, p. 35).

A eleição de Francisco, contrária ao que se via, tem sido até o momento um bálsamo na vida e na missão daqueles que estão na esteira do Concílio Vaticano II e sonham com uma Igreja mais solidária, mais próxima, mais misericordiosa, de modo especial nesse ano dedicado à misericórdia (2015-2016). Uma Igreja de fato “missionária”, “em saída”, que vá em direção das pessoas, como no caso de Lampedusa, em que o Papa, em suas palavras “foi chorar os mortos que ninguém chora”, pedindo “um despertar das consciências”, a superação da “globalização da indiferença”. O momento aponta para uma Igreja que seja de fato uma “luz” em nossa sociedade tão marcada por realidades de trevas e escuridão (Mt 5,13).

O gesto petrino da primeira hora: “não tenho ouro nem prata, mas o que tenho lhe dou: Jesus Cristo! Levanta-te e anda!” (At 3,7), retomado por Francisco, além de ser cristológico e antropológico, é, igualmente, eclesiológico. Sobre a importância

deste acontecimento, para a Igreja enquanto teologia e missão, ressalta Souza Neto: “E aqui brota a primavera com o calor do Espírito, que afugenta a friagem do inverno com pretensões de permanecer e que já põe a reagir. O papa traz consigo uma nova experiência eclesial e parece abrir perspectivas para uma nova eclesiologia” (NETO; MORAES, 2014, p.159).

A primavera eclesial, categoria essa tão usada para traduzir o novo momento que estamos vivendo, nos permite a partir dos olhos de um latino-americano contemplar e analisar sem medo o contexto de mudanças em que toda nossa sociedade, inclusive a Igreja, está passando. E assim repensar como nossa missão evangelizadora, nosso agir pastoral, poderá contribuir na construção de um mundo novo frente ao novo que se descortina, nunca perdendo de vista o “Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33).

Fazendo uma análise sobre a postura e o perfil, que o papado de Francisco vem delineando, Brighenti destaca que, “mais do que tomar decisões, o Papa Francisco está continuamente sinalizando com gestos, atitudes e palavras o teor das mudanças e criando condições para que as reformas aconteçam, na corresponsabilidade do Colégio Episcopal e de todo o povo de Deus” (BRIGHENTI, 2014, p. 14).

Apostando no encontro e na convivência fraterna, Francisco tem inovado até mesmo na utilização do espaço, encenada simbolicamente no “abandono” da sofisticada cátedra de seu antecessor e do Palácio Pontifício. O chamado “apartamento” papal ficou vazio e o papa só utiliza alguns de seus cômodos para as recepções oficiais de personalidades. “O palácio vazio, reconvertido em gabinete ocasional, simboliza clara e abertamente uma mudança de ciclo e de era” (VIDAL; BASTANTE, 2014, p. 102).

O Papa Francisco, tem consciência de que os modelos “romanocêntrico e eurocêntrico” estão “sem saída”, por não poderem oferecer mais respostas às Igrejas Locais, uma vez que não levam em conta as suas particularidades culturais, sociais e religiosas. Uma concepção eclesiológica e missionária, que desconsidera as partes em detrimento do todo, não apresenta mais condições de resgatar o “frescor” do evangelho, a alegria e o compromisso, que a mensagem cristã faz brotar em cada um de nós. Tudo isso tem produzido em nossas comunidades e pessoas o que ele chama de “desertificação espiritual” (EG 86).

Frente a essa “desertificação”, Francisco, elabora uma proposta de refortificação, que parta do encontro e da experiência pessoal com Deus e a pessoa de Jesus. Para Boff, esse caminho enunciado por Francisco, está “centrado no encontro pessoal com o Jesus histórico, não idealizado pelas ideologias posteriores de magnificação, mas com o Jesus dos evangelhos, que se fez pobre, simples, humilde e que peregrinou no meio do povo”, deixando-nos sua mensagem de amor incondicional, misericórdia e ternura para com os humildes (BOFF, 2014, p. 124).

Trazendo elementos da tradição conciliar e do magistério latino-americano, Francisco busca, em sua reflexão eclesial, prestar a devida atenção “aos sinais dos tempos”, isto é, aos fenômenos culturais, sociais, políticos e econômicos produzidos na era pós-moderna (GS 4). O conceito de “sinais dos tempos” foi sendo transformado, ao longo dos anos, em um tema de profunda reflexão teológica, constituindo-se assim, na reflexão de Moliner, um verdadeiro “lugar teológico”. Ou ainda, uma instância para captar a autêntica significação da fé, a luta pela justiça social, a centralidade do ser humano, um jeito de ser Igreja mais inculturado e próximo a nossa realidade (MOLINER, 2011, p. 52).

Como cristãos, apesar dos desafios apresentados pela vida e pelo medo que às vezes pode nos paralisar, nos recorda Francisco, não podemos perder a esperança e a alegria de estarmos na missão. Em sua compreensão, é inadmissível que um cristão que, frente ao novo, tenha escolhido viver uma “Quaresma sem Páscoa”. Diante da vida cotidiana e de seus enfrentamentos, temos que nos permitir e deixar-nos conduzir em atitude de confiança, pela alegria que brota e encontra raízes na fé e no encontro com o outro. A experiência e a misericórdia de Deus se renovam a cada manhã, por isso devemos manter “firme e acesa nossa esperança”. (EG 6).

Em uma sociedade, que alicerça seus valores na produção, no consumo, no individualismo, na busca desenfreada e sem limites por prazer e bem-estar, torna-se um grande desafio para o ser humano descobrir e vivenciar plenamente a verdadeira alegria. Por mais que a mídia e as propagandas associem a felicidade e a realização plena nas riquezas e em seus produtos, Francisco nos ensina que, a partir de suas experiências pastorais realizadas junto ao povo argentino, as alegrias mais belas e espontâneas brotam a partir do testemunho de pessoas muito pobres e humildes que, além de Deus, possuem muito pouco para se agarrar. A alegria pura e verdadeira nasce do encontro com Deus e com a humanidade.

A alegria de ser cristão, de encontrar-se com o outro, de evangelizar, de comunicar as maravilhas de Deus a toda a humanidade, como nos recorda o Papa emérito Bento XVI, se pautam não primeiramente em “uma decisão ética ou em uma grande ideia, mas a partir do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”. Ser cristão é o resultado de um encontro que fazemos com Cristo e com o outro na alegria e na missão (*DCE 1*).

Na mesma perspectiva, falando sobre o amor de Deus e a importância do encontro ou reencontro com ele, Francisco no diz que, somente assim “somos resgatados da nossa consciência isolada” [...], de nossa autorreferencialidade. Em suas palavras: “Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora”, a fonte de uma “Igreja em saída” (*EG 8*).

#### 2.3.2.2. Uma Igreja a caminho

Na esteira de Francisco, refletindo sobre a proposta de se colocar a caminho, sair de si para ir ao encontro do outro e suas exigências, pondera Francisco: “Esta saída de si mesmo”, ou “êxodo interior”, implica a capacidade de praticar o dom de si, a negação do ego, porém também exige a audácia de romper “círculos endogâmicos” e emigrar para a terra de ninguém com o fim de anunciar a mensagem de Cristo e combater as estruturas de pecado que asfixiam o mundo (*TORRALBA, 2014, p. 84*).

À medida que experimentamos Jesus e nos encantamos com a proposta do Reino, somos convidados a expandir essa mensagem, esta realidade. Libertos das amarras que nos prendem, devemos comunicar esta libertação e alegria aos outros a partir da ótica do serviço, da missão e da evangelização, como enfatiza o Documento de *Aparecida*: “Na doação, a vida se fortalece, e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos demais” (*DAP 360*).

Para Dom Orani, que pôde conviver alguns dias com Francisco, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, realizada no Rio de Janeiro, a Igreja em “saída”,

“do ir”, implica pessoas, comunidade e instituições. “Ir” implica postura sempre aberta aos novos desafios, em contínua atitude de saída, êxodo, missão. Reforça: “ninguém tem o direito de se fechar em si mesmo”. Não podemos fechar nossas janelas [...] “para as graves situações que afligem esse mundo...” (TEMPESTA, 2014, p. 16).

Sair de si mesmo é a condição de possibilidade da cultura do encontro, que o papa defende em muitos discursos e algo que está muito presente em sua Exortação Apostólica. O encontro entre pessoas, coletividades, povos e Igrejas, somente é possível se os potenciais interlocutores envolvidos saírem de si mesmos, exteriorizarem o que são, derem a conhecer o seu modo de ser e o revelarem através da ação. Quando alguém se limita unicamente a exercer o papel de espectador, não há possibilidade de encontro (TORRALBA, 2014, p. 86).

As palavras e as atitudes de Jesus nos fazem refletir que o cuidado excessivo com a própria vida depõe contra a qualidade humana e cristã dessa mesma vida. Vive-se muito melhor quando temos a liberdade interior para doar a vida. Como nos recorda o Evangelho de João: “Quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo 12,25). “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão” (EG 10, DAp 360).

Comunicar a vida, evangelizar, ser efetivamente missionários, alegres e entusiasmados, requer de cada um de nós, de toda a Igreja, como nos recorda o Papa Francisco, não deixar transparecer em nosso rosto a “tristeza, a impaciência, a ansiedade”, como quem está em um “funeral”, de luto. Mas sim, o “fervor de espírito, a suave e reconfortante alegria de evangelizar”, o comunicar o amor de Deus expresso no Crucificado, com criatividade, recuperando o “frescor original do Evangelho”, a pessoa de Jesus Cristo, “o primeiro e maior evangelizador” (EG 11,12).

Quando a “Palavra se encarna numa situação concreta e dá frutos de vida nova” (EG 24), quando ela se faz presente no meio dos abandonados e desprezados, ela se torna atraente para o resto da humanidade. Mas, a palavra de Deus não só atrai pelo que faz e produz. Ela é intrinsecamente atraente porque “o Filho feito homem, revelação da beleza infinita, é sumamente amável e atrai-nos para Si com laços de amor” (EG 167).

Com este sentimento e desejo de ir sempre em direção ao outro e construirmos cada vez mais uma “Igreja em saída”, toda renovação eclesial deve

estar baseada em uma pastoral “em chave de missão”. A Igreja “existe para evangelizar” como nos recordava Paulo VI: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade [...]” (EN 14). Retomando esse pensamento, Francisco parte do princípio de que evangelizar não se trata de conquistar pessoas para a religião cristã, mas, construir pontes, estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar uns aos outros” (Gl 6,2). Enfatiza o papa: “A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração” (EG 14).

O testemunho, somente ele, é capaz de falar mais alto ao coração das pessoas. Em detrimento de uma pastoral, que muitas vezes visa tão somente arrebanhar pessoas para nossas fileiras, Francisco se coloca avesso a essa postura, que ele intitula “assédio espiritual”. A Igreja é muito mais do que apenas uma quantidade de pessoas reunidas em torno de prescrições e castigos pelo não cumprimento das “obrigações”. A Igreja, na linha da *Evangelii Nuntiandi*, além de ser um espaço de missão é casa de testemunho cristão. Nas palavras de Paulo VI: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41, SUESS, 2013, p. 8).

Toda a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* vem perpassada de alegria, de esperança, de chamado ao testemunho e busca de uma audácia inovadora. Francisco quer uma “Igreja-casa” de todos e para todos, sem o “emaranhado” confuso de doutrinas. Elabora uma posição fundada no realismo filosófico de que a realidade sempre desborda do conceito ou “a realidade é superior à ideia” (EG 231). Esse princípio da primazia da realidade evita que “a ideia fique desligada da realidade, do mundo, das pessoas, da história e dê origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenham” (EG 232).

Na ótica do encontro, de uma “Igreja em saída”, servidora, Francisco, na audiência geral de 27 de março de 2013, desenvolve o conceito de “periferia da existência”. Exorta os cristãos a saírem de si mesmos, para dirigir-se às periferias que não são apenas físicas, mas morais, existenciais, sociais, étnicas, culturais, para fazerem-se presentes nessas realidades e ambientes marginais, onde se encontram o desespero e o abandono. O êxodo de si mesmo, tem um sentido muito claro: trata-se de emigrar do centro para a periferia, da luz para a escuridão, da sacralidade para as margens, da comodidade às intempéries, pois é precisamente

ali que se mostra necessário o consolo, a esperança, a ação transformadora da Igreja em sua missão de evangelizar e garantir o Reino de Deus (EG 176) (TORRALBA, 2014, p. 86).

Em sua maneira de viver e de pensar o que Francisco favorece são cristãos autênticos, ousados, inovadores, que ousam “primeirear” (neologismo papal) para dizer que se propõem a serem os primeiros no envolvimento e no compromisso missionário (EG 20). Na reflexão de Leonardo Boff, estes cristãos fomentados por Francisco são os abridores de “saídas” para a Igreja. A palavra “saída” é uma categoria que atravessa toda a Exortação. Mostra uma Igreja que deixa para trás a saudade de seu “castelo medieval” e “sai” para mergulhar no mundo moderno, complexo e contraditório, mas sedento de sentido e da Palavra (BOFF, 2014, p. 126).

O Papa, mostra especial dureza contra o “mundanismo espiritual” (EG 93) daqueles cristãos que, ao pretenderem evangelizar, especialmente pelos canais de televisão, mais anunciam a si mesmos e “cuidam mais de sua aparência”, num “exibicionismo litúrgico” (EG 95), com cores gritantes que se destacam mais do que o próprio Evangelho. São autorreferenciais, com uma “autocontemplação egocêntrica” (EG 95). Espontaneamente nos vêm à mente figuras midiáticas, que são mais animadores de palco do que evangelizadores. Outros, de uma “tristeza melosa”, (EG 83) desenvolveram uma “psicologia do túmulo que pouco a pouco transformam os cristãos em múmias de museu” (EG 83), a Igreja em “possessão de poucos” (EG 95), onde muitos ficam com “cara de funeral” (EG 10), e outros ainda, permanecem numa “quaresma sem páscoa” (EG 6).

Estas sentenças, descritas por Francisco, resumem o sentido e o sonho de uma Igreja em “saída”: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter ‘saído’ pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças, presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49).

Convergindo, uma vez mais com o espírito do Documento de *Aparecida*, da qual é depositário e ao mesmo tempo promotor, Francisco retoma a ideia de que a abrangência do “anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo”, a ação evangelizadora da Igreja, possui uma “destinação universal”. Em vista de uma Igreja missionária, “em saída”, “seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas

as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho” (*DAp* 380, *EG* 183).

Para Sbardelotto, a *Evangelii Gaudium*, sem reticências é um Documento abrangente, programático e ao mesmo tempo extremamente atual para o período histórico e eclesial que estamos vivendo. Pensada a partir do conceito de colegialidade, do princípio da corresponsabilidade, mais do que um texto retórico, é essencialmente vivencial e existencial, parte da realidade, da vida. Confiando na presença de Deus junto ao seu povo, advoga em direção da liberdade, da diversidade, da pluralidade e multiplicidade dos fieis que se deixam conduzir pelo Espírito Santo e nele encontram a unidade, sem particularismos, nem exclusivismos (*EG* 131). A esperança sincera de Francisco é de que suas palavras também se façam carne no meio de nós, para a alegria do mundo (SBARDELOTTO, 2013).

Em síntese, a partir da análise de Francisco sobre o momento eclesial que estamos vivendo, podemos destacar a profunda comunhão de seu pensamento com a caminhada teológica percorrida na América Latina, a continuidade com as propostas lançadas pelo Concílio Vaticano II, que, diga-se de passagem, já estavam sendo “engavetadas” e esquecidas, a retomada de reformas inadiáveis no seio da Igreja, como da Cúria Romana, do sistema financeiro, da vida pastoral, e acima de tudo, proporcionar uma nova visibilidade papal, não mais como um “monarca”, mas como um pastor, chamado a cuidar da unidade do seu rebanho.

Nesta direção, um bom exemplo de sinodalidade e emancipação das Igrejas Locais, por parte de Francisco, foi a criação no início de seu pontificado de uma Comissão composta por oito cardeais representantes dos cinco continentes. Além de o aconselharem no governo da Igreja, receberam também a missão de propor um projeto de revisão da Constituição *Pastor Bonus* de João Paulo II. Isso significa um passo importante em direção a renovação da Igreja, pois este Documento versa justamente sobre a identidade e as funções da Secretaria de Estado do Vaticano, das Congregações, dos Tribunais e dos Conselhos Pontifícios, bem como, das Instituições ligadas à Santa Sé e outros organismos da Cúria.

A figura de Francisco, a partir da reflexão que faz em sua Exortação Apostólica sobre a Igreja, de seus gestos cada vez mais contagiantes e inovadores, como por exemplo, o encontro com o Rabino-chefe da Sinagoga de Roma, Riccardo Di Segni, ganha força e entusiasmo, à medida que ele propõe um novo olhar para o poder papal, agora visto como serviço de diálogo, de defesa e promoção da vida.

Podemos identificar esse novo momento, quando vemos o Papa abdicar os sinais de realeza, antes tão valorizados, ao convocar as Igrejas Locais a pensarem seus próprios desafios, descentralizando as decisões da Europa, de modo especial, quando se coloca como um promotor da paz, presente em meio aos sofredores, para falar deles, com eles e a partir deles.

Com o anseio de um trabalho em conjunto, pautado no diálogo e na mútua colaboração, o Papa alinha novamente em uma mesma rota a Igreja com a história e o mundo. Coloca-a novamente na ordem do dia, diante das grandes questões ligadas à vida e à humanidade. Reconhece a culpa e os limites dos agentes pastorais frente aos novos desafios da evangelização. Impulsiona-nos a redescobrir as culturas e o valor da pessoa como sujeito, elementos intrínsecos da evangelização. Exorta-nos a defender os pobres e marginalizados como uma autêntica opção da Igreja, do Evangelho e do próprio Cristo.

Atento aos constantes apelos de nossas lideranças pastorais, insere em sua proposta de uma “Igreja em saída”, missionária, a necessidade do protagonismo e da presença dos leigos nas instâncias de decisão, ainda que não ofereça pistas ou caminhos concretos para isso. No fundo, almeja uma Igreja mais participativa, uma Igreja de comunhão, ministerial, que favorece a vida, o encontro entre Deus e seu povo, uma Igreja “sacramento de salvação” (GS 42).

#### 2.3.2.3. Alguns sinais de resistência

A proposta e a transformação missionária da Igreja, apontada e defendida por Francisco, ainda que tenha entusiasmado e preenchido de esperança o coração de muitas pessoas, e de vários seguimentos da sociedade como um todo, naturalmente tem encontrado muitas resistências. Seu jeito simples de viver, sua postura profética, seus gestos e atitudes espontâneas e surpreendentes, se deparam constantemente com vozes contrárias, que desejam sufocar o novo, salvaguardar verdades tidas como absolutas, poderes temporais, prestígios e regalias, que mais do que promover o Reino e a sua justiça, podem eclipsá-lo, reduzi-lo (EG 176).

Refletindo, sobre os primeiros dias após a eleição de Francisco, Bastante dizia que frente ao que estava acontecendo na Igreja, parecia que a história havia realizado uma reviravolta. Em sua compreensão, os gestos e decisões de Bergoglio, geraram uma onda de otimismo sem precedentes nos últimos pontífices. E

paralelamente, embora em silêncio ou sob o amparo do anonimato, começaram as críticas à “humildade” do novo Papa, acusado de querer “enterrar” a involução pós-conciliar desejada pelos dois pontífices anteriores. O chamado do novo Papa a uma maior austeridade, seu sonho de que esta seja uma “Igreja pobre para os pobres”, a ausência de enfeites em sua vestimenta e gestos como o de pedir a benção do povo ou de ficar à porta para se despedir dos fieis, foram gestos tidos como “revolucionários” para uma ala conservadora da Igreja, que passou imediatamente a acusar o pontífice de “trair” e “romper” com alguns princípios irrenunciáveis (BASTANTE, 2013).

Em um ambiente aparentemente de paz e tranquilidade, para Bernabucci, em um artigo intitulado: “Os inimigos do Papa: uma trama complexa reúne cardeais conservadores contra a renovação da Igreja Católica desejada por Francisco”, ele nos diz que há um evidente conflito em pleno desenvolvimento, em direção à busca e à defesa do poder. O modelo de Igreja que o Papa latino deseja por em prática, uma Igreja pobre, misericordiosa, “hospital de campanha”, como ele a definiu, está em choque com a estrutura de poder dogmática e conservadora, que foi construída nos séculos passados. Frisa o escritor, que com Francisco no trono de São Pedro, não há possibilidade de mediação entre os dois modelos, daí a reação raivosa dos “adversários”, numerosos e poderosos, que ainda ocupam posições inalteradas em seu pontificado, atravancando novas propostas, como o que ocorreu no Sínodo das Famílias, onde se levantaram até mesmo mentiras sobre a saúde e a capacidade intelectual, por parte do Papa, em conduzir as discussões e o futuro da Igreja (BERNABUCCI, 2015).

Há uma admiração majoritária ao Papa, mas também uma minoria, que, segundo Castillo, utilizando a passagem bíblica do “Filho pródigo” (Lc 15, 11-32), se assemelha mais ao “irmão mais velho”, que se sentia melhor que seu “irmão mais novo”, por nunca ter desobedecido ao pai e cumprido todas as normas. Perguntado sobre se há oposição interna a Francisco, o teólogo chega a afirmar que mais da metade dos agentes da Cúria Romana, de uma maneira ou de outra, por um motivo ou outro, sem dizer abertamente, são contrários ao novo Papa. No fundo, segundo o autor, o que está por trás disso tudo é a maneira de entender a Deus. Destaca: “Os que se relacionam com um Deus de poder através da submissão, dizem a si mesmos que, como representam a Deus neste mundo, também podem e devem exigir submissão” (CASTILLO, 2015).

Para Faus, é justamente a partir da compreensão que temos de Deus e do papado onde ganham forças as críticas e a oposição ao Papa. Contra a acusação de que Francisco está dessacralizando o papado, exclama o teólogo: “Demos graças a Deus por isso, pois contribuirá para purificar a fé dos católicos facilitando ademais a proximidade de outras igrejas cristãs”. Destaca: “Porque, ainda que seja certo que a Deus somente chegamos através das mediações, isso não significa que devemos sacralizá-las” (GONZÁLEZ FAUS, 2014).

Assim como Francisco, a *Evangelii Gaudium* tem sofrido duras críticas e uma forte oposição. Para Amado, de modo geral sempre existirão rejeições à Exortação e a tudo aquilo que ela representa. Frisa: “Internamente, as rejeições têm decorrido da dificuldade de distinguir o que efetivamente pertence ao núcleo do Evangelho daquilo que é marca histórico-cultural”. Afirma: “Não se trata de julgamentos, mas sabemos o quanto a hipervalorização de coisas antigas pode encobrir acomodações e privilégios” (AMADO, 2014, p. 28).

Externamente, as rejeições têm se voltado para o segundo capítulo, que versa sobre a realidade e desdobramentos econômicos, políticos e sociais do mundo. De modo especial, os meios de comunicação laicos e alguns estudiosos das ciências econômicas têm apresentado críticas ásperas a esta parte da Exortação, acusando o Papa Francisco de obsoleto, socialista ou comunista. Isso porque ele denuncia clara e diretamente o domínio absoluto das leis do mercado sobre a dignidade das pessoas, vendo neste domínio a origem das exclusões e dos sofrimentos de muita gente (Cf. AMADO, 2014, p. 28).

Trazendo para nossa realidade brasileira, como um sinal de resistência ao Papa e as suas mudanças, dando continuidade em partes ao movimento iniciado por Lefebvre, o bispo francês Jean-Michel Faure, também excomungado, afirmou após uma celebração em Nova Friburgo – RJ, ao Jornal *The Guardian*, que Francisco era “menos católico do que eles”, pois não seguia as propostas doutrinárias de Pio X, que segundo o movimento, foi o papa que mais defendeu a Igreja e a Sagrada Liturgia. E ainda de maneira mais contundente fez a seguinte crítica ao atual Bispo de Roma: “ele não segue a doutrina da fé que está nas palavras de Jesus Cristo” (KIRCHGASSNER, 2015).

De um modo geral, podemos dizer que a Exortação de Francisco, ainda que tenha encontrado resistências, duras críticas e uma oposição cada vez mais declarada, por aquilo que ela analisa, cobra e incentiva, podemos dizer que o seu

saldo é positivo, e o texto como um todo aponta para avanços significativos. Quanto à sua recepção nos demais setores da sociedade, recebeu muitos elogios, pois de algum modo se veem retratados ao longo do texto. Reconhecem nas palavras do texto pontifício muito do que esperam para a Igreja e para o mundo de hoje.

### **Considerações finais**

Até aqui analisamos a amplitude referente à segunda parte de nosso capítulo, que teve por objetivo refletir sobre o contexto de uma Igreja “em saída” apresentada por Francisco, onde nos debruçamos no que diz respeito, segundo ele, a algumas ameaças que fragilizam o testemunho da Igreja hoje e a sua presença em muitos dos agentes de pastoral. Destacamos, como um alcance de sua análise, a preocupação frente ao individualismo e ao relativismo, a sua abordagem clara e sincera em relação a como se encontram os agentes de pastoral neste tempo de grandes mudanças e transformações. Além disso, a sua crítica frente ao clericalismo, que muitas vezes sufoca o trabalho dos leigos, a forma profética e ao mesmo tempo serena em que tem recebido as críticas e oposições ao seu pontificado e acima de tudo, a sua preocupação com a qualidade dos relacionamentos comunitários e a busca de uma cultura do encontro, da fraternidade e da vida.

Como limites de sua explanação acerca das tentações dos agentes de pastoral, constatamos que muitas pessoas em nossas comunidades ainda se deixam conduzir pelo “mundanismo espiritual”, cultivam uma mística e espiritualidade “desencarnadas”, que não as levam para o compromisso comunitário, para a solidariedade com os menos favorecidos. Destacamos ainda como limite a dificuldade de se fazer um panorama de uma Igreja tão vasta, complexa e plural e a presença de elementos doutrinários e de grupos reacionários, que ainda atravancam o avanço de sua reflexão teológica e pastoral, especialmente sobre o papel, a vocação batismal, e o engajamento dos leigos, especialmente das mulheres, em nossas comunidades, pastorais e movimentos.

Dessa forma, chegamos ao final de nosso primeiro capítulo, onde nos foi possível analisar de modo bastante significativo a realidade e o contexto de uma Igreja “em saída” do ponto de vista sociocultural e religioso-eclesial, bem como os seus desdobramentos para a construção de uma Igreja decididamente missionária,

comprometida com a vida e com a história, solidária e misericordiosa especialmente com os mais pobres e excluídos. Trazemos como meta para o próximo capítulo, aprofundar o significado e a identidade de uma Igreja “em saída”.

### 3. SIGNIFICADO E IDENTIDADE DE UMA IGREJA “EM SAÍDA”

Após termos explicitado e analisado o contexto sócio-ecclesial atual de uma Igreja “em saída” segundo a *Evangelii Gaudium*, vamos agora abordar o significado e a identidade de uma Igreja missionária para o Papa Francisco. Decidida a olhar para aquilo que lhe é próprio e compõe a sua natureza, a Igreja é chamada a confrontar-se com o mundo em constantes e profundas transformações em todos os âmbitos. E, para que possa compreender, com mais clareza, as realidades que a interpelam e a desafiam ao mesmo tempo, a um contínuo processo de conversão, é preciso redescobrir sua vocação missionária e, assim, ser um “sinal” ou “sacramento do Reino” (AG 1,2).

Na sequência, vamos apresentar os principais pressupostos elencados pelo Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* a respeito da constituição de uma Igreja “em saída”, missionária, evangelizadora, comprometida com a vida. Nossa leitura do texto pontifício vai focar no significado e na identidade de uma Igreja missionária, tendo presente as tensões na compreensão e realização de sua missão permanente.

Num primeiro momento deste capítulo, nos limitaremos a apresentar a argumentação de Francisco com respeito ao significado e à identidade de uma Igreja “em saída”. Ela versa em torno à necessidade de uma transformação missionária da Igreja e de uma conversão pastoral, sem desconhecer as limitações humanas e as influências na formulação da mensagem. Esta transformação missionária leva a uma Igreja de “portas abertas”, sobretudo, a fazer a passagem do centro para as “periferias existenciais”.

Num segundo momento deste capítulo, tal como no anterior, faremos algumas considerações em torno à argumentação da Exortação, relativas ao significado e identidade da Igreja. Para isso, nos apoiaremos em autores que têm feito uma análise antes e depois da questão, no desejo de adentrar criticamente no âmago da discussão em torno das propostas e implicações para uma Igreja “em saída”.

#### 3.1. A MISSIONARIEDADE COMO ESSÊNCIA DA IGREJA

Como afirma a *Evangelii Gaudium*, a missão evangelizadora tem como ponto de partida o mandato de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos,

batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28,19-20). Nesta perícopes, aparece o momento em que o Ressuscitado envia os seus a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé em sua pessoa, a proposta do Reino, se estenda até os confins do mundo (cf. *EG* 19).

### **3.1.1. A missão compreendida a partir do coração do Evangelho**

Para Francisco, se pretendemos colocar tudo em chave missionária, isso deve aplicar-se também à maneira de comunicar a mensagem. Em sua abordagem, ele não se preocupa em apontar textos bíblicos ou fazer ainda que brevemente uma exegese para sustentar e ao mesmo tempo exemplificar a sua proposição. Seu interesse nesta seção é aprofundar frente à globalização e à sociedade da informação, na qual estamos inseridos, os elementos essenciais para que a evangelização possa acontecer de modo profundo e intenso, superando o risco da superficialidade e de uma pregação reducionista das verdades da fé e do Evangelho.

Sendo características de uma sociedade da informação, a velocidade e as ambiguidades dos meios de comunicação social, o Bispo de Roma, tendo presente esse contexto, nos alerta sobre o risco de que a mensagem, a doutrina, a moral, os valores cristãos, cheguem mutilados, reduzidos a aspectos secundários, até nossos interlocutores, perdendo, assim, o sentido, o horizonte completo, o fascínio, a beleza, o núcleo essencial do Evangelho (cf. *EG* 34).

Partindo do coração do Evangelho, Francisco compreende a ação da pastoral da seguinte maneira:

Uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa (*EG* 35).

Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas, algumas delas são mais importantes por exprimir

mais diretamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a “beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”. Para Francisco, na centralidade da mensagem cristã e conseqüentemente do nosso agir pastoral, está o amor e a misericórdia de Deus, expressos no “novo mandamento” e na “graça do Espírito Santo” (EG 37).

Para o pontífice, a partir da centralidade do amor e da misericórdia, se faz necessário medir as conseqüências e a aplicabilidade pastoral desta reflexão, tão presente no Concílio e que recolhe uma antiga convicção da Igreja. Em sua visão, antes de tudo, deve-se dizer que, no anúncio do Evangelho, é necessário que haja uma proporção adequada entre aquilo que é o fundamental e o secundário. Assim, ao invés de reforçar apenas a doutrina, a lei e a norma, devemos priorizar em nosso anúncio a graça, a caridade, a justiça, o amor, a misericórdia, para que não se obscureça aquilo que é a centralidade na pregação e na catequese (cf. EG 38).

No desejo de preservar a totalidade das virtudes cristãs, a integridade da mensagem do Evangelho, o Papa nos faz compreender, que quando somos fieis à pregação da mensagem de Jesus Cristo, manifestamos claramente a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoica, é mais do que uma ascese; não é uma mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros. “O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Esse convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância!” (EG 39).

Segundo a Exortação, todas as virtudes, ensinamentos, gestos e atitudes, estão a serviço desta resposta de amor. Se tal convite não demonstra, com vigor e fascínio, aquilo que é o lastro moral e profético da Igreja, ela incorrerá no risco de se tornar um “castelo de cartas”, sendo este o nosso pior perigo. Dessa forma, não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. Se assim procedermos, adverte Francisco, “a mensagem correrá o risco de perder o seu frescor” e já não ter “o perfume do Evangelho” (EG 39).

### **3.1.2. Uma Igreja “em saída”**

Para Francisco, na Sagrada Escritura facilmente podemos encontrar a dinâmica e o dinamismo de “saída”. Há inúmeras passagens que atestam o desejo de Deus que seu povo “saia”, caminhe, se coloque em movimento, que vá para onde Ele indicar. Entre os textos mais emblemáticos, o Papa destaca o envio de Abraão, que aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (Gn 12,1-3); a vocação de Moisés, que ouviu a voz de Deus: “Vai, Eu te envio” (Ex 3,10), e fez sair o povo para a terra prometida (Ex 3,17); o mandato a Jeremias quando disse: “Irás aonde Eu te enviar” (Jr 1,7).

Em toda a tradição bíblica, há outros inúmeros relatos que nos convidam a esse movimento de “saída”. De modo especial, na proposta de Jesus: “ide”, estão presentes os cenários, as paisagens, os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje, como nos recorda Francisco, todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada batizado, cada comunidade eclesial é chamada a discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos são convidados a aceitar esta proposta: “sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

Sobre a alegria de sermos missionários e favorecermos uma Igreja “em saída”, aponta Francisco:

A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam cheios de alegria (cf. Lc 10,17). Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. Lc 10,21). Sentem-na, cheios de admiração, os primeiros que se convertem em Pentecostes, ao ouvir “cada um na sua própria língua” (At 2,6) a pregação dos Apóstolos (EG 21).

Essa alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está frutificando. Trás em si a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além. A própria pedagogia de Jesus sempre o apresenta em movimento, sempre semeando em lugares diversos sem se demorar muito por aí, acreditando que as sementes, assim como a Palavra, frutificam e se multiplicam. A Igreja, espelhando-se no dinamismo, na potencialidade, no novo que brota da semente e da Palavra, deve se lançar, superar previsões, quebrar esquemas, e se deixar conduzir pela força da ação de Deus, que faz crescer o que se semeia com alegria (cf. EG 22).

Retomando um dos pensamentos de João Paulo II, Francisco, nos diz que a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e essa comunhão se “reveste essencialmente em forma de comunhão missionária”. Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demoras, preconceitos, repugnâncias e acima de tudo sem medo. “A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém, assim foi anunciada pelo anjo aos pastores de Belém: ‘Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo (Lc 2,10)’” (EG 23).

Para falar da alegria da missão e de uma Igreja “em saída”, Francisco faz uso até de um neologismo muito próprio e pessoal. Para ele, a comunidade dos discípulos missionários, é a comunidade dos que “primeireiam”, ou seja, a comunidade daqueles e daquelas que tomam a iniciativa. Pondera:

A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! (EG 24).

Como consequência, do ir em direção ao outro e sua realidade, em perspectiva e chave missionária, a Igreja é chamada a “envolver-se”, tomar partido e servir, misturar-se com. Nesse sentido, o Bispo de Roma, a partir da experiência do seu pastoreio, nos diz que os evangelizadores contraem, assim, o “cheiro de ovelha” e estas escutam a sua voz (cf. EG 24).

Segundo a *Evangelii Gaudium*, à medida que vamos nos envolvendo, somos chamados também a “acompanhar” tendo como princípio a esperança, a espera e a paciência com a “semente” que foi lançada e necessita de um tempo para “frutificar” e se fortalecer, em meio ao “joio” daqueles, que atravancam o processo de evangelização em nossas comunidades, e muitas vezes fazem sofrer os que buscam o novo, o cerne do Evangelho. Como resultado do envolvimento, de um profundo acompanhamento, resta à comunidade “festejar”, “celebrar” os passos que foram dados em direção do encontro a uma nova evangelização. A celebração da liturgia em sua essência é ao mesmo tempo um ato de evangelização, quanto um impulso na vida e na missão daqueles que querem evangelizar e se doar (EG 24).

### 3.1.3. Pastoral em conversão missionária

Para Francisco, contemplando nossa realidade eclesial, é perceptível que muitos dos documentos que temos não têm suscitado uma renovação e uma nova aurora no seio da Igreja. A partir dos seus esforços e especialmente do seu testemunho, convoca todas as nossas comunidades a se esforçarem por encontrar os meios necessários, para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Em suas palavras “neste momento, não serve uma simples administração”. Citando *Aparecida*, constituam-nos uma Igreja em “estado permanente de missão”, em todas as regiões do planeta (*EG 25, DAp 201*).

Em convergência com a *Evangelii Gaudium*, Paulo VI, em seus escritos e gestos, já nos convidava a alargar o apelo à renovação de modo que ressaltasse, com força, que não se dirigisse apenas aos indivíduos, mas à Igreja inteira (cf. *EG 26*). Retomando o frescor conciliar, acerca da natureza e identidade eclesial, recorda Francisco:

A Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério [...]. Desta consciência esclarecida e operante deriva espontaneamente um desejo de comparar a imagem ideal da Igreja, tal como Cristo a viu, quis e amou, ou seja, como sua Esposa santa e imaculada (Ef 5,27), com o rosto real que a Igreja apresenta hoje. [...] Em consequência disso, surge uma necessidade generosa e quase impaciente de renovação, isto é, de emenda dos defeitos, que aquela consciência denuncia e rejeita, como se fosse um exame interior ao espelho do modelo que Cristo nos deixou de Si mesmo (*EG 26, ES 611, 612*).

Na compreensão do Papa, o Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como abertura a uma reforma permanente de si mesma, por fidelidade a Jesus Cristo, à sua Palavra e ao projeto do Reino: “Toda a renovação da Igreja, consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma (*UR 6*)” (cf. *EG 26*).

Em sua reflexão, o bispo de Roma, constata que, há estruturas eclesiais que podem condicionar um dinamismo evangelizador, de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem “fidelidade da Igreja à própria vocação”, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo (*EG 26*).

A respeito de uma renovação eclesial inadiável, Francisco fala de seu sonho:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, exigida pela conversão pastoral, só se pode entender neste sentido: fazer que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG 27).

Fazendo das palavras de João Paulo II, dirigidas aos Bispos da Oceania, também suas, Francisco nos diz que “toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão”, a “saída”, o outro em sua realidade, cultura, condição social e política, “para que a Igreja não caia como vítima de uma espécie de introversão eclesial” (EG 27).

Segundo a Exortação, motivada por este espírito de renovação e conversão pastoral, a paróquia, sendo um espaço privilegiado para a evangelização, cada vez mais inserido na vida do povo e das famílias, atenta aos novos desafios, em postura de diálogo e acolhida, pode se tornar um espaço muito propício de missão e formação de agentes evangelizadores. Com este novo rosto, mais humano, mais fraterno, mais missionário, a paróquia se configura como “comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, um centro de constante envio missionário” (EG 28).

Para favorecer a comunhão e a participação de todos no seio da Igreja, Francisco conclama todas as instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação, a estarem integradas e a não perderem o contato com a realidade rica e plural, que compõe a paróquia e que se incluam em uma pastoral orgânica em nível diocesano, para que, a partir do seu dinamismo e capacidade de diálogo com o mundo, não fiquem apenas com uma parte da Igreja ou do Evangelho, como “nômades sem raízes”, mas que ajudem a Igreja no seu constante processo de renovação (EG 29).

Segundo a *Evangelii Gaudium*, a renovação eclesial não é algo que deva acontecer apenas nas paróquias, como nos recorda Francisco, para ele, cada Igreja Local, porção do Povo de Deus, motivada pelo seu bispo, é chamada à conversão missionária. Sendo cada diocese um sinal visível da Igreja de Cristo, deve ser “o sujeito primário da evangelização”. Com o rosto jovial e alegre é chamada às

“periferias da existência”, a partir de um decidido e generoso impulso missionário, pautado sempre num processo constante de discernimento, purificação e reforma (EG 30).

Para Francisco, o bispo, enquanto um continuador da missão dos “discípulos missionários” de Jesus, deve favorecer:

Sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tinham um só coração e uma só alma (cf. At 4,32). Para isso, às vezes por-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e, sobretudo, porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas (EG 31).

Em seu pastoreio e missão, os bispos devem promover uma comunhão dinâmica, aberta e acima de tudo missionária, estimulando e favorecendo os organismos de participação, propostos pela Igreja em seus documentos e Tradição. Apostando no diálogo pastoral, no desejo de ouvir a todos, e não alguns sempre prontos a bajulá-lo, Francisco os exorta a dar seu exemplo e testemunho, a buscarem uma constante conversão em seu ministério, como ele tem feito no papado. Um dos possíveis caminhos é o da colegialidade, da sinodalidade, do reconhecimento do magistério das Conferências Episcopais. Ao seu modo de pensar, em todas as esferas e organismos eclesiais “uma centralização excessiva, em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária” (cf. EG 32).

Para o Papa, a pastoral em chave missionária exige o abandono do seguinte critério pastoral: “fez-se sempre assim”. Frisa ele, toda Igreja: bispos, padres, religiosos, consagrados, leigos, devem ser “ousados e criativos” nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores em cada uma de nossas comunidades, a partir de nossas realidades e desafios próprios. Para ele, vislumbrar os fins desconexos de uma reflexão dos meios, pode criar em nós apenas uma “fantasia”. Exorta-nos a aplicar com coragem e generosidade os frutos de todas as suas reflexões, tendo sempre presente, que o mais importante é não caminhar sozinhos, mas ter sempre em conta os irmãos, de modo especial, nossas lideranças, num discernimento pastoral comunitário, sábio e realista (EG 33).

### 3.2. A MISSÃO QUE SE ENCARNA NAS LIMITAÇÕES HUMANAS

A Igreja, discípula missionária, impulsionada pelas reflexões e intuições do Concílio, busca cada vez mais, a partir do diálogo com as ciências e com o mundo moderno, aperfeiçoar a sua reflexão e estar em sintonia com os desafios do tempo presente, obtendo assim, “indicações concretas que a ajudem no cumprimento de sua missão”. Esta abertura, tão salutar, ao crescimento e à interdisciplinaridade, para Francisco, poderá parecer aos que “sonham com uma doutrina monolítica” uma “dispersão imperfeita”, mas a realidade é que a variedade ajuda a manifestar e desenvolver melhor os diversos aspectos da riqueza inesgotável do Evangelho (EG 40).

Ao mesmo tempo, as enormes e rápidas mudanças culturais exigem que prestemos constante atenção ao tentar exprimir as verdades de sempre, numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade. Francisco nos alerta retomando uma reflexão do Discurso na inauguração do Concílio Vaticano II, proferida por João XXIII, falando a respeito do “depósito da doutrina cristã, uma coisa é a substância [...] e outra é a formulação que a reveste” (EG 41).

#### 3.2.1. Ir em direção às “periferias”

Como frisa o Papa, à medida que a Igreja assume este dinamismo missionário, a proposta de sair ao encontro e defesa da vida, sua ação e missão devem se estender a todos, sem exceção. Mas frente a tantas necessidades e demasiada sede de Deus, podemos nos perguntar a quem ir primeiro. Francisco, a partir da perspectiva bíblica e das atitudes de Jesus, nos exorta a ir “não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo, aos pobres e aos doentes, àqueles que são desprezados e esquecidos, ‘àqueles que não têm com que te retribuir’” (Lc 14,14, EG 48).

De acordo com o texto, não devem permanecer dúvidas nem a necessidade de muitas explicações a respeito da seguinte e clara mensagem: “Hoje e sempre, ‘os pobres são destinatários privilegiados do Evangelho’, e a evangelização dirigida de modo gratuito a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer”. Reforça Francisco: “Há que afirmar sem rodeios, que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!” (EG 48).

Tomando como imperativo o mandato de Jesus aos apóstolos, Francisco exorta a toda Igreja:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos (EG 49).

Na visão do Bispo de Roma, em nosso ser Igreja, em nossa atividade missionária, o que deve realmente inquietar nossa consciência e nos preocupar é a situação, a realidade, de tantos irmãos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida (cf. EG 49).

Mais do que o medo de falhar, Francisco, espera que a Igreja em “permanente estado de missão” se mova pelo medo de se encarcerar em estruturas, que no fundo, dão apenas uma sensação de segurança e proteção, em normas que correm o risco de nos transformar em “juízes implacáveis”, em hábitos que nos fazem nos sentir tranquilos, enquanto lá fora, nas periferias, à margem da sociedade, há uma multidão faminta e Jesus repetindo-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer (Mc 6,37)” (EG 49).

### **3.2.2. Uma Igreja mãe de coração aberto**

Para Francisco, a Igreja “em saída” é uma Igreja mãe de coração aberto. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas, não significa correr pelo mundo, sem direção nem sentido. Em suas palavras, “muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”. A partir da imagem do “filho pródigo”, a Igreja como o “pai misericordioso”, deve permanecer com as portas abertas para, quando este voltar, possa entrar sem dificuldade (EG 46).

Sobre o que constitui uma Igreja com “portas abertas”, enfatiza Francisco:

A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos dessa abertura é ter, por todo lado, igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não se esbarrará com a frieza de uma porta fechada. No entanto, há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar, de alguma forma, da vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale, sobretudo, quando se trata daquele sacramento que é a “porta”: o Batismo (EG 47).

Afirma a *Evangelii Gaudium*, que a Eucaristia na vida no povo e no seio da Igreja, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não pode ser concebida como um “prêmio para os perfeitos”, mas um remédio generoso e um “alimento para os fracos”. Tais considerações sobre a natureza e a vivência sacramental na perspectiva de uma Igreja “em saída”, devem provocar consequências em nosso agir pastoral. Frente ao novo que se descortina, temos que agir com prudência e audácia. Analisa Francisco: “Muitas vezes, agimos como controladores da graça, e não como facilitadores. A Igreja, porém, não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG 47).

### **3.2.3. A necessária distinção entre substância e reformulação da mensagem**

Para Francisco, por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que as pessoas de nossas comunidades recebem, devido à linguagem que eles mesmos utilizam e compreendem, é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Exemplifica:

Com a santa intenção de lhes comunicar a verdade sobre Deus e o ser humano, em algumas ocasiões, damos-lhes um falso deus ou um ideal humano que não é verdadeiramente cristão. Deste modo, somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância. Este é o risco mais grave. Lembremo-nos de que “a expressão da verdade pode ser multiforme. E a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável” (EG 41).

Segundo o texto, essa reflexão se torna muito oportuna à evangelização e à missão da Igreja, à medida que desejamos manifestar mais verdadeiramente e fazer perceber melhor a beleza do Evangelho. Contudo, nos recorda Francisco, que não poderemos jamais esgotar ou tornar os ensinamentos da Igreja uma realidade facilmente compreensível e assimilada na sua totalidade por todos. A fé guarda um

mistério, conserva sempre um aspecto de cruz, certa obscuridade que não tira firmeza à sua adesão, mas motiva e dá coragem a conhecer e viver aquilo que nos chama e seduz a fazer e ser no seio da sociedade e da Igreja (cf. *EG 42*).

Conforme Francisco, há coisas que se compreendem e apreciam só a partir desta adesão que é irmã do amor, para além da clareza com que se possam compreender as razões e os argumentos. Por isso, em suas palavras “é preciso recordar-se de que cada ensinamento da doutrina deve situar-se na atitude evangelizadora que desperte a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho” (*EG 42*).

Com o passar do tempo e o constante discernimento que a Igreja faz de sua vida, missão e evangelização, ela pode chegar também a reconhecer costumes próprios não diretamente ligados à centralidade do Evangelho, muitos até mesmo bem incorporados, que hoje já não são interpretados da mesma maneira e cuja mensagem habitualmente não é percebida de modo adequado e eficaz. Pondera Francisco: “podem até ser belos, mas agora não prestam o mesmo serviço à transmissão do Evangelho. Não tenhamos medo de revê-los! Da mesma forma, há normas ou preceitos eclesiais que podem ter sido eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa como canais de vida” (*EG 43*).

Fundamentando-se em teólogos, como Tomás de Aquino e Agostinho, Francisco retoma o pensamento de que “os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ao povo de Deus ‘eram pouquíssimos’, mas que, com o passar do tempo, foram adicionados novos preceitos pela Igreja o que pede certa ‘moderação, para não tornar pesada a vida dos fiéis’, nem transformar a nossa religião numa escravidão, quando ‘a misericórdia de Deus quis que fosse livre’”. Essa advertência, feita há vários séculos, é extremamente atual e pertinente. Deveria ser um dos critérios a considerar, quando se pensa numa reforma da Igreja e da sua pregação que permita realmente chegar a todos (*EG 43*).

Frente aos que erram por ignorância, por falta de conhecimento, aos que andam num passo mais lento, Francisco nos diz que é preciso acompanhá-los com misericórdia e paciência. Enfatiza que o confessionário não deve ser uma “câmara de tortura, mas um lugar da misericórdia do Senhor, que nos incentiva a praticar o bem possível”. A cada pequeno passo de quem vive nas “periferias existenciais”, provando o mais profundo das limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta, de quem transcorre os seus dias sem enfrentar

sérias dificuldades, grandes desafios, o medo de ousar. Para além das quedas, dos medos, das fraquezas, devemos comunicar o amor salvador que age misteriosamente em todas as pessoas (EG 44).

Como afirma a Exortação, podemos constatar que a missão evangelizadora da Igreja se move por entre as limitações humanas, de linguagem, de circunstâncias, da parte de quem anuncia e recebe o anúncio, procurando sempre evidenciar a verdade, o bem, o amor e a justiça. Um coração missionário, na reflexão de Francisco, tem consciência destas limitações e busca fazer-se “fraco com os fracos... e tudo para todos” (1Cor 9,22), nunca se fechando ou se refugiando em suas próprias seguranças, nunca optando pela rigidez autodefensiva. “Sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão e vivência do Evangelho e no discernimento dos caminhos do Espírito, e, assim, não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada” (EG 45).

### 3.3. CONSIDERAÇÕES EM TORNO AO SIGNIFICADO E IDENTIDADE DE UMA IGREJA “EM SAÍDA”

Tendo apresentado, até então, neste capítulo a argumentação de Francisco a respeito do significado e da identidade de uma Igreja missionária, vamos agora tecer algumas considerações a respeito, em forma de análise ou mais propriamente de comentário analítico, apoiados em autores que têm refletido já há algum tempo, mas também na atualidade, sobre a questão em pauta.

A argumentação da *Evangelii Gaudium* sobre o significado e a identidade de uma Igreja “em saída” foi tecida em torno à necessidade de uma conversão missionária, que leve em conta a contingência, tanto da formulação da mensagem em seu contexto, quanto dos agentes em seus limites humanos. Nossas considerações, na sequência, vão se referir a este mesmo referencial teológico da Exortação em pauta.

#### 3.3.1. O discipulado como expressão de uma Igreja missionária em contínua renovação

Ao iniciarmos nossa análise crítica, sobre o significado e a identidade de uma Igreja “em saída”, a partir do alcance e limites da proposta enunciada pelo Papa

Francisco, de uma Igreja decididamente missionária, começamos nossa reflexão tomando como ponto de partida o amor de Deus para com a humanidade e o nosso desejo de comunicá-lo também a todos, para que todos tenham vida e vida em plenitude (cf. Jo 10,10).

Quando direcionamos o nosso olhar para a história da humanidade, na história da salvação podemos constatar a presença de um Deus que nunca se esqueceu do seu povo. Tamanho é o amor de Deus para com a humanidade, que até nos deu o seu Filho (Jo 3,16) no intuito de comunicar esse mesmo amor e anunciar ao mesmo tempo, uma nova ordem social, política e religiosa, o Reino de Deus (Mt 6,33), onde os maiores são aqueles que servem (Lc 22,26) e os mais ricos são aqueles que partilham e se doam (Lc 18,13, Mc 12,44).

A partir de nosso encontro com Cristo, somos configurados a Ele e ao seu povo, nos tornamos discípulos missionários, e somos enviados ao encontro da humanidade para proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. Anunciamos a todos que Deus nos ama, que sua existência não é ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Os cristãos são portadores de “boas novas” para a humanidade, não profetas de desventuras. Possamos então partir de Cristo, fonte de alegria e de toda evangelização (*DAP* 30).

### 3.3.1.1. A missão que brota do encontro

Do encontro e da experiência de Jesus Cristo, tão necessária e oportuna como nos recorda o Papa Francisco, brota a alegria de sermos seus discípulos e de termos sido enviados para anunciar a “toda criatura” o tesouro que é a sua Palavra e o Reino por Ele anunciado. Nesse contexto, mais do que uma carga pesada, evangelizar é comunicar com alegria o amor de Deus como nos recorda o Documento de *Aparecida*: “A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus” (cf. *DAP* 29, *EG* 3, 120).

A Igreja cumpre sua missão seguindo os passos de Jesus e observando suas atitudes, especialmente no cuidado e na compaixão com os pequeninos, os que estão à margem (Mt 9,35), pois estes são primeiramente os destinatários do Reino de Deus, para o qual de maneira “efetiva e concreta a Igreja está a seu serviço” (*RM* 20, *EG* 176). Ele, sendo o Senhor, no convívio, na compaixão e na solidariedade para com as pessoas, se fez servidor e obediente até a morte de cruz (Fl 2,8), sendo rico, escolheu ser pobre por nós (2Cor 8,9), ensinou-nos o que é de fato trazer em nossa vida a vocação de discípulos missionários, homens e mulheres, que imbuídos pela sua mensagem se empenham na construção de um novo mundo possível.

No Evangelho, como Igreja aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (Lc 6,20; 9,58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (Lc 10,4ss). Em atitude de escuta e atenção aos ensinamentos de Jesus, frente aos mais necessitados, precisamos renovar hoje mesmo o nosso encontro pessoal com o mestre, ou pelo menos, tomarmos a “decisão” de nos deixar encontrar por Ele nos crucificados do tempo presente (cf. *EG* 3).

Na generosidade e no anúncio dos missionários, que comunicam que Cristo os espera de braços abertos e que nunca se cansam de perdoar, comunicamos a generosidade de nosso Deus, na gratuidade dos que continuam a missão dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho. Evangelizar a partir de Jesus é proclamar a sua misericórdia, dizer que Ele nos permite recomeçar com o coração cheio de ternura, capaz de nos recobrar a alegria e o sentido de viver, em um mundo marcado profundamente por uma crise de sentido, de utopias, de grandes ideais (*DAP* 31).

Configurados a Cristo, bebendo de sua Palavra, comprometidos com o Reino e sua justiça, vamos compreendendo cada vez mais e assimilando a partir de nossa tradição latino-americana a categoria de “discípulos missionários”, elencada por *Aparecida*, e muito retomada em suas reflexões pelo Papa Francisco. Aproximando a experiência de Deus com a realidade que nos questiona e nos interpela, ele nos diz que “cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus... Assim, não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’” (*EG* 120).

No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto sofrido e glorioso, com o olhar da fé

podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossas comunidades e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização da dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus (*DAP* 32, *NMI* 25-28).

À medida, que experimentamos Jesus e nos encantamos com a proposta do Reino, somos convidados a expandir essa mensagem. Libertos das amarras que nos prendem, devemos comunicar esta libertação e alegria aos outros a partir da ótica do serviço, da missão e da evangelização, como enfatiza o Documento de *Aparecida*: “Na doação, a vida se fortalece, e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos demais” (*DAP* 360).

As palavras e as atitudes de Jesus nos fazem refletir que, o cuidado excessivo com a própria vida depõe contra a qualidade humana e cristã dessa mesma vida. Vive-se muito melhor, quando temos a liberdade interior para doar a vida: Como nos recorda o Evangelho de João: “quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo 12,25). “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão” (*EG* 10, *DAP* 360).

Comunicar a vida, evangelizar, ser efetivamente missionários, alegres e entusiasmados, requer de cada um de nós, de toda a Igreja, como nos recorda o Papa Francisco, não deixar transparecer em nosso rosto a “tristeza, a impaciência, a ansiedade”, como quem está em um “funeral”, de luto. Mas sim, o “fervor de espírito, a suave e reconfortante alegria de evangelizar”, o comunicar o amor de Deus expresso no Crucificado, com criatividade, recuperando o “frescor original do Evangelho”, a pessoa de Jesus Cristo, “o primeiro e maior evangelizador” (*EG* 11,12).

Para Bento XVI, “uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária”. Isso implica dizer que verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos. A própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus, comunicar o Reino, salvar a todos (Jo 3,16). Para ele, não podemos nos aproximar da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão, que partindo do “Coração de Deus”, visa atingir todos os homens, “assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã” (*SCa* 84).

No fazer memória da Eucaristia, na escuta do Espírito, na inclusão de todas as pessoas, partilhando uma alegria e não uma obrigação, a Igreja não pode esquecer e perder de vista a dimensão do anúncio, sua tarefa primária. A Igreja “peregrina é, por sua natureza missionária” (AG 2), o “próprio de sua missão é a evangelização” (AG 8), ela deve “se empenhar na obra da evangelização” (LG 17), pois, o “mandato de Cristo não é algo contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja” (RM 62).

Salvaguardando as proposições do Concílio Vaticano II a respeito da missão evangelizadora da Igreja, Paulo VI nos recorda:

Foi com alegria e reconforto que nós ouvimos, no final da grande assembleia de outubro de 1974, estas luminosas palavras: nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes, ressalta ele: Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar... (EN 14).

Desde a sua fundação, atestada pelas fontes bíblico-patristicas, podemos encontrar que sempre houve uma profunda vinculação entre a vida/ação da Igreja com a evangelização. A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze (Mt 28,19). Ela presente no mundo se torna um sinal de sua partida e de sua permanência. Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma, traz em sua essência e vivência a necessidade de ouvir aquilo que deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. Para Paulo VI, a Igreja deve sempre, para manter a sua fidelidade a Jesus Cristo e a sua missão, conservar sua frescura, alento e força para anunciar o Evangelho, precisa ser evangelizada por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade (cf. EN 15). Existe, portanto, uma profunda ligação entre Cristo, a Igreja e a evangelização (cf. EN 16).

A atividade missionária, “ainda representa hoje o maior desafio para a Igreja”, especialmente nos tempos em que vivemos, onde grupos reacionários buscam sua segurança em um passado distante e obsoleto. “A causa missionária deve ser a primeira de todas as causas”. A ação missionária deve ser o “paradigma de toda obra da Igreja”. Para isso, se faz necessário, passarmos de “uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”, que leve a “Boa Nova a

todas as parcelas da humanidade”, que pela força do “Evangelho ajude construir valores”, a “redescobrir as culturas”, a “proclamar antes pelo testemunho”, anunciar “explicitamente” e com coragem o Reino, fazer brotar “adesão naquele que ouve”, acima de tudo tornar-se “testemunha” daquilo que se prega, em um profundo e “permanente estado de missão” (cf. *DAP* 213, 370, *EG* 15, *EN* 18-24).

### 3.3.1.2. A missão como compromisso eclesial

Vindo de uma experiência eclesial concreta e enraizada junto aos mais pobres, Francisco nos recorda de que a Igreja, não pode eximir-se da sua missão de levar o Evangelho de Cristo àqueles que ainda não o conhecem. Voltando o nosso olhar para as primeiras comunidades cristãs, podemos dizer que essa é a tarefa mais especificamente missionária que Jesus confiou e continua, cotidianamente, a confiar à sua Igreja (*ChL* 35). Como comunidade, somos todos “enviados para evangelizar” (*EAm* 66), evangelizar e se deixar evangelizar pelas culturas, a partir de “um esforço lúcido, sério e organizado” (*EAm* 70). Contudo, antes da ação, a missão se faz testemunho e irradiação (cf. *EN* 41-42). Pela missão, Deus realiza claramente a história da salvação (cf. *AG* 9).

A proposta de assumirmos o compromisso de ser cada vez mais uma “Igreja em estado permanente de missão”, como nos pede *Aparecida*, exigirá de nós enriquecer todas as nossas razões, motivações e atitudes que possam permitir e favorecer que cada cristão se sinta e tenha consciência de ser “discípulo missionário de Jesus”, um protagonista, e não apenas um receptor da Palavra. Precisamos desenvolver a “dimensão missionária da vida de Cristo”. A Igreja precisa de um forte impulso que a impeça de se instalar na comodidade, no cansaço e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres. Carecemos de uma comunidade que se transforme num poderoso “centro de irradiação da vida em Cristo”, livre do cansaço, da desilusão, um “novo Pentecostes” (*DAP* 362).

Hoje, a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária. Nessa perspectiva, de sair de si, de ir ao encontro das realidades, diz o Papa Francisco: “Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (*EG* 127).

A opção por uma Igreja missionária, deve estar presente além de no coração e na mentalidade das pessoas, em todas as estruturas eclesiais, especialmente em todos os planos pastorais, desde as comunidades mais simples e pequenas até naquilo que norteia as dioceses. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam a transmissão da fé e defesa da vida (cf. *DAP* 365).

A missão é missão de todos os batizados, especialmente dos leigos, e não tão somente da hierarquia ou da vida religiosa consagrada. Descrevendo a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo, João Paulo II nos diz que uma Igreja missionária é uma Igreja da comunhão, de irmãos, de iguais. A Igreja no seu ser, no seu agir pastoral e missionário é todo o povo de Deus. De maneira “orgânica”, ela comporta como um corpo uma multiplicidade de dons e de carismas, a serviço da vida e a serviço de sua missão evangelizadora (cf. *ChL* 9;19).

Iluminado por essa realidade, o Estudo 107 (12) da CNBB reafirma que a Igreja vive hoje um clima de renovação nos propósitos e nas estratégias de evangelização. O Papa Francisco reforça e convoca os leigos para a consciência de sua pertença eclesial e de sua missão na Igreja e no mundo. Para a missão de anunciar o Reino de Deus, todos são convocados, dos mais instruídos aos mais simples, independentemente da função que ocupam, todos são, pelo batismo, sujeitos ativos de evangelização e possuem a sabedoria do Espírito que os guia na verdade (*EG* 119, 120).

A Igreja, feita em sua maioria de leigos, ainda não vive essa realidade devido ao clericalismo que persiste também devido à falta de consciência do próprio laicato. Por outro lado, muitos leigos persistem em ações internas, “sem um empenho real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade” (*EG* 102). O conjunto do Povo de Deus é um sujeito evangelizador que, em comunidade, cresce mutuamente na sabedoria e no empenho do anúncio da Boa Notícia do Reino de Deus aqui e agora.

O empenho de construirmos uma Igreja, onde todos possam assumir a sua vocação missionária, e acima de tudo, termos uma “pastoral em chave missionária”, como nos exorta Francisco. Exige o abandono em suas palavras, deste cômodo critério pastoral: “fez-se sempre assim”. O pontífice, convida a todos a serem

ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades (cf. *EG 33*).

Uma pastoral em chave missionária, que redescobre e parte do “coração do Evangelho”, não está interessada e cheia de obsessão pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções, nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa (cf. *EG 35*).

### 3.3.1.3. A missão é de todos e para todos

Para Suess, a missão não é algo individualista, a missão é missão de uma comunidade eclesial em defesa da vida, dos pequeninos. Por isso, envolve a imagem de Deus, que fez essa mesma opção. É a luta por algo absoluto. Essa missão, porém, não envolve somente uma imagem abstrata de Deus, mas um “Deus Emanuel”, um “Deus Conosco”, que se encarnou no mundo. A missão é histórica, com passado, presente e futuro, e é ambivalente, com santos e pecadores. Nas sandálias da comunidade missionária há poeira e sangue; nas roupas o “cheiro de ovelha” (*EG 24*); em sua vida, a necessidade de conversão permanente; em seus corações, o desejo de perdoar e de ser perdoado (SUESS, 2015a, p. 17).

A missão, como estamos refletindo até aqui, não é então, apenas mais uma entre muitas atividades da Igreja. Ela decorre de sua “natureza missionária”, que tem sua origem no envio do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai (*AG 2*). Falar da Igreja significa falar da missão. E falar da missão significa falar da Igreja. A Igreja existe em vista da missão, existe para evangelizar, para tornar o Reino de Deus presente (*EG 176*), para comunicar o amor de Deus para a humanidade, um amor que salva, acolhe, perdoa e inclui. A estrutura dessa Igreja-missão é trinitária, é expressão de um Deus Trino, um Deus que “vive em comunidade”, porque ela é “Povo de Deus”, “Corpo do Senhor” e “Templo do Espírito Santo” (*LG 17*).

O significado da missão se esclarece na relação entre Deus e a humanidade. Essa relação é uma história de aproximação, comunicação, convocação, compaixão

e solidariedade. Mas ela é sempre ameaçada pela ruptura do pecado: pelo distanciamento e pelo fechamento, pela dispersão e pelo egoísmo, pelo desejo de construirmos “catedrais de areia”, no desejo de se isolar, de ficar “do alto de uma torre” apenas atirando pedras e condenando a humanidade, a sociedade e seus processos (SUESS, 2015a, p. 18).

A missão é entendida, então, principalmente, como: escuta das alteridades, encontro com as diferenças pessoais, sociais, culturais e religiosas; aprendizagem recíproca nas experiências diárias; disponibilidade constante para a mudança de mentalidade, atitudes, pressupostos incorporados, práticas sutis de dominação colonial; superação da dialética clero-laicato, carisma-instituição, homem-mulher, etc. É o que apontam as orientações dos últimos Congressos Missionários realizados no continente: uma missão permanente “a partir da pequenez, da pobreza e dor martírio” (CAM 2), disposta a “escutar, aprender e anunciar” (CAM 3). O mesmo Documento de *Aparecida* insiste num “discipulado missionário” que escuta os “sinais dos tempos” do mundo atual (DAp 33, 336) (TOMICHÁ, 2010, p. 265).

Uma Igreja em estado de missão é aquela que vive seu discipulado a partir da simplicidade, da humildade, do encontro, do diálogo, com confiança plena no Espírito Santo, protagonista da missão, e verdadeiro guia na história dos povos e culturas. A escuta atenta e a mútua aprendizagem, favorecem entre os homens e mulheres das Igrejas cristãs e das demais experiências de fé, um sentido de comunhão. Pois, segundo o Episcopado Latino-americano: “onde se estabelece diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum” (DAp 233).

A identidade cristã, amadurece a partir da “capacidade do contato humano e diálogo”, da abertura “a todas as culturas e a todas as verdades” (DAp 377), sem descuidar do anúncio de Jesus Cristo, “fator imprescindível do processo de formação de discípulos e missionários” (DAp 279). É um anúncio, no entanto, que surge do testemunho apaixonado pelo “Mistério de Vida”, um anúncio corroborado pelo testemunho institucional de uma Igreja em “estado permanente de conversão” (TOMICHÁ, 2010, p. 271).

#### 3.3.1.4. Uma missão sem fronteiras

No sentido de expandir a ação missionária da Igreja, para além dos muros, para além dos bairros já conhecidos, das pastorais e movimentos que já tomaram conhecimento da Palavra e do projeto do Reino, Brighenti nos recorda que a ação de Deus não tem limites e também não podemos querer limitá-la. Para ele, “o espaço estritamente religioso ou intra-elesial não esgota a missão da Igreja, sinal e instrumento do Reino de Deus no coração da história. Deus quer salvar a todos, e a Igreja, como mediação privilegiada, precisa ser a Igreja de todos, mesmo daqueles que não são Igreja”. (BRIGHENTI, 2006, p. 35).

Fazendo memória da comunidade dos discípulos, que partem com a alegria da ressurreição e o desejo de comunicá-la as “periferias existenciais”, “as periferias do mundo”, e ao mesmo tempo formar comunidades de discípulos missionários, analisa Suess: “Do envio nascem comunidades pascais que tentam contextualizar a utopia do primeiro dia da nova criação. Das comunidades nasce o envio. A missão, com seus dois movimentos, a *diástole* do envio à periferia do mundo e a *sístole* que convoca, a partir dessa periferia, para a libertação do centro, é o coração da Igreja. Sob a senha do Reino, propõe um mundo sem periferia e sem centro” (SUESS, 2015a, p. 19).

Tendo presente, que a Igreja existe para evangelizar, que ela não tem um fim em si mesma, podemos dizer, que ela deve refletir e ao mesmo tempo, ser “servidora do Reino”. A missão neste contexto, a partir desta eclesiologia, é expressão da transitoriedade da Igreja, de sua caminhada histórica, de sua peregrinação escatológica, de seu caráter diaconal e instrumental. Por mais que esta reflexão possa causar estranhamento em pessoas e movimentos reacionários, a Igreja tem um início e um fim. Suas realizações históricas são relativas em face do Reino; frente a tudo isso, ela precisa sempre de conversão, purificação. A Igreja, quando redescobre sua natureza essencialmente missionária, fixa suas raízes no serviço, se sente cada vez mais um sinal, um instrumento, de algo que é maior do que ela, e que ela não pode eclipsar.

O Reino de Deus foi a centralidade da pregação de Jesus. A Igreja que nasce, nasce com o objetivo de torná-lo visível. À medida que ele vai surgindo, a Igreja vai abrindo espaço para que ele se “torne uma realidade”, ainda que não totalmente plena na história, mas que caminha, que cresce, que tende alcançar o seu fim. Ao serviço do Reino, e reconhecendo a sua transitoriedade, a Igreja sente que a missão é urgente, não pode esperar porque a vida também não espera. *Santo*

*Domingo* nos diz que, frente a tantas injustiças, divisões de classes, exploração da vida humana, “o dom da esperança deve marcar nossa existência, e esse dom é ao mesmo tempo histórico e escatológico, sempre incompleto e em luta com os poderes da morte, em escuta ao clamor dos pobres” (SD 13, EG 176).

Segundo o Papa Francisco, a esperança levada no alforje e no sorriso de cada missionário, nos insere na vida do povo e profundamente na história: “A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história” (EG 181), nos faz participar das lutas históricas de maneira concreta para que todos tenham vida em plenitude (Jo 10,10). A missão não termina com o batismo do último “pagão”. Ela é o permanente anúncio da vida como possibilidade num mundo de conflitos, de miséria, violência e mortes que não fazem sentido, realidades que são contrapostas à proposta do Reino de Deus.

Refletindo sobre a tensão, entre o Reino, a vida e a Igreja, aponta Suess: “A partir dos conflitos que envolvem os pobres e os outros, os excluídos e os que sofrem, compreende-se a missão como militância por um mundo melhor e por transformações históricas concretas. A missão integral (abrange a pessoa em sua totalidade), específica (geográfica e socialmente situada) e universal (articulação dos diferentes segmentos sociais numa causa comum). A missão é universalmente contextualizada e aponta a partir de contextos concretos até os confins do mundo” (SUESS, 2015b, p. 205).

Para Codina, falando a respeito do espírito da missão, o espírito que norteia a vida, a pastoral e as relações fraternas, em meio à comunidade e à Igreja, não pode ser exercido a partir do poder, do centro, do prestígio social, econômico, político ou até mesmo religioso. Em sua compreensão, a vida missionária da Igreja deve ser compreendida a partir de baixo, da fragilidade humana, daquilo que é considerado fraqueza, periférico, desprezível, em sintonia com o messianismo pobre e humilde de Jesus de Nazaré, que rejeitou as tentações de um messianismo de prestígio e, por isso, acabou na cruz (CODINA, 2010, p. 242).

Ao vermos cada dia mais, a Igreja perdendo seu poder sociopolítico nas sociedades latino-americanas de “tradição cristã” e num contexto sociocultural pós-moderno (pós-cristão) globalizado, a missão é chamada a se apresentar no mundo com atitudes mais evangélicas e proféticas. A presença significativa e permanente do Cristianismo, hoje, depende, em grande parte, de sua capacidade de se desprender de sua herança colonial e se voltar para suas raízes perenes: o estilo

apostólico do seguimento de Jesus e a vivência das primeiras comunidades cristãs (TOMICHA, 2010, p. 259).

### 3.3.1.5. A missão como renovação da Igreja

Na concepção de Brighenti, em convergência com aquilo que hoje é o pensamento de Francisco, todo o processo de renovação eclesial e conversão pastoral, passam pelo nascimento de um novo modelo de ação, uma nova forma de presença e de serviço, no contexto em que a comunidade eclesial está inserida. Isso envolve o planejamento pastoral e a projeção das ações (*DAp* 365), em estreita conexão com os desafios oriundos do contexto onde se vai atuar como discípulo missionário de uma Igreja em “estado permanente de missão” (BRIGHENTI, 2010, p. 275).

A mudança não é apenas prática, nesse mesmo sentido para o Documento de *Puebla*, ela requer uma nova mentalidade, um novo jeito de agir, uma nova ação, pois, conversão pastoral e pessoal caminham necessariamente juntas, à medida que se fundamentam na experiência de Deus realizada por pessoas e comunidades. Afirma a Conferência: “Temos consciência de que a transformação das estruturas é uma expressão externa da conversão interior. Sabemos que esta conversão começa por nós mesmos. Sem o testemunho de uma Igreja convertida, vãs seriam nossas palavras de pastores” (*DP* 1221).

Avançando na reflexão, sobre a constituição de uma Igreja, missionária, profundamente em missão, “em saída”, salienta Brighenti, que se faz necessária “uma metanoia no agir eclesial”, ou seja, uma profunda mudança no âmbito das ações. Não basta, como vimos, a mudança de mentalidade simplesmente do ponto de vista psicológico ou mesmo teológico. Evidente que diante de uma nova proposta ou caminhada, a recepção implica disposição interior de acolhida, disponibilidade de coração de todo povo de Deus, mas, em sua visão, “se da mente e do coração a proposta de *Aparecida* não descer às mãos, ao fazer, nada muda, tudo continuará igual” (BRIGHENTI, 2010, p. 275).

Para Codina, tudo o que foi dito até agora implica, pois, uma mudança de mentalidade, mas também de estratégias, que devem refletir em novas estruturas eclesiais. Para ele, em convergência com aquilo que hoje vemos na linha e nas atitudes do Papa Francisco, a Igreja, como instituição, deve mudar em seu modo de

agir, deve reconverter-se para um mundo novo e para algumas novas exigências, como, por exemplo, apostar na colegialidade, nas pequenas comunidades, na valorização dos ministérios leigos, apontar para uma “Igreja em saída”, uma Igreja que vá em direção das “periferias existenciais”, “buscar efetivamente odres novos que acolham o vinho do Espírito” (CODINA, 2010, p. 241).

Descrevendo a necessidade de uma conversão pastoral e a superação de uma pastoral da conservação, Codina, baseado na reflexão conciliar, aponta para a Igreja algumas questões pendentes, como: redescobrir o modelo de vida das primeiras comunidades, de mais coesão interna; uma pastoral que leve em conta as Igrejas Locais, mais dialogal e participativa; uma pastoral livre em um contexto de pluralismo religioso; uma pastoral que seja missionária, que dialogue com as culturas e as minorias; uma pastoral que saia às ruas, que vá até o povo; uma pastoral mistagógica que favoreça o encontro de Cristo com as pessoas (*DAP* 12); uma pastoral que eduque para o sentido de pertença eclesial; uma pastoral centrada na opção preferencial pelos pobres, uma pastoral ligada à história, encarnada, “fincada na vida” (CODINA, 2015, p. 124ss).

A comunidade missionária vive no interior da Igreja, que é Povo de Deus, comunidade constituída por comunidades que lutam pela vida a partir de sua fé, comunidades cientes da necessidade de sua conversão permanente: “A conversão pastoral da paróquia consiste em ampliar a formação de pequenas comunidades de discípulos convertidos pela Palavra de Deus e conscientes da urgência de viver em “estado permanente de missão”. Isso implica revisar a atuação dos ministros ordenados, consagrados e leigos, superando a acomodação e o desânimo. O discípulo de Jesus Cristo, percebe que a urgência da missão supõe desinstalar-se e ir ao encontro dos irmãos” (*CdC* 8).

Fazendo memória de *Aparecida*, e de todo seu empenho de reflexão e abertura da Igreja, Brighenti nos chama atenção para o fato de haver tentativas de volta a uma eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II (*DAP* 100b). Diante do novo, não são poucos os que têm a tentação de apostar na segurança do velho, das respostas do passado, do período pré-conciliar. Mas o Concílio Vaticano II, definitivamente, colocou a Igreja em atitude de diálogo com e de serviço ao mundo, aberta aos valores do mundo moderno. Toda tentativa de volta ao período pré-moderno, da cristandade, é fazer eco de um tempo que já passou. A inovação e a criatividade são a única garantia de futuro. O Vaticano II foi

um “advento para o terceiro milênio”. Importa continuar a sua renovação (BRIGHENTI, 2007, p. 36).

Neste sentido, pensando sobre a missão, a ação evangelizadora, sua presença eficaz na história e na vida das pessoas, para Leonardo, a proposta de conversão que a Igreja leva ao mundo precisa refletir a sua própria conversão, pela qual ela se abre para as necessárias mudanças e abandona o comodismo, assumindo o desafiador modelo *kenótico* de Jesus Cristo evangelizador (cf. Fl 2,5-11). Contemplando a vida e os gestos do Messias, podemos perceber que a verdade por ele comunicada não foi um conjunto de doutrinas a serem conhecidas e praticadas, mas a oferta do amor misericordioso do Pai. Foi assim que Jesus Cristo resumiu toda a verdade contida na Lei: “amar a Deus e ao próximo como a si mesmo” (cf. Mc 12,28-34) (FERNANDES, 2014, p. 305).

Apontando para o mesmo caminho de conversão pessoal, comunitária, caminho de renovação eclesial e abertura incondicional para o outro, em convergência com aquilo que Francisco vem indicando, para Jesús, em suas palavras: “sempre temos que nos converter, é a resposta, para continuar, como João Batista, gritando nos desertos da humanidade”, que são em sua compreensão, “as mentes fechadas e os corações duros” (BASTANTE, 2015).

### 3.3.1.6. A abertura como pressuposto para a missão

A base teológica para este diálogo aberto e franco com o mundo, segundo Clodovís, é que a presença de Deus, de seu Verbo e de seu Espírito lateja em todo mundo, em todas as realidades onde a Igreja é chamada a estar. A palavra profética e o sopro de vida devem ser descobertos, honrados e acolhidos pela Igreja também a partir de fora. Por isso, ela deve pôr-se à “escuta do mundo”, auscultar a Palavra de Deus que passa pelas palavras da sociedade. A partir daí, também há lições para a Igreja aprender, um chamado à conversão, uma interpelação profética. “O que o Espírito diz às Igrejas” a partir dos gritos do mundo, e através dos “sinais dos tempos”? Para isso, o “diálogo com o mundo” deverá prosseguir e se manter em profundidade. Grande é, efetivamente, o “auxílio que a Igreja recebe do mundo” (GS 44) (BOFF, 1998, p. 23).

Tudo isso não é fácil e pode ser utópico, ainda mais que a primeira evangelização da América Latina foi levada a cabo em plena Cristandade,

concretamente na Igreja pós-tridentina, com um forte acento sacramental, doutrinal, racional, moralista e individualista, que contrastava com a mentalidade e cosmovisão indígena originária, a qual possuía um forte sentido religioso e comunitário, um estar “em relação” para partilhar e celebrar a vida, procurando o “bem viver” e o “conviver” com todos, em harmonia com a natureza, com um sentido de equilíbrio, de reciprocidade e de respeito à diversidade. Essa mentalidade originária latino-americana e ameríndia certamente pode sintonizar-se mais com a imagem de Igreja do Vaticano II (cf. CODINA, 2015, p. 126).

De qualquer forma, essa mudança pastoral não será atingida só com programas e normas pastorais, se não houver uma autêntica conversão de todos, clero e leigos, ricos e pobres, modernos e originários, ao Evangelho de Jesus de Nazaré, a seu projeto de filiação e fraternidade, que constitui o objetivo do Reino, do qual a Igreja é sacramento. É necessária uma espiritualidade e uma mística de comunhão entre todos os agentes pastorais e entre eles e seus pastores, a serviço da única missão de Deus (cf. CODINA, 2015, p. 126).

Os gestos de Francisco têm apontado para uma mística de comunhão eclesial. Sua maneira de se colocar frente às pessoas, às demais expressões religiosas, abrem caminho para o ecumenismo com outros cristãos, ao diálogo com os não cristãos, a solidarizar-nos com todas as alegrias e dores da humanidade, em especial dos pobres, procurando fazer com que para todos haja vida abundante, e começando pelo mínimo, que é que todos tenham uma vida digna.

Essa conversão ao Evangelho é suscitada a partir de dentro pelo Espírito Santo, Senhor e doador de vida, o Espírito presente em meio ao caos das origens da criação, o Espírito que guiou Israel, o Espírito que fez Jesus nascer de Maria, o Espírito que orientou a vida de Jesus, que o ressuscitou dentre os mortos e que desceu sobre a Igreja e o mundo todo em Pentecostes (*RM 24*).

Só a partir da fidelidade a esse mesmo Espírito, que impulsionou João XXIII a convocar o Concílio, poderemos lê-lo, interpretá-lo e recebê-lo vitalmente e pô-lo em prática. Para isso, é preciso aprofundar-se teológica e pastoralmente numa renovada pneumatologia, sem a qual não há cristologia, nem eclesiologia, nem pastoral e nem espiritualidade. A partir desse deixar-se conduzir pelo Espírito, é que podemos pensar e dizer que uma “outra Igreja é possível” (CODINA, 2015, p. 127).

A missão eclesial não pode refletir o estilo de uma Igreja senhora e mestra, típico da Igreja de Cristandade, mas o rosto da Igreja pobre e servidora do Concílio

Vaticano II e de *Medellín*. Francisco, em seu pontificado, demonstra que não se pode aspirar a continuar uma Igreja ligada ao Estado do qual recebe proteção, aos mais ricos e poderosos que muitas vezes compram o seu silêncio, ao modelo econômico vigente, que explora e mata indiscriminadamente.

O Bispo de Roma aponta que, enquanto Igreja, devemos nos ressituar em uma sociedade pluralista, no que se refere especialmente ao cultural e religioso. Sua forma de conduzir a Igreja, como pastor, devolve a ela o protagonismo em nossa sociedade, de modo particular, em nossa realidade latina americana, onde já se estava distanciando dos que não tinham voz e nem vez. Nesse novo tempo, a opção pelos pobres vai em direção de sua emancipação, de torná-los sujeitos, protagonistas de sua própria história, fazer ser Igreja. Para que isso seja possível, a Igreja deverá abdicar de estruturas luxuosas e altamente burocráticas, que muitas vezes humilham e afastam o povo pobre (CODINA, 2010, p. 243).

A Igreja precisa refletir sobre si mesma, precisa sentir-se viver. Deve aprender a conhecer-se melhor, se quer realizar a própria vocação e oferecer ao mundo a sua mensagem de fraternidade e salvação. Todos sabem que a Igreja está mergulhada na humanidade, dela faz parte, a ela vai buscar os seus membros, dela extrai tesouros preciosos de cultura, dela sofre as vicissitudes históricas e pelo bem dela trabalha. Ora, é sabido igualmente que a humanidade, no tempo atual, está em vias de grandes transformações, abalos e progressos, que lhe modificam profundamente não só o estilo de vida e na exterioridade, mas também o modo de pensar. O pensamento, a cultura e o espírito sofrem modificação profunda, originada no progresso científico, técnico e social, como também nas correntes do pensamento filosófico e político, que a invadem e penetram. Tudo isto, como ondas do mar, envolve e sacode a Igreja. (cf. *EAm* 10).

### 3.3.1.7. A missão como vivência profética

Para Francisco, uma Igreja missionária e “em saída”, deve ter claros os seus principais e mais urgentes interlocutores. O movimento proposto por ele, de irmos do “centro às periferias”, evidencia mais uma vez em nosso contexto latino-americano, a opção pelos mais pobres e contra a pobreza. Essa opção, que muitas comunidades cristãs fizeram provocadas especialmente pelo Concílio Vaticano II, implicou uma mudança na compreensão missionária e de modo especial o lugar

social de atuação e presença de igreja. Na prática, isso significou que se passou a olhar os pobres e excluídos a partir da situação social destes e não dos ricos ou dos que estão nos grandes centros. Essa mudança de leitura trouxe grandes transformações, pois a Igreja deixou de ver o pobre como objeto e passou a vê-lo como sujeito de transformação social, protagonista em sua missão evangelizadora (cf. *EG* 46,49).

Segundo Leonardo Boff, para aqueles que tiveram e que têm coragem de fazer essa mudança de lugar social, de “ir em direção das periferias”, dos pobres e marginalizados, especialmente clérigos e religiosos, isso representou uma verdadeira conversão pastoral e eclesial no sentido do Evangelho: uma mudança no estilo de vida, na forma de relacionar-se com os pobres e marginalizados e de encarar os bens materiais de modo mais despojado e solidário. Antes de qualquer coisa, em sua compreensão, esse novo olhar nos fez, enquanto Igreja, descobrir a cultura presente em meio às periferias, a sua maneira simples de ser, sua forma de rezar, de celebrar, de encontrar-se com Deus e relacionar-se com os demais. Sementes de uma nova “cultura do encontro” e da “revolução da ternura” (BOFF, 2006, p. 69).

Na mesma linha dos gestos e atitudes do Papa Francisco, um belo exemplo desta descentralização foi o que aconteceu na Arquidiocese de São Paulo, quando Dom Paulo Evaristo Arns assumiu como arcebispo. No desejo de se colocar mais próximo das pessoas, especialmente as mais humildes, e incomodado com os privilégios do Palácio Episcopal, depois de uma ampla discussão e polêmica entre os conservadores de sua época, decidiu vendê-lo para que com o dinheiro adquirisse terrenos espalhados por toda a periferia de São Paulo para se construir centros comunitários, que impulsionaram a chamada “Operação Periferia” (ARNS, 2001, p. 161ss).

Neste contexto de abertura aos pobres e as periferias, muitos bispos deixaram os palácios episcopais e foram morar em casas mais simples. Muitos padres e religiosos se inseriram em bairros populares e nas favelas e foram participar da vida dos empobrecidos, para que, como autênticos pastores, pudessem, como nos recorda Francisco: “ter cheiro de ovelha”. Mais que tudo, essa mudança de lugar social, essa opção pelos pobres e pelas periferias, hoje tão questionada, mais incentivada pelo Papa, significou um encontro profundo e verdadeiro com o Jesus histórico, que foi pobre e não tinha onde repousar a cabeça.

Representou também uma comunhão mais íntima e profunda com o “Deus da ternura” dos humildes e o Deus do direito dos injustiçados, mensagem central dos profetas (BOFF, 2006, p. 70).

O seguimento de Jesus é, sobretudo, seguimento do Crucificado e Ressuscitado nos pobres, nos excluídos e em todos os sofredores. Eis a “natureza missionária” da Igreja. Ela mesma se edifica como Igreja de Deus, quando não coloca a si mesma no centro de suas preocupações, numa postura de autorreferencialidade, mas o Reino que ela anuncia como libertação de todos [...] para que vivam a plena comunhão com Deus e entre si” (DGAE, 1995, 64). Retomando as palavras de Francisco, Brighenti enfatiza que “a posição do discípulo missionário, não é uma posição de centro, mas de periferias” (BRIGHENTI, 2014, p. 15).

A Igreja, de modo especial presente na América Latina, deve encarnar nas suas iniciativas pastorais a solidariedade pelos pobres e marginalizados presentes nas mais variadas realidades. Sua posição deve compreender a assistência, a promoção, a libertação e a acolhida fraterna. “O objetivo da Igreja é que não haja nenhum marginalizado”. A missão da Igreja é fomentar um diálogo com os que estão à margem, dar voz aos que estão nas periferias. Para Francisco, só há diálogo e ele só é possível à medida que há espaço para ambos falarem. Uma Igreja missionária, “em saída”, é plena quando desenvolve cada vez mais a capacidade de ver as pessoas por dentro, chegar até o seu coração, ir ao seu encontro (cf. *EAm* 58).

Em síntese, afirma Dom Erwin, no desejo de construirmos uma Igreja cada vez mais missionária, “em saída”, de portas abertas, devemos nos permitir um “novo Pentecostes”. Fazendo memória de *Aparecida*, ele nos diz: “a Igreja necessita de forte impulso que a impeça de se instalar na comodidade, no cansaço e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente” e acrescenta: “Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito, que renove nossa alegria e nossa esperança” (*DAP* 362). Contudo, ele só poderá acontecer se a Igreja estiver disposta a abrir as portas para o mundo como aconteceu naquela memorável manhã em Jerusalém (At 2,1-41), a sair do esconderijo que armou atrás dos muros dos templos e das instituições, a lançar-se no meio do mundo e anunciar com coragem o Evangelho de Deus, a entrar sem medo e acanhamento nesta sociedade

pluralista, diversificada, e a defender os pobres, os excluídos, especialmente aqueles que hoje são considerados “supérfluos e descartáveis” (KRAUTLER, 2010, p. 300).

Até o presente momento, analisamos as ressonâncias, que dizem respeito à primeira parte de nosso capítulo, cujo desejo foi apresentar a proposta de uma transformação missionária da Igreja segundo a reflexão de Francisco. Ao adentrarmos nessa questão tão pontual para a vida da Igreja, destacamos como avanços: a importância dada ao encontro com Deus, como momento decisivo para a missão; a redescoberta e reafirmação da natureza da Igreja, como sendo missionária profética e em vista do Reino; a renovação eclesial como caminho de fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo e ao Espírito; o despertar da consciência de que os primeiros destinatários da missão são os mais pobres e excluídos; o desejo de ser como Igreja uma “casa paterna” em atitude de amor, de misericórdia, e especialmente de diálogo e abertura ao diferente que não nos ameaça, mas ao contrário nos enriquece, no faz crescer.

Como um possível limite daquilo que Francisco aponta enquanto proposta e caminho para uma transformação missionária da Igreja, podemos dizer que, ainda com todo esforço realizado, a missão não tem ainda o seu valor fundamental reconhecido, frente a isso, vamos percebendo que a renovação eclesial ainda é lenta e encontra muitas resistências, ocasionando muitas vezes um fechamento eclesial, que não comporta pensarmos o deslocamento da Igreja do centro para as periferias, o diálogo com o mundo, a sociedade e as demais confissões religiosas, não favorecendo assim, uma Igreja “em saída” como sonha o Papa.

### **3.3.2. A missão na contingência da história**

No segundo momento de nossa análise crítica do significado e identidade de uma Igreja “em saída”, já tendo passado pela reflexão da proposta de uma transformação missionária da Igreja, agora vamos tecer algumas considerações em torno a uma missão sempre contingenciada às limitações humanas. Isto tem reflexos e inferências na vida da Igreja, uma vez que implica a necessidade de uma conversão contínua dos agentes e uma formulação sempre nova do anúncio, segundo o contexto no qual a missão se dá.

### 3.3.2.1. A missão como resposta à Palavra de Deus

A ação evangelizadora da Igreja é para fora, para o mundo, para a história, é a resposta de um chamado, de um envio. “Irás aonde Eu te enviar” (Jr 1,7). As resistências e as tentações de ficar “em casa” são constantes, mas, uma vez assumida a vocação, quem determina o itinerário e as condições é quem convoca, portanto, Deus. “Ide e fazei discípulos todos os povos...” (Mt 28,19-20).

Quem escolhe o campo a ser semeado é Deus e ao enviado cabe trabalhar e dar sua vida nele. Para Mazzarolo, nenhum evangelizador está em grau de renunciar ou excluir ambientes e pessoas. Cita: “Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: a paz esteja nesta casa” (Lc 10,5) e ainda “a Boa-Nova tem valor eterno e deve ser anunciada a todos os habitantes da Terra: a todas as nações, tribos, línguas e povos” (Ap 14,6) (cf. MAZZAROLO, 2014, p. 67).

A Igreja “em saída” é aquela que toma a iniciativa e não espera ser convocada. É a Igreja que se deixa conduzir pelo Espírito Santo. Um bom exemplo à luz da Palavra de Deus, e em convergência com o sonho de Francisco, é o do Apóstolo Paulo. Em seu “plano de evangelização”, que compreendia “visitar, instituir, escrever, visitar e enviar”, ele, juntamente com seus companheiros, “criou” uma “Igreja em saída”, participativa, “democrática”, para fora, para o mundo, num processo de inculturação, inclusão, adaptação e transformação (cf. Atos 13,13; 14,8; 18,1; Rm 12,3; 1Cor 12,4; Gl 6,1; Ef 6,21; Fl 3,17; 1Tm 3,8).

A iniciativa de “sair” não é nossa, mas de um Deus que nos convida, nos envia, pois à luz de sua Palavra somos chamados a “sair” e a “andar”, de acordo com seus critérios, desígnios, o seu dinamismo, que não é o nosso, que não se encerra em nossos projetos pessoais. Francisco convida-nos a nos inspirar em alguns personagens e elementos bíblicos, como: Abraão, que concorda em viajar para uma nova terra; Moisés, que é enviado para trazer as pessoas da escravidão, levá-las como um povo livre para a terra prometida; Jeremias, o jovem profeta, que Deus envia para todas as pessoas mergulhadas na dor e no sofrimento; os setenta e dois discípulos, enviados por Jesus para curarem os enfermos e expulsarem demônios; o próprio Jesus, enviado do Pai para anunciar o Reino e a sua justiça; a Igreja, que nasceu em Pentecostes, movida pelo Espírito para evangelizar e deixar-se evangelizar pelas culturas, proclamando as grandes obras e o amor de Deus para com a humanidade (cf. PALUMBO, 2015)

Em comunhão e intimidade com a Palavra de Deus, é que a Igreja responde melhor às exigências dos tempos e lugares. A presença dos pastores em meio aos seus rebanhos, contraindo o cheiro de suas ovelhas (*EG* 24, Jo 10,1ss), constrói o caminho da conversão, que exige uma transformação permanente e uma adequação plurivalente dos mensageiros e das instituições (cf. MAZZAROLO, 2014, p. 68).

Na vocação e missão de fazer “todas as nações discípulos” (Mt 28,18-20), a Igreja deve buscar superar todo tipo de “divisão”, “separação” não havendo distinção de gênero, posição social ou realidade cultural (Gl 3,28; Rm 10,12; Cl 3,11). A expressão bíblica de uma “Igreja em saída” é a de uma Igreja de “muitos rostos” (*EG* 115), plural, onde todos são vistos como “discípulos e missionários” (*DAP* 362), homens e mulheres cômicos de que não há evangelizadores prontos e de que evangelizamos à medida que vamos nos deixando também nos evangelizar. Para Isidoro, a missão, a constituição de uma Igreja “em saída”, se dá na escuta da Palavra, na resposta gratuita a ela, na simplicidade de vida e acima de tudo, na busca constante da conversão pessoal e comunitária em vista de “aproximar distâncias” (MAZZAROLO, 2014, p. 69).

### 3.3.2.2. A conversão como caminho da missão

A conversão pessoal e comunitária desperta em cada um de nós a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida. Recordamos *Aparecida*, que os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de “permanente conversão pastoral”, que implica escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2, 29), através dos “sinais dos tempos” em que Deus se manifesta (*DAP* 366).

Ao se referir à necessidade de um pastoral em conversão, Francisco ressalta que há estruturas eclesiais, que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador de maneira positiva ou negativa. As boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem “fidelidade da Igreja à própria vocação”, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo. Diz ele: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo”, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado “mais à

evangelização no mundo atual que à autopreservação”. A reforma das estruturas, exigida pela conversão pastoral, só se pode entender nesse sentido: fazer que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes de pastorais em atitude constante de “saída” (EG 27).

A partir dessa reflexão, a paróquia passa a ser um espaço onde se incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. É uma comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário. A revisão e renovação das paróquias visa fazer delas um espaço onde as famílias se conheçam, um lugar de comunhão, partilha e diálogo, onde de fato, tudo possa estar orientado para a missão (EG 28).

A paróquia é um lugar privilegiado onde os fiéis podem fazer a experiência concreta da Igreja. Fazendo uma análise da presença da Igreja na América, João Paulo II nos diz, que tanto aqui como em outras partes do mundo, a paróquia atravessa por vezes algumas dificuldades no desempenho da própria missão. Em sua compreensão, as paróquias, como toda a Igreja, precisam de uma contínua renovação, pois elas são chamadas a serem acolhedoras, solidárias, espaço para a iniciação cristã, abertas as pessoas, aos carismas, serviços e ministérios, projetos pastorais e a realidade circundante (EAm 41).

Uma vez que tomamos consciência de nossa “natureza” e “identidade” missionária, de nossa vocação primeira, precisamos alinhar o nosso “ser” com o nosso “fazer”, e isso só se torna possível uma vez que, como Igreja, nos abramos a um profundo processo de renovação interior, de conversão pessoal e comunitária, mais ainda, de uma conversão pastoral, no desejo de que todas as nossas estruturas, carismas e dons estejam em favor da missão, em “chave missionária”, como tanto deseja o Papa Francisco a partir da realidade onde estamos inseridos (AG 6). “Vinho novo em odres novos” (Mc 2,22).

O Concílio Vaticano II, que tanto apostou na renovação eclesial, nos apresenta a conversão como uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo, à sua Palavra, e à proposta do Reino de Deus: “Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação [...] A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma” (EG 26).

A pastoral da Igreja, como nos recorda *Aparecida*, no desejo de ser cada vez mais missionária, não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos socioculturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. A partir dessa constatação, nasce do desejo de permanecermos fieis ao Espírito, que nos conduz à necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais (*DAP* 367).

Na concretude da vida e da existência, a Igreja encarnada e com o rosto de cada realidade, constata o Papa Francisco, traz em si a alegria de comunicar Jesus Cristo, especialmente nos lugares mais necessitados, como numa constante “saída” para as periferias do seu território ou para os novos âmbitos socioculturais. Exorta o pontífice, que a partir de um processo de discernimento, purificação e reforma, a Igreja deve procurar estar sempre onde “fazem mais falta à luz e vida do Cristo Ressuscitado, para que o impulso missionário seja cada vez mais intenso, generoso e fecundo” (*EG* 30).

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma “pastoral de conservação”, fazendo a passagem para uma “pastoral decididamente missionária”. Assim, será possível que o “único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial”, com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária (*DAP* 370).

Segundo Suess, retomando as palavras de Francisco, a conversão pastoral, por sua vez, coincide com a conversão missionária. Ela exige reforma das estruturas no sentido de fazer com que todas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária, em todas as instâncias, seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” (*SUESS*, 2015b, p. 38).

Na concepção de Brighenti, a conversão pastoral abarca o todo da vida da Igreja, ações, métodos, linguagens, estruturas e também a todas as pessoas, tanto as relações interpessoais como o exercício da autoridade. A razão para a conversão pastoral é fazer presente, de modo visível, a Igreja como um sacramento universal do Reino de Deus (*BRIGHENTI*, 2013, p. 87).

O Concílio Vaticano II propõe o diálogo na relação da Igreja com a sociedade. Assim, a Igreja é chamada a reconhecer os “sinais dos tempos” (*GS* 4), pois a

história é rica em sinais da presença de Deus. O Concílio destacou a pastoral e a ação evangelizadora da Igreja, para que esta seja “sinal de Cristo no mundo” (LG 15). Tal posicionamento, exige que a Igreja se revitalize continuamente no Espírito, que se revela na vida e na concretude de nossa existência. Para isso, é preciso considerar que as mudanças na Igreja, especialmente na sua forma de evangelizar, constituem a sua identidade de acolher o que o Espírito Santo dá a conhecer em diferentes momentos históricos. A partir daí se compreende melhor o aforismo: *ecclesia semper reformanda* (a Igreja deve sempre se reformar) (UR 6).

No tocante, à necessidade da Igreja estar conectada com os desafios e os apelos do tempo presente, pondera Hidalgo: a missão não pode perder de vista a realidade, pois a evangelização consiste num “assumir para redimir”. Em sua concepção, para *Medellín*, todo compromisso pastoral brota de um discernimento da realidade. Converter-se para a realidade é condição para a fidelidade ao Evangelho (HIDALGO, 2010, p. 51).

Segundo Brighenti, a partir de sua experiência pastoral e de sua análise sobre como a Igreja está vivendo, e os rumos que ela vem tomando, nos diz à luz das proposições de *Aparecida*, que: “a missão nos conduz ao coração do mundo”. Ela não é intimismo ou individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo e, muito menos, fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual (BRIGHENTI, 2007, p. 21).

Em sua reflexão, por meio do Estudo 107 (7), a CNBB nos recorda que a missão evangelizadora se faz no diálogo com as realidades concretas, em que a Igreja está inserida. Ressoa em nossos ouvidos o mandato conciliar, que afirma: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). Não se trata de uma norma, mas de uma postura que exige conversão permanente dos sujeitos cristãos, em cada tempo e realidade. Ser discípulo é estar “em saída” de si mesmo na busca do outro, ensina-nos o Papa Francisco.

Fazendo um comentário a respeito do texto da GS, Geraldo Lopes recorda a reciprocidade que há entre Igreja e mundo. Não só a Igreja ajuda o mundo, como ele também a auxilia. Com efeito, a Igreja não ignora quanto recebeu do mundo no decorrer da história. Todos os conhecimentos conquistados pela humanidade

tornaram-se veículos para a transmissão da mensagem cristã (LOPES, 2011, p. 114).

Tomando como referência, uma vez mais o Documento de *Aparecida*, Suess, observando algumas “tendências eclesiais”, que querem desconectar o Evangelho da vida, nos diz que para viver a sua “natureza missionária” e para “anunciar o Evangelho do Reino e da vida” (*DAp* 143-148), a Igreja, em seu processo de contínua renovação e conversão, precisa abrir os olhos para a realidade dos nossos povos, como estes estão vivendo, quais são os seus clamores, suas lutas. Precisa discernir o “trigo do joio” para estar sempre em consonância com o rosto do Cristo presente nos “rostos” desfigurados de nossa Latino-América (SUESS, 2010, p. 91).

Enfrenta-se a realidade para encontrar as novas demandas que se apresentam para a evangelização. Trata-se de discernir “os acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos [...], quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus” (GS 11).

Segundo o Documento 100 (10) “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”, esse “ver” está condicionado pelo olhar, fazendo menção a uma das homilias de Francisco, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio. Para o Bispo de Roma, profundamente influenciado por *Aparecida*, toda a Igreja é chamada a ir ao encontro da realidade com o olhar de discípulo. Não é uma “mirada” puramente sociológica. Trata-se, na verdade, de um autêntico discernimento evangélico. “É o olhar do discípulo missionário que se nutre da luz e da força do Espírito Santo” (*EG* 50).

Toda conversão supõe um processo de transformação permanente e integral, o que implica o abandono de um caminho e a escolha de outro. A conversão pastoral sugere renovação missionária das comunidades (*DAp* 365), para passar de “uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (*DAp* 370). Isso supõe mudança de estruturas eclesiais, mas, principalmente exige uma nova atitude dos pastores, dos agentes de pastoral e dos membros das associações de fieis e movimentos eclesiais.

O centro de toda conversão é Jesus Cristo. A conversão pastoral depende de uma conversão pessoal a Cristo. Para a CNBB, em seu Estudo 104 (173), não haverá mudanças no agir, se não houver um profundo encontro com Jesus, capaz de renovar a pessoa. Somos desafiados a “oferecer a todos os nossos fieis, um

encontro pessoal com Jesus Cristo, uma experiência religiosa profunda e intensa” (DAP 226).

Nesta mesma ótica, o Documento 100 (52), nos diz que a expressão “conversão pastoral”, além do encontro com Jesus, pede também a cada um de nós uma renovada conversão a Ele. Há muitos batizados, que por falta desse mesmo encontro, e da ausência de um profundo e contínuo processo de conversão, acabam por viver o cristianismo de forma sacramentalista, sem deixar que o Evangelho renove suas vidas. A “Igreja peregrina”, “comunidade dos batizados” é chamada por Cristo a “esta reforma perene”.

### 3.3.2.3. A missão como cuidado da fragilidade

Quando refletimos sobre o ser missionário da Igreja e a sua presença efetiva na vida das pessoas, em meio às suas fragilidades e limites, sua presença concreta no mundo, perguntamos a partir das limitações humanas, como podemos oferecer e dar testemunho de um Deus, que é amor, que é solidário para com toda a humanidade. Francisco nos lembra que o missionário mesmo diante dos desafios da vida, dos seus enfrentamentos, não pode ter “cara de funeral”, de “Quaresma sem Páscoa”, de quem “tomou vinagre no café da manhã” e passa o dia todo em um profundo estado de acidez e mau humor (cf. EG 10).

Frente às realidades nas quais estamos inseridos, muitas pessoas nos perguntam: onde podemos encontrar a Deus? As religiões demarcaram os principais lugares e situações no quais podemos encontrar Deus, por exemplo, no amor, na oração, na interiorização, na vida simples e comedida, no serviço desinteressado ao próximo. Os cristãos sabem que encontram Deus na Igreja, em seus sacramentos, nas palavras Sagradas da Escritura, no encontro fraterno e no amor ao próximo. A pergunta é legítima e as respostas são verdadeiras. Entretanto, aprendemos com Jesus, que a pergunta fundamental é outra: onde Deus quer ser encontrado e revelado por nós a partir de nossas limitações e nosso desejo de anunciá-lo a todos os povos? (cf. BOFF, 2006, p. 53).

Ele marcou o encontro onde nos parece mais contraditório: no oprimido, no sedento, no faminto e no nu, nos convidou em consonância com as palavras de Francisco, a irmos do “isolamento ao encontro”. Portanto, naqueles que não contam para os critérios dominantes da sociedade, e é justamente aí que devem estar os

“discípulos missionários de Jesus”. Na presença daqueles que o sistema considera nulos, pois praticamente não produzem e quase nada consomem. Deus, por meio de seus profetas, missionários, evangelizadores, quer reconhecer sua existência. Ele os chama de “meus irmãos e minhas irmãs menores” e diz: “Quem os recebe a mim recebe, quem os rejeita a mim rejeita” (BOFF, 2006, p. 54).

A Igreja, “comunidade dos batizados”, “sacramento de salvação”, não vive para si. Ela tem a tarefa de “convocar e enviar servos e testemunhas do Reino, sua meta é o Reino de amor e de vida anunciado por Jesus”. (LG 9). Como Igreja, devemos, como nos recorda Bento XVI, dizer a todos que, como missionários e missionárias: “[...] ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo [...]” (DCE 1). A fé exige de nós um compromisso, uma corresponsabilidade.

Levando-se em conta, que a Igreja está consciente de que o homem, não o homem abstrato, mas o homem concreto e histórico, “é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão” (RH 14), a promoção humana há de ser consequência lógica da evangelização, para a qual tende a libertação integral da pessoa (EN 29-39). Independente de nossas fraquezas e limites, como discípulos missionários, temos que nos colocar a serviço da Igreja, do Reino e da vida.

Para Brighenti, o evangelho da vida e, dentro dele, o evangelho social leva a Igreja a encarnar “toda a fé em toda a vida”, ou seja, a sintonizar-se com as grandes aspirações da humanidade. A religião, enquanto mediação da salvação, descentra a Igreja de si mesma e lança-a numa missão não exclusiva. O cristianismo, como toda religião, busca contribuir para encontrar uma resposta às questões fundamentais do ser humano (BRIGHENTI, 2004, p. 124).

O encontro com o Senhor deve gerar uma profunda transformação em todos aqueles que não se fecham, mas que se abrem à sua Palavra e à proposta do Reino. O primeiro impulso que nasce dessa transformação é nos sentirmos cada vez mais evangelizadores e comunicar aos outros a riqueza descoberta neste encontro, nesta experiência. Não se trata, como nos exorta João Paulo II, apenas de ensinar aquilo de que tivemos conhecimento, mas de fazer também, à semelhança da “mulher samaritana”, com que os outros encontrem pessoalmente Jesus: “Vinde ver” (Jo 4, 29). O resultado será igual ao que então se verificou no coração dos

samaritanos: “Já não é por causa das tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo” (Jo 4, 42). A Igreja, que vive da presença permanente e misteriosa, do seu Senhor ressuscitado, tem como centro da sua missão o empenho de “levar todos os homens a encontrar-se com Cristo” (*EAm* 68).

Bento XVI fala da alegria de poder comunicar ao mundo um Deus que se revela, que se mostrou, que armou sua tenda no meio de nós (*VD* 92). Para Francisco, a expressão e a alegria dessa fé se tornam mais autênticas, à medida que se convertem em uma “existência eclesial” (*LF* 22). Assim, a experiência da fé de um Deus que se revela, deve ser traduzida não somente no âmbito pessoal, mas também no comunitário e eclesial. Fazer a experiência de Deus é formar comunidade, favorecer que nossas comunidades sejam um espaço sadio para expressarmos nossa adesão a Jesus Cristo e a proposta do seu Reino.

Tudo isso cobra de cada um de nós um novo modo de evangelizar, como o Papa Francisco nos aponta, não podemos ser mais missionários para condenar, para separar, mas, para anunciar a esperança, o diálogo, a paz, que possa dessa forma suscitar no coração das pessoas pelo testemunho da Igreja um mundo mais pacífico e amoroso. Para Clodovis, esse novo jeito de ser Igreja, de sermos missionários, evangelizadores, trata-se de uma Igreja inclusiva, que evita toda forma de mesquinhez mental e de exclusão. Falamos de uma Igreja aberta, larga, magnânima e generosa. Uma Igreja que seja verdadeiramente “mãe”, que acolha em seu regaço toda a diversidade que a vida traz. Uma casa em que todos possam “se sentir em casa”. “Um arco-íris feito de todas as cores do céu”. (BOFF, 1998, p. 19).

Para Queiruga, todo esse esforço de renovação eclesial, conversão pastoral, mudança de mentalidade, constituição de uma Igreja “em saída”, “em estado permanente de missão”, traz no fundo, o desejo e o sonho de revelar o rosto amoroso de Deus, um Deus misericordioso, como tanto hoje tem insistido o Papa Francisco (Ano da Misericórdia). Segundo o teólogo, na mesma direção daquilo que atualmente o Bispo de Roma vem indicando, faz-se necessário recuperar a experiência originária, das primeiras comunidades, dos primeiros cristãos e romper com uma imagem divina legalista, opressora, colonizadora, que chegou até nós juntamente com as caravelas dos “descobridores”, e oferecer o rosto vivo e

libertador de Deus. Dessa forma, conduziremos o “homem moderno” à possibilidade de encontrá-lo (QUEIRUGA, 1993, p. 192).

Antes de todas as diferenças, independente das fragilidades humanas, o sonho de construirmos uma Igreja missionária, deve se pautar na acolhida do diferente, na redescoberta do outro, na vivência da unidade na pluralidade de dons, carismas e culturas. Francisco, ao tomar refeição com os funcionários do Vaticano, fala de ir na direção dos que estão nas ruas, nas penitenciárias, das crianças, da juventude, dos imigrantes. Demonstra que evangelizar passa necessariamente pelo encontro com o outro, com aqueles que nos interpelam, em atitude de respeito, acolhida, compaixão e solidariedade.

A Igreja “em saída” deve ser “mestra de acolhida”, “casa materna”, “lugar da misericórdia”, para que todas as pessoas sejam reconhecidas na sua dignidade. Numa sociedade que valoriza a individualidade até o extremo do individualismo; numa economia caracterizada pelo “gerenciamento de qualidade total”, que busca atender cada pessoa e de modo individualizado (contra a produção em massa do passado), a comunidade eclesial é chamada a superar todo o comportamento meramente burocrático, frio e impessoal, e a estabelecer uma relação “pastoral personalizada”. (BOFF, 1998, p. 20).

Nesta perspectiva, Francisco descreve a importância de favorecermos o encontro com o outro em nossas práticas pastorais, em suas palavras ele nos diz: “seria bom, salutar, libertador, esperançoso trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG 87).

Uma Igreja “em saída”, uma pastoral em conversão, deve reconhecer e redescobrir a importância do outro a sua totalidade. Acolher uma pessoa e trazê-la para “o meio” como fazia Jesus (Mt 18,2) é acolher também sua diferença irreduzível, sua singularidade. E aqui surge a face do “outro”. Ora, quais são os “outros” da Igreja? O “outro”, do ponto de vista da Igreja, constitui um leque bastante largo: são as mulheres, os “desancorados espirituais”, os “nômades espirituais”, aqueles que carecem de um sentido para a vida, os empobrecidos, os marginalizados, as outras Igrejas cristãs, as outras religiões, as outras culturas e, até mesmo, a natureza (BOFF, 1998, p. 21).

Para Dom Cláudio Hummes, a missão da Igreja e de todo seguidor de Jesus, a partir do contexto que estamos inseridos, de um panorama de profundas e vertiginosas mudanças, é ir em busca das pessoas, dos povos, da humanidade inteira e conduzi-los a Jesus Cristo para que este os transforme e os salve. Em sua concepção, o verdadeiro discípulo, o que faz uma profunda experiência de Jesus, torna-se missionário permanente e ardoroso, torna-se uma pessoa comprometida com a vida e com tudo aquilo que ela representa em sua totalidade, alegrias e tristezas (HUMMES, 2006, p. 35).

Para Víctor Manuel Fernández, reitor da Universidade Católica da Argentina, a *Evangelii Gaudium*, em sua proposta missionária, em seu convite para irmos em direção do outro, em atitude de “saída”, de solidariedade, descortina-se como um verdadeiro e autêntico programa para a vivência pessoal, comunitária e eclesial de nossa fé, de nosso seguimento a Jesus Cristo. Em sua visão, sendo ela um documento programático, pede de cada um de nós audácia, entusiasmo e criatividade. Para o reitor, falando há pouco mais de um ano da publicação da Exortação, destaca: “ainda não a tivemos muito em conta”. “É fundamental uma Igreja missionária, que não tema aproximar-se dos mais necessitados, compartilhar a alegria, ir às periferias, promover a cultura do encontro, fundamentar a Igreja em uma atitude de saída”. Finaliza de modo muito contundente: “estas são algumas chaves do documento” (FERNÁNDEZ, 2014).

Frente à necessidade e à urgência de construirmos uma Igreja missionária, pobre e para os pobres, onde tudo esteja em chave de missão, onde a vida e o ser humano estejam em primeiro lugar, onde o pessimismo dá lugar à alegria de evangelizar, para Brighenti, parafraseando Dom Helder Câmara, podemos dizer que, se a Igreja que o Papa Francisco sonha for um ideal só dele, será apenas um sonho; mas, se seu sonho for também nosso sonho, é o começo da realidade (BRIGHENTI, 2014, p. 25).

### **Considerações finais**

Como se pode constatar com as considerações em torno ao significado e à identidade de uma Igreja “em saída”, segundo a *Evangelii Gaudium*, o aspecto fundamental é a consciência de que a missão se encarna na contingência humana. De uma experiência de Deus ou de um encontro pessoal com Jesus Cristo, brota o

discipulado, que se faz Igreja “em saída”, para as periferias. Francisco convoca a todos a irem em direção dos crucificados do tempo presente, com atitude de solidariedade e compaixão, gestos, que alimentam a missão encarnada nas fragilidades humanas e ampliam a sua perspectiva, à medida que se vai deixando Deus agir em cada um de nós e, assim, aquilo que é limite, pode ser transformado em dom.

Toda postura de autorreferencialidade, de preconceito, de todo isolamento, de concepção da evangelização como sacramentalização, de “profetas da desgraça”, como denunciava João XXIII, contrasta com a perspectiva missionária da *Evangelii Gaudium*. Inviabilizam uma Igreja missionária: discípulos pessimistas, mesquinhos, que não trazem em seu coração a esperança evangélica, que confundem aquilo que é o essencial do Evangelho com a roupagem que damos; ou quando se deixam vencer pelo cansaço e desanimam, parando à beira do caminho.

#### 4. IMPLICAÇÕES PASTORAIS PARA UMA IGREJA “EM SAÍDA”

Este terceiro capítulo de nosso trabalho é o desembocar dos dois primeiros. No primeiro capítulo, a partir das reflexões do Papa Francisco e da colaboração de autores do tempo presente, explicitamos e refletimos sobre o contexto sócio-elesial da missão. Vimos como a realidade político-social em que estamos inseridos, como também suas influências na vida das pessoas, criam uma mentalidade individualista, consumista, uma sociedade do bem-estar, que nos anestesia dos reais conflitos, dos embates, que desafiam a cada um de nós no sentido de construir outro mundo possível, mais fraterno, mais irmão. Uma vez que nossos agentes de pastoral estão inseridos no mundo e, por conseguinte, são influenciados por ele, nos foi possível também perceber algumas das suas tentações, que muitas vezes acabam por reproduzir dentro da Igreja certo “mundanismo espiritual” como fala Francisco, além de posturas que favorecem as desigualdades e tendências reacionárias que não propiciam uma Igreja “em saída”.

Frente ao contexto político-social e elesial que desafia a missão evangelizadora da Igreja, passamos no segundo momento a refletir sobre o significado e a identidade de uma Igreja “em saída”. De acordo com o Papa Francisco, partindo de um contínuo e constante processo de conversão, toda a Igreja é chamada a passar por uma transformação missionária, refletir sobre sua identidade e colocar todas as suas estruturas em chave missionária. Isto implica em levar seus agentes a compreender a natureza da Igreja e sua missão específica que é evangelizar, isto é, tornar presente o Reino de Deus, abrindo suas portas para acolher a todos, indo dos centros para as periferias, ainda que com suas limitações e fragilidades por ser uma instituição intra-histórica, intra-mundana.

Constituído então o lastro de nosso trabalho, queremos, neste último capítulo, partindo do contexto que nos cerca e nos envolve, dos pressupostos elencados por Francisco sobre o significado e identidade de uma Igreja missionária, abordar as implicações pastorais para a construção de uma Igreja “em saída”. É preciso ter consciência dos desafios que cercam a missão e a audácia necessária para enfrentá-los, com espírito de cooperação, diálogo, acolhida e fraternidade.

Iniciaremos nosso percurso, descrevendo, a partir das reflexões de Francisco, a importância do Reino de Deus e sua ressonância na vida e missão da Igreja. Em seguida, passaremos à compreensão de evangelização a partir dos povos, de sua

cultura, das exigências de um processo de inculturação, tão importante para a vitalidade do Evangelho, sem desconhecer a força evangelizadora presente na piedade popular. Implicação não menor é a necessidade de conceber a evangelização como processo de humanização, a fé como um compromisso social, a exigência evangélica da opção preferencial pelos pobres, sem esquecer o diálogo como caminho para a construção da paz, da justiça e do bem comum.

Terminando este percurso, faremos algumas considerações relativas às implicações pastorais para uma Igreja “em saída”, apoiados em autores que repercutem as principais questões ligadas ao tema da missão e as proposições da *Evangelii Gaudium*.

#### 4.1. EVANGELIZAR É “TORNAR PRESENTE O REINO DE DEUS” (EG 176)

Segundo o Papa Francisco, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Cita: “Nenhuma definição parcial e fragmentada, porém, chegará a dar razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar” (EN 68). Retomando a reflexão conciliar acerca da missão e vocação da Igreja, o pontífice manifesta a sua preocupação no que tange à dimensão social da evangelização, precisamente porque, se esta dimensão não for devidamente explicitada, corre-se o risco de desfigurar o sentido autêntico, primeiro e integral da missão evangelizadora (cf. EG 176).

Ao levarmos em conta a Palavra de Deus, fica-nos evidente que a proposta do Evangelho não consiste só em uma relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de algumas pessoas necessitadas, o que poderia constituir para Francisco uma “caridade por receita”, “uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência”. Conforme o Bispo de Roma, a proposta é o “Reino de Deus” (Lc 4,43), que se trata de amar a Deus, que reina no mundo (EG 180).

Segundo a Exortação, à medida que vamos propiciando o reinado de Deus entre nós, a vida social se torna cada vez mais um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Dessa forma, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. Deixar-se conduzir por

Cristo e por sua Palavra, é necessariamente “buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33), anunciar como fora pedido aos discípulos que “este Reino está próximo” (Mt 10,7) (cf. *EG* 180).

Na compreensão de Francisco, o Reino, que se antecipa e cresce entre nós, abrange tudo, como nos recorda aquele princípio de discernimento que Paulo VI, propunha a propósito do verdadeiro desenvolvimento: “Todos os homens e o homem todo” (*PP* 14). Frisa o Papa, que sabemos que “a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens (*EN* 29)” (cf. *EG* 181).

Para Francisco, quando se fala da totalidade e abrangência do Reino, deve-se compreender que:

É o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, dado que o Pai quer que todos os homens se salvem; e seu plano de salvação consiste em “submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra” (Ef 1,10). O mandato é: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), porque toda “a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19) (*EG* 181).

Para a *Evangelii Gaudium*, falar de toda a Criação significa falar também de todos os aspectos da vida humana, de tal modo que a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tenha destinação universal. Seu mandato de caridade e amor alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes de convivência e todos os povos. Retomando um pensamento de *Aparecida*, Francisco nos diz que, “nada do humano pode nos parecer estranho” (*DAP* 380). “A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história” (*EG* 181).

#### **4.1.1. O povo de Deus como sujeito da evangelização**

Em consonância com o pensamento de Francisco, à medida que a Igreja caminha com o seu povo, ao lado de sua vida e de sua história, vai cada vez mais tomando consciência de que a evangelização é o seu dever, sua missão, sua identidade. O sujeito de todo dinamismo pastoral e evangelizador, mais do que uma instituição orgânica e hierárquica é antes de tudo, um povo que peregrina para Deus, um Deus Trindade, que tem a sua concretização histórica num povo peregrino

e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional (cf. *EG* 111).

#### 4.1.2. Um povo como sacramento de salvação para todos os povos

De acordo com a *Evangelii Gaudium*, para um Deus que caminha no meio de seu povo, a Salvação que Ele nos oferece é obra da sua misericórdia. Mesmo com todo nosso esforço não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Pela sua Graça, Deus nos atrai para Si, nos chama a participar do projeto do Reino, envia Seu Espírito para nos transformar e tornar capazes de responder com a nossa vida, com nossos dons, ao seu amor. Retomando os ensinamentos do Concílio, para Francisco, “a Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus (*LG* 1)” (cf. *EG* 112).

Como defende Francisco, no desempenhar de sua missão evangelizadora, a Igreja colabora como instrumento da graça divina. Citando as palavras de seu antecessor, Bento XVI, “é sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, nos podemos tornar também – com Ele e n’Ele – evangelizadores”. O princípio da primazia da graça deve ser um farol que ilumine constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização (cf. *EG* 112).

O projeto salvífico de Deus, que a Igreja em sua missão evangelizadora anuncia, é para todos os homens e mulheres, toda a humanidade (*GS* 22), e Deus criou um caminho para se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados (*LG* 9). Para Francisco, “ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama das relações interpessoais, que a vida numa comunidade humana supõe” (*EG* 113).

Convocando a todos para redescobrirem o valor de estar na comunidade, de ser Igreja, casa de todos, enfatiza o Papa:

Este povo, que Deus escolheu para Si e convocou, é a Igreja. Jesus não diz aos Apóstolos para formarem um grupo exclusivo, um grupo de elite. Jesus diz: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28,19). São Paulo afirma que no povo de Deus, na Igreja, “não há judeu nem grego (...), porque todos sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Eu gostaria de dizer

àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que têm medo ou aos indiferentes: o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor! (EG 113).

Na ótica de Francisco, ser Igreja então, significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho. Para o Bispo de Roma, “a Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG 114).

#### 4.1.3. Um povo com muitos rostos

Como frisa o texto da *Evangelii Gaudium*, o Povo de Deus encarna-se nos povos de todos os continentes e nações, onde cada um dos quais tem a sua cultura própria, seus costumes, sua identidade. Para Francisco, a noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo (DP 386) (cf. EG 115).

No seu desenvolvimento e evolução histórica, cada povo produz a própria cultura com legítima autonomia (GS 36). Isso acontece, devido ao fato de que a pessoa humana, por sua natureza, necessita absolutamente de vida social e mantém contínua referência à sociedade, na qual vive uma maneira concreta de se relacionar com a realidade. “O ser humano está sempre culturalmente situado: natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas” (GS 53). Nas palavras de Francisco: “A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe” (EG 115).

De acordo com o texto, ao longo do curso da história do cristianismo, uma quantidade inumerável de povos recebeu o anúncio da fé e do Evangelho e os fez florir em sua vida diária, transmitindo-os segundo as próprias modalidades culturais. À medida que uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito fecunda a

sua cultura com a força transformadora do Evangelho. Dessa forma, como se pode constatar na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas “permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar (NMI 294)” (cf. EG 116).

Conforme frisa a Exortação, nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra “a beleza deste rosto pluriforme” (NMI 295). A partir das manifestações cristãs de um povo evangelizado, o Espírito Santo embeleza a Igreja, mostrando-lhe novos aspectos da Revelação e presenteando-a com um novo rosto. Pelo processo de inculturação, a Igreja “introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade” (RM 52), por que “cada cultura oferece formas e valores positivos, que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado e vivido” (EO 16). Assim, “a Igreja, assumindo os valores das diversas culturas, torna-se *sponsa ornata monilibus suis*, a noiva que se adorna com suas joias (Is 61,10, EAf 61)” (cf. EG 116).

Para Francisco, se for bem entendida a diversidade cultural, ela não ameaça a unidade da Igreja, em suas palavras:

É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, em que tudo encontra a sua unidade. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai (EG 117).

A evangelização reconhece, com alegria, estas múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja. Não teria sentido, pensando a partir da encarnação, um cristianismo monocultural, uma vez que o Cristo assume em sua vida a história e as culturas. Ainda que historicamente a evangelização e o pensamento cristão estiveram atrelados a algumas culturas, a mensagem revelada não se identifica com nenhuma delas e possui um conteúdo transcultural (cf. EG 117).

No processo de evangelização de novas culturas ou de culturas que não acolheram a pregação cristã, não se faz necessário impor um único modelo cultural, por mais belo ou antigo que seja juntamente com a proposta do Evangelho. Para Francisco, “a mensagem que anunciamos, sempre apresenta alguma roupagem

cultural, mas às vezes caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador” (EG 117).

Retomando a reflexão de João Paulo II, sobre a inculturação, Francisco reafirma que não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, “ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus num determinado momento da história, porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão de uma cultura (EAs 20)”. “É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo” (EG 118).

#### **4.1.4. A força evangelizadora da piedade popular e suas manifestações**

Pela força do Espírito, que nos impele a evangelizar e em virtude do batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (Mt 28,19). Cada batizado, independente de sua condição social, do seu grau de instrução, da função que exerce na Igreja, é um sujeito ativo de evangelização. Para Francisco, mais do que pensar a evangelização como uma atividade dos mais instruídos e qualificados, “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados” (EG 120).

Conforme a Exortação, a partir dessa maneira de pensar, todos somos convocados para missão evangelizadora da Igreja, nenhum cristão pode renunciar o seu compromisso missionário, deixar de dar a sua contribuição para a evangelização, porque, uma vez que experimentamos verdadeiramente o amor de Deus, uma vez que nos encontramos com Jesus Cristo, nos tornamos missionários. Nesta perspectiva, de ao mesmo tempo fazer experiência e anunciar, enfatiza Francisco: “não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’” (EG 120).

Evangelizar é, antes de tudo, deixar-se também evangelizar, estar atento aos “sinais dos tempos”, buscar compreender por meio da reflexão o momento histórico que estamos vivendo, o contexto no qual estamos inseridos, à medida que desejamos construir uma “Igreja em saída”. Nesta dimensão, insiste o Bispo de Roma:

Certamente, todos somos chamados a crescer como evangelizadores. Devemos procurar simultaneamente uma formação melhor, um aprofundamento do nosso amor e um testemunho mais claro do Evangelho.

Nesse sentido, todos devemos deixar que os outros nos evangelizem constantemente; isso não significa que devemos renunciar à missão evangelizadora, mas encontrar o modo de comunicar Jesus que corresponda à situação em que vivemos (EG 121).

Uma vez que nos deixamos evangelizar, vamos descobrindo a presença e a ação de Deus na vida das pessoas, na concretude de sua existência, nas mais diversas culturas, povos e nacionalidades. Reconhecer Deus em tudo e em todos, implica também aceitar a maneira, a forma, os traços com que cada local, cada cultura, o povo simples, vive e expressa a sua fé, “a força com que evangeliza a partir de sua piedade popular” (EG 122).

Cada povo, cada nação, são criadores de cultura e protagonistas de sua história. Vida e cultura são realidades dinâmicas que se recriam constantemente, e cada geração transmite para a próxima um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar em face dos próprios desafios. Retomando um pensamento de João Paulo II, acerca dessa realidade dos povos e culturas, pondera Francisco: “o ser humano é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido (FR 71)” (cf. EG 122).

Quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação. Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus segundo a sua própria índole, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si. Pode-se dizer que “o povo se evangeliza continuamente a si mesmo (DP 450)” (EG 122).

Nessa perspectiva, para Francisco, ganha importância a piedade popular, como uma verdadeira e autêntica expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus. Trate-se, a partir de sua reflexão, de uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo, uma realidade onde se pode captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se (EAs 210) (cf. EG 123).

Como afirma a *Evangelii Gaudium*, vista ao longo da história com certa desconfiança, a piedade popular foi objeto de revalorização nas décadas posteriores ao Concílio. Para Francisco, quem deu um impulso decisivo nesta direção foi Paulo VI em sua Exortação *Evangelii Nuntiandi*. Nela, ele explica que a piedade popular “traduz em si uma sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar” e “torna as pessoas capazes de terem rasgos de generosidade e

predispõe-nas para o sacrifício até para o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé” (EN 48) (cf. EG 123).

Em comunhão com *Aparecida*, Francisco vê na piedade popular “um tesouro da Igreja”, um espaço privilegiado onde “descrevem-se as riquezas que o Espírito Santo explicita por sua iniciativa gratuita”. A vivência da fé por parte do povo demonstra algo que, segundo o texto, podemos chamar de “espiritualidade popular” ou “mística popular”, uma verdadeira “espiritualidade encarnada na cultura dos simples”. Sua manifestação “não é vazia de conteúdos, mas descobre-os e exprime-os mais pela via simbólica do que pelo uso da razão instrumental e, no ato de fé”, “uma maneira legítima de vivê-la, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionário”, comporta em si a graça da missionariedade, do sair de si e do peregrinar (DAP 262-264) (cf. EG 124).

Mais do que uma realidade para ser domesticada e controlada em sua força missionária, a piedade popular deve ser amada, acolhida e respeitada como uma forma pura e verdadeira da vivência da fé, especialmente dos mais simples, e profundamente animada pelo Espírito Santo. Para Francisco, por ser fruto do Evangelho inculturado, a piedade popular traz em si uma força ativamente evangelizadora, que não podemos subestimar. Em suas palavras: “ao contrário, somos chamados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada”. Enfatiza: “as expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção, particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (EG 125,126).

#### **4.1.5. Exigências de uma evangelização inculturada**

As diferentes culturas, dons e carismas presentes em nossas comunidades eclesiais, as diferenças de um modo geral, não podem ser vistas como uma ameaça, um risco para a evangelização, para a missão evangelizadora da Igreja, para a constituição de uma Igreja “em saída”. Ao contrário, no desejo de elaborarmos um caminho para uma evangelização inculturada, somos provocados pelo Espírito a descobrirmos o outro como ele é, na sua totalidade, nos enriquecendo com aquilo que é próprio de cada pessoa, de cada local, de cada cultura (cf. EG 130).

Refletindo acerca das diferenças entre as pessoas e comunidades, como realidades suscitadas pelo Espírito Santo, destaca Francisco:

A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Ao invés, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos, em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isso não ajuda na missão da Igreja (EG 131).

Para o Papa, o anúncio às culturas implica também um anúncio às culturas profissionais, científicas e acadêmicas. É o encontro entre a fé, a razão e as ciências, que visa desenvolver um novo discurso sobre a credibilidade, sobre a evangelização, no intuito de criar predisposições para que o Evangelho seja acolhido, escutado e vivido por todos. À medida que vamos assimilando ao processo de evangelização, categorias da razão e das ciências, elas vão se tornando cada vez mais instrumentos para este mesmo processo. Em suas palavras argumenta: “é a água transformada em vinho. É aquilo que, uma vez assumido, não só é redimido, mas torna-se instrumento do Espírito para iluminar e renovar o mundo” (EG 132).

Como frisa o texto, na perspectiva de uma evangelização inculturada, toda Igreja, especialmente a teologia, mas não somente a teologia pastoral é convidada a se colocar em atitude de diálogo, de encontro e de “saída”, frente às ciências e experiências humanas, no desejo de fazer chegar o Evangelho à variedade dos contextos culturais e dos destinatários. Para não correremos o risco de uma “teologia de gabinete”, Francisco recorda que a Igreja, “comprometida na evangelização, aprecia e encoraja o carisma dos teólogos e o seu esforço na investigação teológica”, que “promove o diálogo com o mundo da cultura e da ciência”. Toda reflexão teológica, todo dinamismo pastoral, tem que ir em direção com a finalidade evangelizadora da Igreja, ser um sinal do Reino, “sacramento de salvação”, em todo tempo, em todo lugar, no meio de todos e de todas as culturas (cf. EG 133).

#### 4.2. A EVANGELIZAÇÃO COMO HUMANIZAÇÃO

Ao referir sobre a missão evangelizadora da Igreja, Francisco sempre faz referência à necessidade de pensarmos uma nova forma de evangelizar, capaz de chegar ao coração das pessoas, de tocar profundamente a sua vida, a sua

existência, aquilo que é próprio da condição humana, assim, mais do que “sacramentalizar”, “doutrinar”, o Papa apresenta a proposta de uma evangelização como humanização, como encontro com outro, com a humanidade na sua totalidade (cf. *EG 127*).

Segundo o texto, como Igreja em tempos de uma profunda renovação missionária, somos convidados a nos exercitar em um tipo de pregação e anúncio, a uma forma de levar o Evangelho a todas as pessoas com quem nos encontramos, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. Para Francisco, todo momento é momento de evangelizar, de ser missionário, como em conversas informais, na visita aos lares. Em suas palavras: “Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (*EG 127*).

Evangelizar a partir do encontro com o outro, com sua realidade, com uma perspectiva de humanização, é apostar de modo amável e respeitoso na seguinte metodologia, dividida em dois momentos:

O primeiro em um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações com os seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração. Só depois desta conversa é que se pode apresentar-lhe a Palavra, seja pela leitura de algum versículo ou de modo narrativo, mas sempre recordando o fundamental: o amor pessoal de Deus que Se fez homem, entregou-Se a Si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade (*EG 128*).

De acordo com Francisco, dialogar e anunciar são então, partes de um modo de evangelizar, que se partilha com uma atitude humilde e testemunhal de quem sempre sabe aprender, com a consciência de que a mensagem que se comunica é tão rica e profunda que sempre nos ultrapassa. Às vezes, se exprime de maneira mais direta, outras, pelo testemunho pessoal, a partir de uma história, de um gesto, de uma prece, sempre assistido pelo Espírito e pela sua força criadora e criativa. Evangelizar dessa forma, é no fundo mostrar às pessoas que elas são importantes, que foram ouvidas, interpretadas, de que suas necessidades foram apresentadas para Deus, fazendo com que elas possam perceber, que, no fundo, a Palavra de Deus fala realmente à sua própria vida e existência como um todo (cf. *EG 128*).

A partir da ótica de uma evangelização como humanização, destaca o Papa, a respeito de como ir ao encontro do outro, o seguinte cuidado e atenção:

Não se deve pensar que o anúncio evangélico tenha de ser transmitido sempre com determinadas fórmulas preestabelecidas ou com palavras concretas que expressem um conteúdo absolutamente invariável. Transmite-se com formas tão diversas que seria impossível descrevê-las ou catalogá-las, e cujo sujeito coletivo é o povo de Deus, com seus gestos e sinais inumeráveis (EG 129).

O evangelho se encarnou numa cultura, numa realidade, nos mais variados contextos onde se encontra a vida humana. Assim, evangelizar é promover a inculturação da fé e dos valores, é fazer com que o Evangelho se expresse com categorias das culturas próprias, provocando uma nova síntese com cada uma dessas culturas; é nos tornarmos criativos frente ao comodismo que nos esteriliza; é sermos participantes dos processos históricos dando nossa cooperação; é humanizar, humanizar-se e defender a vida onde ela se encontra ainda mais ameaçada (cf. EG 129).

#### **4.2.1. Confissão da fé e compromisso social**

O *querigma*, segundo a Exortação, possui, em sua essência, um conteúdo inevitavelmente social e voltado para a defesa da vida e da dignidade humana. No próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. Os que ouvem pela primeira vez, a mensagem de fé e a proposta do Reino, inevitavelmente são conduzidos a um jeito de viver e a uma maneira de pensar, que trás a caridade como centralidade de vida e missão (cf. EG 177).

Para Francisco, à medida que professamos nossa fé em Deus e em seu Filho Jesus Cristo, que nos deram a vida em plenitude, e fizeram morada no meio de nós, não podemos esquecer que o amor do Pai chega a todos os seres humanos, não redime ou toca apenas a pessoa de uma maneira individual, mas também as relações sociais entre os homens. Nossa fé em um Deus Trino traz em si um sentido social, pois Deus age em toda a realidade humana, assim, a evangelização procura colaborar também com este projeto libertador. “A partir do coração de Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve exprimir e desenvolver em toda ação evangelizadora” (EG 178).

Como frisa o texto, a aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus, implica necessariamente o desejo e uma primeira reação em nossa

vida: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros. O laço indissolúvel entre a recepção do anúncio salvífico e um efetivo amor fraterno, exprimem-se em alguns textos da Escritura, como por exemplo: (cf. Mt 25,40, Mt 7,2, Lc 6,36-38).

Para Francisco, nestes textos citados:

Exprime-se a absoluta prioridade da “saída de si próprio para o irmão”, como um dos dois mandamentos principais que fundamentam toda a norma moral e como sinal mais claro para discernir sobre o caminho de crescimento espiritual em resposta à doação absolutamente gratuita de Deus (EG 179).

Por isso, da mesma forma, o serviço da caridade, da promoção humana e da defesa da vida, são dimensões constitutivas da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência. Assim, como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão, a solidariedade, que compreendem, assistem e promovem o ser humano em suas mais variadas realidades e dimensões (EG 179).

A partir deste princípio, enfatiza Francisco, que não podemos mais afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar almas para o céu. Para ele, Deus deseja a felicidade dos seus filhos também nesta terra, embora estejam chamados à plenitude eterna, porque Ele criou todas as coisas “para nosso usufruto” (1Tm 6,17), para que todos possam usufruir delas. Por isso, a conversão cristã exige rever “especialmente tudo o que diz respeito à ordem social e a consecução do bem comum (EAm 27)” (cf. EG 182).

A respeito da necessária tensão entre fé e vida, destaca o texto:

Por conseguinte, ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos. Quem ousaria encerrar num templo e silenciar a mensagem de São Francisco de Assis e da Beata Teresa de Calcutá? Eles não o poderiam aceitar. Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela (EG 183).

De acordo com a *Evangelii Gaudium*, amamos este esplendoroso planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e

fragilidades. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos. Cita Francisco, “embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política”, a Igreja “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça (*DCE 28*)” (cf. *EG 183*).

Todos os cristãos são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor. O pensamento social da Igreja nos orienta a uma ação transformadora e, neste sentido, não deixa de ser um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo (cf. *EG 183*).

#### **4.2.2 A inclusão social e opção preferencial dos pobres**

Segundo a Exortação, deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade, os crucificados do tempo presente. Inseridos nas mais variadas realidades de dor e sofrimento, os cristãos são chamados a ser um instrumento de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que possam integrar-se na sociedade. Isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir os seus clamores e socorrê-los (cf. *EG 186*).

Retomando a Palavra de Deus, Francisco nos diz:

Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres: “Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de os libertar (...). E agora, vai; Eu te envio...” (Ex 3,7-8.10). [...] Os filhos de Israel clamaram... E o Senhor enviou-lhes o Salvador (Jz 3,15) [...] (*EG 187*).

As Escrituras, como vimos, de acordo com o Papa, nos atestam que Deus sempre ouve o clamor de seu povo, dessa forma, nós também não podemos ficar surdos ao clamor dos mais pequeninos e oprimidos, quando somos nós os instrumentos de Deus para ouvi-los. Não estar de ouvidos abertos, nos coloca fora da vontade do Pai e do seu projeto, porque esse excluído “clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo se tornaria para ti um pecado” (Dt 15, 9). A falta de solidariedade, de compaixão, e até mesmo as injustiças que praticamos contra os sofredores, os que estão à margem da sociedade, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus. O Pai ouve o clamor dos que não recebem os bens “por falta de partilha” e

dos que não recebem seus merecidos salários dos “ceifeiros” (cf. 1Jo 3,17, Tg 5, 4) (cf. *EG* 187).

A Igreja reconheceu que a exigência de ouvir este clamor deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, pelo que não se trata de uma missão reservada apenas a alguns. Retomando o magistério, Francisco diz que “a Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças”. Nesta linha, segundo ele, compreendemos o pedido de Jesus aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37), que envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade, para com as misérias muito concretas que encontramos (cf. *EG* 188).

Falando a respeito da solidariedade para com os pobres e oprimidos, exortamos Francisco:

Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra “solidariedade” significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade de que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns (*EG* 188).

Nestes termos, destaca o texto, a solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens, justifica-se para cuidar deles e aumentá-los, de modo que sirvam melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde. Para Francisco, estas convicções e práticas de solidariedade, quando se fazem carne, abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Destaca: “uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes” (*EG* 189).

#### **4.2.3. Distribuição de renda e bem comum**

De acordo com a *Evangelii Gaudium*, em uma sociedade marcada profundamente pela autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira,

se faz extremamente necessário renunciar a tudo isso e rever urgentemente as causas estruturais da pobreza, que não pode mais esperar enquanto muitas pessoas vão sendo “descartadas” e colocadas à margem social, política e econômica, inflacionando as desigualdades. Destaca Francisco, a desigualdade provocada por essa forma de pensamento “é a raiz dos males sociais” (EG 202).

De maneira profética e contundente, denuncia Bispo de Roma:

A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política econômica, mas às vezes parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral. Quantas palavras se tornaram molestas para este sistema! Molesta que se fale de ética, molesta que se fale de solidariedade mundial, molesta que se fale de distribuição dos bens, molesta que se fale de defender os postos de trabalho, molesta que se fale de um Deus que exige um compromisso em prol da justiça. Outras vezes acontece que estas palavras se tornam objeto de uma manipulação oportunista que as desonra. A cômoda indiferença diante destas questões esvazia a nossa vida e as nossas palavras de todo o significado (EG 203).

A vocação de um empresário, em consonância com o texto, se enobrece à medida que se deixa interpelar por um sentido mais amplo da vida, quando se permite servir verdadeiramente o bem comum, com o seu esforço por multiplicar e tornar os bens deste mundo mais acessíveis a todos. Para Francisco, “não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado”. Para ele, todo desenvolvimento igualitário, exige mais do que crescimento econômico e financeiro, exige “decisões, programas, mecanismos e processos especiais orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo...”. “A economia não pode reduzir o mercado de trabalho ao lucro e criar sempre novos excluídos” (EG 204).

Faz-se necessário, de acordo com a sua maneira de pensar, que a política redescubra aquilo que lhe é próprio, o cuidado do bem comum; que os políticos sejam capazes de entrar num profundo diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo; que a caridade seja o princípio não só das microrrelações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também, das macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos e políticos (CV 2) (cf. EG 205).

Para Francisco, apenas a partir de uma abertura à transcendência seria possível formar uma nova mentalidade política e econômica, que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social. Em sua reflexão, a economia, como indica o próprio nome, deveria ser a arte de alcançar uma adequada administração da casa comum, que é o mundo inteiro, de maneira que se respeite a soberania das nações, a importância das culturas, a interação de todos na resolução e no cuidado do que é de toda humanidade (cf. *EG* 206).

Como Igreja, somos chamados a superar o comodismo e a partir da criatividade e da cooperação buscar formas eficazes para que os pobres tenham vida plena e dignidade, se sintam incluídos, para que não corramos o risco de ficar apenas em discursos vazios, reuniões infecundas, submersos em um profundo “mundanismo espiritual”. Como comunidade de batizados, somos convidados a superar a escravidão de uma mentalidade individualista, indiferente e egoísta, e passar para um estilo de vida e de pensamento mais humano, mais nobre, mais fecundo, que dignifique nossa passagem por esta terra e nossos relacionamentos humanos, especialmente com os mais pobres e mais humildes (cf. *EG* 207, 208).

#### **4.2.4. Diálogo social e construção da paz**

Quando pensamos a evangelização de acordo com os critérios apresentados por Francisco, devemos ter em consideração que ela implica também num caminho de diálogo, de cooperação, de partilha de experiências, especialmente quando se pensa na construção de um caminho de paz e amor entre as pessoas e as nações. Sobretudo, no momento em que estamos vivendo, frisa o Papa, existem três grandes campos de diálogo que a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: “o diálogo com os Estados, com a sociedade, que inclui o diálogo com as culturas e as ciências, e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica” (*EG* 238).

No desejo de trocar experiências, se enriquecer mutuamente, a nova evangelização, partindo da comunidade dos batizados, expressão da paz que é o próprio Cristo, todo cristão é chamado a ser instrumento de pacificação e testemunha credível de uma vida reconciliada. A partir de sua análise, Francisco, nos diz que “é hora de saber como projetar, em uma cultura que privilegia o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem a separar da

preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões” (EG 239).

Refletindo sobre os passos desse processo, reforça a Exortação:

O autor principal, o sujeito histórico desse processo, é o povo e a sua cultura, não uma classe, uma fração, um grupo, uma elite. Não precisamos de um projeto de poucos para poucos, ou de uma minoria esclarecida ou testemunhal que se aproprie de um sentimento coletivo. Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural (EG 239).

Uma vez que o cuidado e a promoção do bem comum da sociedade são incumbências do Estado, a Igreja, ainda que não tenha soluções para todas as questões específicas, é chamada a dialogar com este e com as várias forças sociais, no sentido e no desejo de acompanhar as propostas que melhor correspondam à dignidade da pessoa humana e do bem de todos. Para Francisco, ao buscar essa sintonia e essa presença efetiva junto à sociedade “a Igreja propõe sempre com clareza os valores fundamentais da existência humana, para transmitir convicções que possam depois traduzir-se em ações políticas” (EG 241).

No tocante ao diálogo entre a fé, a razão e as ciências, o Papa nos recorda que esse caminho também faz parte da ação evangelizadora que favorece a paz. Para ele, ainda que haja o cientificismo e positivismo, que não admitem outras formas de conhecimento distintas daquilo que elas compreendem, a Igreja deve sempre propor um caminho, que exija uma síntese responsável entre suas metodologias empíricas e outros saberes, no desejo de elevar o humano até o mistério que transcende a natureza e a inteligência humana (EG 242, 243).

De acordo com a *Evangelii Gaudium*, do diálogo com a sociedade, com a razão e as ciências, a Igreja é chamada ainda a ser um sinal de Deus na vivência de sua fé, em comunhão e partilha com os demais cristãos e as demais expressões religiosas, presentes em nosso tempo. No desejo de construirmos a paz, de recordamos que em Cristo “todos somos um” (Jo 17,21), todos somos peregrinos, assistidos pelo mesmo Espírito, e que a evangelização é a missão comum de todos, somos convidados a nos colocar em um mesmo caminho, a nos enriquecermos mutuamente, a aprender uns dos outros, “abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto único de Deus” (EG 244-246).

No encontro com o Judaísmo (EG 247-249), no diálogo inter-religioso (EG 250-254), no diálogo social num contexto de liberdade religiosa (EG 255-256), para Francisco, em todos estes espaços, somos convidados a reconhecer que somos preciosos aliados no compromisso pela defesa da dignidade humana, na construção de uma convivência pacífica entre todos os povos e na guarda da criação, conclui: “Um espaço peculiar é o dos chamados novos *Areópagos*, como o ‘Átrio dos Gentios’, onde ‘crentes e não crentes podem dialogar sobre os temas fundamentais da ética, da arte e da ciência, bem como a busca da transcendência’. Também este é um caminho de paz para o nosso mundo ferido” (EG 257).

Mergulhados profundamente na vida, solidários com os crucificados do tempo presente, seja como for, todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e nos dá sentido (EG 121).

Depois de termos exposto, ao longo deste capítulo, a reflexão de Francisco relativa às implicações pastorais para uma Igreja “em saída”, vamos agora tecer algumas considerações de cunho analítico, sobretudo, apoiados em autores que repercutem as proposições da *Evangelii Gaudium*. Eles nos guiarão no aprofundamento das premissas destacadas pelo Papa, bem como suas ressonâncias no ser e no agir da Igreja.

#### 4.3. CONSIDERAÇÕES EM TORNO ÀS IMPLICAÇÕES PASTORAIS PARA UMA IGREJA “EM SAÍDA”

A abordagem de nosso trabalho neste momento está organizada em dois momentos. No primeiro, ressaltaremos a concepção da missão enquanto evangelização integral, dado que tem estreita relação com o projeto do Reino, a ser edificado no seio das culturas, o que implica o respeito à religiosidade popular e aos desafios do contexto em causa, especialmente, na fidelidade à opção pelos pobres. No segundo momento, colocaremos em evidência, na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*, a missão como evangelização integral, os laços intrínsecos entre evangelização e promoção humana, que o Papa Francisco frisa como compromisso com a justiça e a paz, que passam por uma transformação social, em todos os âmbitos da vida, e por fim, os deslocamentos necessários para uma Igreja “em saída”.

### 4.3.1. A missão enquanto evangelização integral

Ao iniciarmos nossas considerações sobre as implicações pastorais para uma Igreja “em saída” segundo a *Evangelii Gaudium*, de modo especial no que tange à concepção de evangelização, destacamos todo o esforço do Papa Francisco em aproximar uma vez mais e de modo muito contundente, o nosso relacionamento com Deus, com o próximo e com a realidade que ao mesmo tempo nos cerca. Em consonância com o pensamento de Brighenti, o Bispo de Roma nos desafia hoje na mesma direção, que já apontava nosso teólogo, a buscarmos como Igreja novas respostas às novas perguntas que se descortinam a todo tempo e lugar (cf. BRIGHENTI, 2004, p. 9ss).

De maneira muito sabia e profunda, Francisco, para falar de evangelização, retoma a categoria “Reino de Deus”, tão importante para a vivência cristã, mas que historicamente vinha sendo esquecida por expressões reacionárias, que veem no cristianismo uma experiência mais vertical, do que propriamente conectada com a vida e os seus dramas. Em tempos de grandes transformações nos mais variados setores de nossa sociedade, nosso relacionamento com Deus não pode ser apenas pessoal, intimista, a partir de um conjunto de posturas, gestos e atitudes, como insistia o próprio Cristo, antes de tudo, somos convidados a “buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (cf. Mt 6,33) (EG 176).

Embasando-se nas palavras de Cristo, que diz: “devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que eu fui enviado” (Lc 4,33), Francisco pensa a missão da Igreja a partir da missão do Senhor. A proposta é então, anunciar o Reino de Deus e o seu amor presente em toda a humanidade. À medida que Deus conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Nesta perspectiva, “tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais” (EG 180).

#### 4.3.1.1. A missão em vista do Reino

Uma Igreja “em saída”, profundamente missionária, será capaz de tornar presente o Reino de Deus no mundo, por meio da atitude de uma Igreja “samaritana” e uma Igreja profética. Samaritana no sentido de “curar as feridas de seu povo”, sejam eles os próximos, os afastados, os esquecidos nas mais variadas “periferias

existenciais”. Por este cuidado, a Igreja não deverá ter medo de se envolver e irá se esforçar para realizar a “revolução da ternura” que o Papa Francisco tanto nos pede. Para os pesquisadores, a Igreja Profética será atenta aos “sinais de cada tempo”, e por este motivo “se pronunciará contra toda a espécie de injustiça, perseguição, sofrimento que a pessoa humana enfrenta à luz do Evangelho de Jesus Cristo. E assim como seu Mestre não temerá em anunciar e a denunciar” (SILVA; BRIGHENTI, 2015, p. 5-22).

Tendo o Reino como referência de toda a missão evangelizadora, o Concílio Vaticano II nos aponta: “que a Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de desprendimento”, recebe a missão de anunciar e instaurar em todos os povos e nações o “Reino de Cristo e de Deus”, sendo “ela própria na terra o germe e o início deste Reino” (cf. *LG 5*).

A proposta do Reino de Deus nos faz pensar sobre o desenvolvimento integral do ser humano, em todas as suas dimensões e necessidades. Como ressonância de toda abertura e desejo, de aproximar a evangelização da vida concreta das pessoas. Recorda-nos Paulo VI, que “a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social dos homens” (cf. *EN 29*).

O Reino de Deus deve chegar a todos os lugares e pessoas, ele não possui limites, barreiras ou fronteiras. A partir de seu aspecto inclusivo, reflete João Paulo II: “O Reino diz respeito a todos: às pessoas, à sociedade, ao mundo inteiro. Trabalhar para o Reino significa reconhecer e favorecer o dinamismo divino, que está presente na história humana e a transforma”. Fazer emergir o Reino de Deus é, no fundo, trabalhar para a libertação de todos os males que ferem a dignidade humana, que roubam seus direitos, sua condição mínima de vida. “O Reino de Deus é a manifestação e a atuação de seu desígnio de salvação, em toda a sua plenitude” (*RM 15*).

Refletindo sobre o problema do sofrimento humano e das estruturas de pecado que o alimentam, para Castillo, o que está no centro do Reino de Deus e na necessidade de torná-lo presente é a vida, o empenho e a luta pela defesa da vida, a dignidade da vida, os direitos da vida humana. Tendo sempre presente que se trata de uma vida tão plena, que não terá limite algum, nem sequer o inevitável limite

da morte. O que quer dizer que a plenitude do Reino se realizará somente na vida sem limites que chamamos “eternidade” (CASTILLO, 2005, p. 775).

O mandato de Jesus atinge toda a Criação, tem um destino universal, todos são convidados a tomar parte no seu Reino. Sua proposta de caridade e amor alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Em convergência com o atual pensamento de Francisco, refletindo sobre a abrangência do Reino e suas exigências, destaca *Aparecida*: “Nada do humano pode lhe parecer estranho”. A Igreja não pode fugir do mundo, mas nele, é chamada a ser “sinal autêntico de verdade, bem e beleza na aventura humana” que “vem de Deus e clama por Deus” (*DAP* 380).

A Igreja está efetiva e concretamente ao serviço do Reino, serve-o primeiramente com um anúncio que chama à conversão cada pessoa e à toda sociedade, serve-o na vida de cada Igreja Particular, onde leva a todos a caridade e o amadurecimento da fé, serve-o difundindo os “valores evangélicos”, que são expressão deste mesmo Reino. A partir do seu testemunho e missão, a Igreja, “sacramento de salvação”, atua simultaneamente no caminho da humanidade rumo ao Reino escatológico e é sinal e promotora dos valores evangélicos entre os homens, como no compromisso pela paz e pela justiça, na educação, no cuidado dos doentes, na assistência aos mais pobres e pequenos (cf. *RM* 20, *GS* 39).

Discorrendo sobre a imagem de um Deus que é amor, proximidade e compaixão, Bento XVI nos faz pensar que a Terra é a nossa casa comum, onde vivemos e convivemos. Em sua reflexão, ainda que em muitos aspectos “a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política”, a Igreja, em suas comunidades, pastorais e movimentos, “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça”. Todos os batizados, leigos e consagrados, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor (*DCE* 239, 240).

Ainda que existam grupos dentro da Igreja, que desejam desconectar o evangelho da vida, para Francisco, a experiência de Deus não pode se reduzir a uma “intimidade secreta”, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem se preocupar com as pessoas, no que se refere à saúde, educação e segurança. Avalia: “iluminados pelo testemunho de Francisco de Assis e da Beata Teresa de Calcutá, não podemos silenciar o profundo desejo que há em nós de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois de nossa passagem por ela” (*EG* 183).

Para Leonardo Boff, antes mesmo de Jesus falar de si ou da Igreja, ele proclamou com todas as suas forças a proximidade do Reino de Deus, não um Reino alinhavado apenas a outra vida, ao céu, ao pós-morte. O Reino anunciado e inaugurado por Jesus significa a realização de uma esperança radical sempre presente na história humana: da superação de todas as maldades, da destruição das dores físicas, da perversidade moral do coração, da sofrida distância de Deus e do império da morte. Em suas palavras “Reino de Deus é a libertação total de todas essas mazelas e libertação total para tudo o que é reto, bom, honesto e divino. Reino de Deus significa uma revolução absoluta, a única que resgata o passado, plenifica o presente e realiza o futuro” (BOFF, 2006, p. 72).

Sendo o Reino de Deus uma realidade indispensável para a plena realização humana e de toda a realidade, a Igreja, enquanto instituição “histórica e intramundana”, está ao seu serviço, como um “sinal”, um “sacramento”. No intuito de cumprir sua missão de anunciadora e testemunha deste Reino, para Aguirre, a Igreja “deve servir de maneira lúcida e fiel ao mundo. Aproximar Deus e os homens é humanizar, enriquecer o horizonte da vida, ampliar o coração e abrir a inteligência”. Para o teólogo, a grande questão é fazer como testemunhas, é dizer, movidos por essa experiência profunda e pessoal em que se funda o amor ao Deus único e o amor aos homens concretos, e se descobre a causa do homem como a afirmação histórica do Deus Pai de Jesus (cf. AGUIRRE, 1992, p. 445).

Ainda que a Igreja seja sinal do Reino, ela não pode incorrer no risco de eclipsá-lo, reduzi-lo, controlá-lo, guardá-lo para si como única depositária de suas promessas e propostas. Nessa dimensão, para Brighenti, o espaço estritamente religioso ou intra-ecclesial não esgota a missão da Igreja, “sinal” e instrumento do Reino de Deus no coração da história. “Deus quer salvar a todos, e a Igreja, como mediação privilegiada, precisa ser a Igreja de todos, mesmo daqueles que não são Igreja” (BRIGHENTI, 2006, p. 35).

A compreensão de que a evangelização passa necessariamente pela construção do Reino de Deus, aberto a todas as pessoas, a todas as culturas. Em sua abordagem, Francisco nos faz pensar que evangelizar é no mais profundo do seu ser reconhecer o outro na sua cultura, na sua experiência originária, evangelizar é se abrir ao novo, à vida. Afirma: “não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (EG 117).

Na perspectiva de abertura ao outro e a novas realidades, Paulo VI nos recorda que, sob o impulso do Espírito Santo, a fé cristã abriu-se de maneira muito significativa e decidida às nações pagãs, e o testemunho das comunidades cristãs estendeu-se aos centros mais importantes do Mediterrâneo oriental, para chegar depois a Roma e ao extremo do Ocidente. Frente ao novo que nos interpela, o Papa conciliar nos diz: “É o Espírito que impele a ir sempre mais além, não só em sentido geográfico, mas também ultrapassando barreiras étnicas e religiosas, até se chegar a uma missão verdadeiramente universal” (EN 25).

#### 4.3.1.2. A missão como inculturação e redescoberta das culturas

Para Brighenti, abrir-se às culturas é abrir-se para a alteridade que rompe com a lógica da exclusão e com a tendência de ver em “cada diferente um herege ou um inimigo”. A riqueza cultural compartilhada e acolhida, pouco a pouco vai mostrando que “não existe a civilização de um lado e a barbárie de outro, mas muitas civilizações. Civilizações alicerçadas em projetos culturais distintos são diferentes, mas não excludentes”. A descoberta e valorização das culturas são também “a tomada de consciência da presença do outro, enquanto gratuidade, e da dimensão sabática da existência. O outro é horizonte de realização, de autoidentificação, autocompreensão e de sentido” (BRIGHENTI, 2004, p. 88).

Fazer do ser humano, do outro, caminho da Igreja e da evangelização, “implica superar os tradicionais paradigmas onto-teológico e hermenêutico, com base nos quais o ser humano é visto como se fosse simplesmente uma categoria universal, sem rosto e sem pátria, um ente habitado por fome de sentido”. Essa maneira de pensar não leva “a ação evangelizadora a aterrizar na concretude da história, a situá-la face às contradições do seu contexto” (BRIGHENTI, 2006, p. 36).

Nesta perspectiva, o Conselho Pontifício da Cultura, em seu Documento “Para uma Pastoral da Cultura”, nos recorda que hoje se sente vivamente a exigência da evangelização das culturas e da inculturação da mensagem da fé. Segundo o texto, uma e outra marcham no mesmo passo, num processo de mútuo intercâmbio que exige o exercício permanente de um rigoroso discernimento à luz do Evangelho, para identificar valores e contra valores presentes nas culturas, construir sobre os primeiros e lutar vigorosamente contra os segundos (cf. n. 5).

Contra uma corrente de pensamento até mesmo religioso, que sempre buscou fazer “tabula rasa” das culturas originárias e autóctones, não reconhecendo seu estatuto ontológico, suas expressões religiosas e manifestações locais, seu modo de viver, sua visão de mundo, Serrano enfatiza: “as culturas não são um terreno vazio, carente de autênticos valores e a Igreja deve consolidar e favorecer esses valores. Em todas elas podemos encontrar presentes ‘os germes do Verbo’ (GS 57)” (SERRANO, 2007, p. 23).

Não podemos esquecer que antes da chegada do missionário já havia ali a presença do Espírito. Inculturar-se é então, segundo Suess, assumir as expressões culturais de outro grupo social, a fim de comunicar o Evangelho. Em suas palavras: “a inculturação, enquanto inserção na cultura do outro, é um aprendizado sempre precário que procura reverter à prática histórica da evangelização colonial. Esta tentou integrar o evangelizado no universo cultural do evangelizador” (SUESS, 2015e, p. 453).

Partindo do mesmo princípio da encarnação, para Brighenti, evangelizar não consiste em simplesmente anunciar uma doutrina ou incorporar pessoas à Igreja, mas, antes de tudo, encarnar o Evangelho na diversidade das culturas. Em suas palavras: “precisamos passar de uma ideia de missão que apenas implanta a Igreja monocultural, que vê o outro apenas como receptor passivo, para uma compreensão missionária aonde o processo de evangelização parta da cultura e de seus respectivos sujeitos, proporcionando o surgimento de Igrejas novas”. A partir desta ótica, não é tanto o Evangelho que se incultura, mas os sujeitos da cultura que incorporam, a seu modo, o Evangelho (BRIGHENTI, 2004, p. 121).

Ao concebermos, então, o sujeito como alguém que possui uma identidade, um jeito próprio de ser e pensar, um contexto onde está inserido, podemos dizer que a missão evangelizadora da Igreja implica necessariamente um “diálogo intercultural, inter-religioso e, entre cristãos, intra-ecclesial, cujo resultado de uma missão como evangelização inculturada é o nascimento ou a consolidação de Igrejas culturalmente novas, inculturadoras do Evangelho, no horizonte de uma eclesiologia pluriforme” (BRIGHENTI, 2006, p. 38).

Nesta perspectiva, para o teólogo, quanto mais inculturada, quanto mais encarnada em cada cultura a Igreja estiver, tanto mais será universal e católica. E, ao contrário, quanto mais encarnada numa única cultura e presente desse modo nas demais culturas, tanto menos será católica e universal. Dadas as diferenças entre

povos e culturas, só há unidade se houver acolhida da diversidade. Em seu pensamento “quanto mais espaço para as diferenças, mais unida a Igreja será. Se a unidade não for unidade de diversidades, será apenas uniformidade e, a Igreja deixaria de ser católica” (BRIGHENTI, 2006, p. 40).

Para Suess, nenhuma cultura é perfeita ou pura. A “cultura perfeita” seria o fim da história. Por causa dessa relatividade histórica, a cultura de um povo nunca é normativa para outro povo. A cultura do evangelizador não pode reivindicar sua normatividade em face de outras culturas. “A inculturação é uma proposta de descolonização da missão e de fortalecimento das culturas pelo Evangelho” (SUESS, 2015e, p. 452).

Frente a tudo o que estamos refletindo acerca de uma evangelização inculturada e o desejo de valorizarmos as expressões locais da fé e da religiosidade, para Brighenti, “no interior do próprio cristianismo, pode haver diferentes versões do mesmo mistério, segundo as diferentes matrizes culturais, o que desqualifica toda pretensão de um cristianismo monocultural ou de uma teologia universalizante” (BRIGHENTI, 2001, p. 13).

Nesse sentido, para Francisco, a “mensagem que anunciamos, sempre apresenta alguma roupagem cultural”, isso é natural à medida que cada missionário faz uma leitura do Evangelho, a partir de sua cultura e de sua história. Para o Bispo de Roma, o problema começa na Igreja “todas as vezes que caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador” (EG 117).

Quando o Evangelho se incultura, ele assume traços da cultura local e “o povo de Deus é o sujeito com seus gestos e sinais inumeráveis” (EG 129). Um belo exemplo da inculturação da fé por parte destes “sujeitos”, recorda Suess, é o que o Papa Francisco apresenta como “religiosidade popular” e a sua força evangelizadora no seio da Igreja. Segundo o pontífice: “as formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular [...], têm cara, têm rostos” (EG 90). Deve-se observar na diversificação dos serviços pastorais que, “cada povo é criador da sua cultura e protagonista da sua história. A cultura é algo dinâmico, que um povo recria constantemente” (EG 122) (cf. SUESS, 2015b, p. 106).

#### 4.3.1.3. A religiosidade popular como força missionária

Ao descrever o processo de evangelização das culturas e a inculturação da mensagem cristã, Francisco retoma em sua análise uma reflexão muito importante sobre a religiosidade popular, como exemplo de uma religiosidade que parte e leva em consideração à vida do povo e suas expressões, suas lutas, sofrimentos, alegrias e esperanças.

Frente então ao desejo de valorizar e reconhecer a vivência da fé dos mais simples, a fé daqueles que incorporam no seu cotidiano os valores cristãos e fazem uma releitura do Evangelho a partir de sua realidade e cultura, Francisco traz para si e para a Igreja de hoje, as palavras de Paulo VI, que nos dizia impulsionado pelo frescor conciliar, que a religiosidade popular é um aspecto da evangelização a que não se pode ficar indiferente (cf. *EN 48*).

Em sua compreensão, a religiosidade popular está onde a Igreja se encontra fisicamente ou não, e traduz expressões particulares até mesmo muito antigas, de uma busca constante de Deus e da fé. Encaradas muito tempo como menos puras, algumas vezes desprezadas, essas expressões, quando falamos em nova evangelização, constituem hoje de modo todo especial objeto de uma redescoberta, pois ainda que com suas limitações e ambiguidades, se bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, pode produzir ainda mais frutos e riquezas (*EN 48*).

Nesta mesma dimensão, Francisco, nos recorda que a sede de Deus se expressa também de modo muito especial na simplicidade da religiosidade popular. Nela, “pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura” (*EG 123*). Retomando o pensamento de Paulo VI, Francisco nos remete à *Evangelii Nuntiandi*, que segundo ele, “deu impulso decisivo” na direção “de uma redescoberta” dessa sede que “somente os pobres e os simples podem experimentar” (*EG 123, EN 48e*). Em consonância com o que está sendo discutido, o Papa latino recorda que *Aparecida* enfatiza as profundas riquezas “que o Espírito Santo explicita na piedade popular por sua iniciativa gratuita” (*EG 124*).

No Documento de Participação elaborado pelo CELAM, em vista da Conferência de *Aparecida*, constata-se que a religiosidade e a piedade popular expressam a beleza e o encanto da pluralidade cultural e das mais variadas formas de viver a fé em nosso continente como uma seiva que perpassa todo nosso ser Igreja. Elas demonstram uma profunda confiança na Providência divina, na ação do Espírito Santo, no amor de Cristo Crucificado, na presença maternal da Virgem

Maria e no socorro dos santos nas dificuldades. Também a devoção eucarística e a relação filial com o Santo Padre caracterizam a alma religiosa da América Latina e do Caribe. Essa religiosidade, fundamentada na fé e inserida na cultura popular espontânea, constitui uma base a partir da qual o homem latino-americano modela seu sentido de abertura para Deus. As novas iniciativas de evangelização devem partir dela, porque é ela que dá o fundamento da vida para a maioria dos latino-americanos e é terra aberta para a semente da Palavra de Deus (cf. n.142).

Ainda em sua reflexão, constatou que a religiosidade popular se expressa no profundo sentido de família que há em nossos povos, no sentido de hospitalidade, de solidariedade nas desgraças, e no sentido de justiça, assim como no respeito pela vida; valores que durante nossa história permanecem assentados em instituições legais e educativas. Esse profundo substrato também hoje aflora, embora nem sempre ligado à Igreja, na busca de um sentido radical da existência, que se manifesta com força em quase todos os espaços e ambientes (cf. 143-144).

Podemos constatar que, em muitas pessoas, há uma nova valorização da religião como um bem social importante, e que aumenta o despertar da busca religiosa, assim como a abertura a uma visão espiritual e transcendente da vida. Dessa forma, a religião, entendida como a forma por meio da qual o homem se relaciona com Deus nas circunstâncias históricas concretas de um povo, é apreciada e, por meio da ação evangelizadora da Igreja, pode se converter na fonte inspiradora de muitos âmbitos da cultura real e institucional de nossos povos latino-americanos.

Frente à religiosidade popular, tão importante para a vitalidade da fé, mas muitas vezes desprezada em suas expressões, à sede e ao desejo de Deus por parte de muitas pessoas que estão afastadas de nossas comunidades, Francisco nos lembra que a Igreja é um lar de “portas abertas e flores nas janelas”, que deve acolher a todos, venham de onde vierem, e a todos deve oferecer “uma mesa com pão e vinho”. É um lugar de misericórdia e de acolhida, “não um lugar de torturas nem uma alfândega que controla tudo”. É uma casa paterna, materna, onde há lugar para todos (EG 47).

A Igreja deve ser um espaço de abertura e de acolhida, segundo o Estudo 104 da CNBB, uma comunidade que pretende ser missionária, necessariamente deve ser uma comunidade acolhedora. O texto frisa, que ainda que frente a um grande número de pessoas que estão afastadas da vida comunitária, urge exercer melhor a acolhida e o diálogo, como proposta de um caminho e não imposição.

Destaca de maneira profética: “contradiz profundamente a dinâmica do Reino de Deus e de uma Igreja em estado permanente de missão, a existência de comunidades cristãs fechadas em torno de si mesmas, sem relacionamento com a sociedade em geral, com as culturas, com os demais irmãos que também creem em Jesus Cristo e com as outras religiões” (cf. n. 206).

As “portas abertas” indicam acolhimento aos que chegam de fora. Mas, a Igreja não deve esperar que cheguem de fora às suas portas; tem de sair para a rua, ir às periferias, às fronteiras geográficas e existenciais, ainda que com o risco de sofrer acidentes (cf. *EG* 20,46). Não é uma Igreja encerrada em si mesma, autorreferencial, preocupada somente com os seus escândalos ou os seus problemas clericais. Mas, uma Igreja que procura o que está perdido, que sai ao encontro do necessitado, que atravessa os caminhos empoeirados do mundo e escuta o clamor do povo, as suas dificuldades e anseios, como fazia Jesus de Nazaré ao percorrer os caminhos da Galileia ou da Judeia (cf. CODINA, 2015a).

Fazendo memória do recente Sínodo da Família, convocado para refletir sobre a vida de nossas famílias, sua vivência eclesial e experiência de fé, em meio aos desafios do tempo presente, Francisco, ainda que não tenha conseguido grandes avanços, em vista de um grupo de cardeais conservadores, continua afirmando que a Igreja, impulsionada pelo Espírito, deve permanecer no caminho da misericórdia e da hospitalidade. Ele impele a Igreja a ser cada vez mais uma casa com as “portas abertas”, “perto das pessoas”. Não é uma “alfândega”, onde os seus membros são controladores rígidos de graça, mas a “casa do pai”, onde há espaço para todo o homem e sua vida difícil (CENTOFANTI, 2015).

Tensionada entre os que desejam voltar para a “cristandade” e os que almejam uma Igreja “em saída”, “em permanente estado de missão”, a Igreja é chamada uma vez mais a estar nas encruzilhadas da história, dialogando com o mundo, com as ciências, com as culturas, com as religiões, sem medo, porque sabe que o Espírito de Deus enche o universo e é a causa de toda novidade. Isto faz com que a Igreja não tenha nostalgia do passado, mas que se abra ao futuro e aos “sinais dos tempos”, aos novos areópagos (*DAp* 362, *GS* 4, *EG* 20).

#### 4.3.1.4. A realidade como ponto de partida para a missão

Para Brighenti, todo esforço de Francisco está em alinhar novamente a Igreja com os desafios do mundo e da história, especialmente em construir uma Igreja que vá ao encontro das pessoas e das culturas. Em sua reflexão, este caminho é salutar, pois, historicamente, a salvação cristã ou a vida plena de Deus, estiveram mais dirigidas para a “meta-história” e a escatologia do que para a vida “intramundana”. Deste contexto, entre outros elementos, brota a crítica da racionalidade moderna à religião, como alienação ou projeção num deus, daquilo que é de responsabilidade do homem, o que faz do ateísmo mais negação do “teísmo” do que de Deus em si. Aproximando uma vez mais fé e vida, é preciso compreender que a Boa Nova do Evangelho é, “antes de tudo, vida em plenitude. A salvação, em sua dimensão histórica, é libertação de tudo o que agride a vida. Não basta acenar para um futuro melhor. Hoje, cada vez mais, busca-se fazer a experiência no presente daquilo que se espera na fé” (BRIGHENTI, 2001, p. 35).

Com uma frase lapidar, Francisco afirma: “a realidade é superior à ideia” (EG 233). À tensão bipolar entre a ideia e a realidade, para Suess, o Papa responde em favor da realidade. “É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma”. Por isso, há que postular o seguinte princípio: “A realidade é superior à ideia” (EG 231). Para Paulo: “é um imperativo contra qualquer tentativa de fazer do Evangelho uma ideologia que oculta a realidade, contra a tentativa de encobrir com o discurso do Evangelho práticas antievangélicas” (SUESS, 2015a, p. 252).

A *Gaudium et Spes* indica que o mundo é o “lugar teológico” dos discípulos que o Cristo convocou para “formarem a Igreja”. Confrontar-se com a realidade é reconhecer seus valores e identificar seus limites. Frisa o texto: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”. Nesta perspectiva a Igreja “sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS 1).

O discurso e as práticas do Papa Francisco assumem transversalmente esta teologia indutiva da *Gaudium et Spes*, convidando toda a Igreja a partir da vida concreta da humanidade. O Bispo de Roma nos estimula a “ler os sinais dos tempos na realidade atual” (EG 108) e interpretá-los como mensagens que Deus envia a partir do mundo secular à sua Igreja: “A própria Igreja não ignora o quanto tenha recebido da história e da evolução da humanidade” (GS 44).

O critério da realidade, de uma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se, é essencial à evangelização (cf. *EG* 233). A partir deste viés, na interpretação de Suess, a encarnação da realidade possui dois desdobramentos: conhecimento e ação: “Por um lado, a inculturação e a assunção dessa realidade; por outro, o discernimento necessário para ‘pôr em prática a Palavra’, para transformar essa realidade através de ‘obras de justiça e caridade’ (*EG* 233)” (SUESS, 2015a, p. 253).

A CNBB, refletindo sobre a participação da Igreja na sociedade e na vida política, em seu Estudo 2, nos diz que a “Igreja não pode ausentar-se dos esforços de uma comunidade empenhada em realizar um desenvolvimento mais orgânico e integral. Pelo contrário, para ser fiel ao Evangelho ela deve colocar-se sempre ao serviço da comunidade, por que está no mundo a serviço do Reino de Deus. O texto diz ainda: “O cristão precisa agir. Agir, não como quem possui, por ser cristão, a chave dos segredos dos processos sócio-econômico-políticos ou porque sabe tirar do Evangelho modelos infalíveis para transformar todas as situações, mas agir solidariamente com o esforço de todos os homens de boa vontade, empenhados na construção de um mundo mais humano” (cf. n. 30,31).

Retomando *Aparecida*, Brighenti enfatiza que discipulado e missão são duas faces de uma mesma moeda, tarefa essencial da evangelização, que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana e a autêntica libertação cristã (*DAP* 146). Por isso, a missão nos conduz ao “coração do mundo”. Ela não é intimismo ou individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo e, muito menos, “fuga da realidade” para um mundo “exclusivamente espiritual” (*DAP* 148) (BRIGHENTI, 2007, p. 21).

A Igreja deve proclamar e levar a cabo na história a salvação oferecida na pessoa de Jesus Cristo. Porém, como a mensagem de salvação se dirige ao ser humano que vive em sociedade, ela não deixa de ter uma repercussão no campo político, se entendemos político num sentido mais amplo, como o campo público das relações entre indivíduos e grupos na sociedade, abrangendo assim todos os setores da vida. Nesse sentido, tanto seria errado sonhar com uma atividade eclesial “pura” de todo contágio político, como igualmente pretender uma outra voltada diretamente para uma finalidade política (FRANÇA MIRANDA, 2007, p. 49).

A CNBB, em seu Documento 100, que versa sobre “a paróquia como uma comunidade de comunidades”, na perspectiva de uma maior atenção à realidade e à história, afirma que a “nova evangelização” passa necessariamente por priorizar a acolhida e a escuta do outro, para conhecer suas angústias e esperanças, seus dramas, enfrentamentos, sonhos e projetos. Frisa o texto: “essa dimensão intersubjetiva da pastoral não pode estacionar nos serviços individuais do atendimento religioso, mas deverá suscitar a participação, o envolvimento e o compromisso na comunidade e na sociedade” (cf. n. 263).

Paulo VI, refletindo sobre justiça e paz e o papel transformador da Igreja em meio à sociedade, convida a todos a analisarem, tomarem consciência, sobre o que cada um poderia fazer, no sentido de se responsabilizarem, agirem efetivamente, na transformação do mundo. A partir de um processo de conversão pessoal, mais do que simplesmente atirar sobre os outros a responsabilidade pelas injustiças, devemos pensar que sem nos darmos conta também temos parte nelas. Frente aos desafios que se descortinam, argumenta: “A esperança do cristão provém-lhe, antes de mais, do fato de ele saber que o Senhor está operando conosco no mundo, e que Ele continua no seu Corpo que é a Igreja - e, por esta, na humanidade inteira”. Conclui, enfatizando: “por detrás de uma aparência de indiferença, no coração de cada homem, há uma vontade de vida fraterna, uma sede de justiça e de paz, que importa simplesmente despertar” (cf. OA 48).

A solidariedade universal é para nós não só um fato e um benefício, mas também um dever. Compete a toda a Igreja, leigos e consagrados, a missão de transformar o mundo, imbuir no mundo, nas relações sociais, no universo do trabalho, das ciências e da tecnologia, decididamente os valores evangélicos, o projeto do Reino, a proposta de um mundo mais fraterno, mais humano, mais próximo (PP 17, 81).

Como vimos, ainda que a Igreja não tenha soluções técnicas e não pretenda adentrar na política dos Estados, ela tem uma missão a serviço da verdade para cumprir, em todo o tempo e em todas as realidades e dimensões, a favor de uma sociedade à medida do homem, da sua dignidade, da sua vocação. A caridade é a via mestra da Doutrina Social da Igreja, o amor é o maior de todos os mandamentos (Mt 22, 36-40), e a partir do exemplo de Jesus, que vai ao encontro do outro, da fraqueza, somos também convidados como Igreja a “ir”, a “sair”. (cf. CV 2, 9).

Para o Episcopado Latino-americano reunido em *Puebla*, a participação na vida política segue de acordo com o que estamos argumentando. Em linhas gerais, o texto nos diz que, tal participação corresponde em precisar os valores fundamentais de toda a comunidade, a concórdia interna e a segurança externa, conciliando a igualdade com a liberdade, a autoridade pública com a legítima autonomia e participação das pessoas e grupos, a soberania nacional com a convivência e solidariedade internacional. Define também os meios e a ética das relações sociais. Nesse sentido amplo, a política interessa à Igreja (cf. *DP* 521).

Como tem insistido Francisco, de modo particular em sua Carta Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado de nossa casa comum, tudo está intimamente relacionado. Não podemos pensar os desafios da evangelização, os problemas sociais, as questões climáticas, entre outras, de maneira isolada como se a vida e a nossa existência fossem fragmentadas. A dimensão humana, o desenvolvimento social, a discussão sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral interessam, de modo fundamental, à missão evangelizadora da Igreja (cf. *LS* 43, 93, 137, 189).

Em convergência com o atual pensamento de Francisco, Paulo VI já nos alertava sobre a profunda interligação e interdependência entre a evangelização e a promoção humana, o desenvolvimento e a libertação. Segundo o Papa conciliar, existem laços profundos: de natureza antropológica, pois o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de natureza teológica, porque não se pode dissociar o plano da criação com o da redenção, um e outro abrangem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça que a ser restaurada; laços de natureza evangélica, pois não há como promover o mandamento novo sem promover na justiça e na paz e o verdadeiro e autêntico progresso do homem. Em sua compreensão, é impossível aceitar que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, pelo que se refere à justiça e libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Exclama: “Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor ao próximo, que sofre ou se encontra em necessidade” (*EN* 31).

Uma Igreja “em saída”, missionária, nutrida pelo Senhor que vai à sua frente, que a precede no amor (1Jo 4,10), sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos

caminhos para convidar os excluídos, como tanto nos pede Francisco. Vive um desejo profundo de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e sua força difusora, como uma grande família formada por sujeitos, que não se limitam a viver uns ao lado dos outros (cf. *EG 24, EV 20*).

#### 4.3.1.5. A missão como opção preferencial pelos pobres

Ao nos debruçarmos sobre a realidade, a partir da dimensão sociocultural, percebemos a sua ambivalência e complexidade. As condições de vida de muitos pobres, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto de Deus e desafiam além de toda a humanidade, mas especialmente a Igreja, e a Igreja sonhada por Francisco. Neste sentido, advoga Suess, “a favor de um compromisso em favor da cultura e da vida”: “O Reino de vida nos faz defender a vida do Reino, que é incompatível com essas situações desumanas”. Enfatiza o teólogo: “se pretendermos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino” (SUESS, 2010, p. 92).

Para *Aparecida*, o Reino de vida “convida todos a suprimir as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens”. Nessa relação se entrelaçam as dimensões de salvação e libertação, de redenção e emancipação, as dimensões espirituais e materiais, as de transcendência e imanência, como na própria vida de Jesus. O Reino dos céus é Reino de vida; o Reino de Deus é Reino de vida para toda a humanidade. “Tanto a preocupação por desenvolver estruturas mais justas como por transmitir os valores sociais do Evangelho, situam-se neste contexto de serviço fraterno à vida digna”. A missão compromete a Igreja com “os reclamos da realidade e com as exigências de um mundo para todos” (cf. *DAP 285, 358, 491*).

Na compreensão de Velasco, quando buscamos enquanto Igreja estar presentes no mundo, na história, na realidade concreta da vida das pessoas e de seus desafios, não se trata apenas de uma atualização superficial, de simplesmente adaptar-se “a história que passa, à moda atual”, ou de “identificar-se acriticamente à realidade deste mundo”, mas citando como diria Bonhöffer, “de identificar-se com o Deus que, em Jesus Cristo, se identificou com a realidade deste mundo” (VELASCO, 1996, p. 322).

Também a Igreja tem de socorrer as emergências pessoais e sociais, salvar, curar, suturar, fechar feridas do sofrimento humano, salvar vidas ameaçadas de crianças, mulheres, indígenas, idosos, deficientes, sarar cicatrizes de pessoas que sofrem no seu corpo e no seu espírito. Indaga Codina: “Não era isto que Jesus fazia pelos caminhos da Palestina? Não curava doentes, inclusive ao sábado, dado que a pessoa está acima da lei? Não foi o que fez o bom samaritano?” (CODINA, 2015a).

O sonho de João XXIII ao começar o Concílio Vaticano II, a opção preferencial pelos pobres da Igreja latino-americana em *Medellín* e *Puebla*, a afirmação de Bento XVI de que “a opção pelos pobres” está implícita na nossa fé cristológica, as afirmações do Documento de *Aparecida* de que não se pode falar de Deus sem falar dos pobres (*DAP* 393), prolongam-se no desejo de Francisco de uma Igreja pobre e para os pobres (*EG* 197). Neste sentido, o Papa vindo do terceiro mundo, parece deixar de lado as discussões que o tema tem suscitado na Igreja nas últimas décadas, ao repetir: “ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (cf. GONZÁLEZ-QUEVEDO, 2015, p. 59).

A evangelização tem uma dimensão social: evangelizar é fazer presente o Reino de Deus (*EG* 176), começando pelos prediletos do Senhor, os pobres, hoje reduzidos a “seres descartáveis”, a multidões consideradas como “restos” (*EG* 195). A opção pelos pobres que estamos refletindo não é cultural, nem sociológica, nem política, como argumentam os defensores de alas mais conservadoras da Igreja. É antes de tudo, uma opção evangélica, bíblica e teológica. Os pobres, a sua piedade religiosa, são um verdadeiro “lugar teológico”, um “lugar” onde somos evangelizados (*EG* 198).

A Igreja não pode ficar à margem da luta pela justiça, por isso denuncia o atual sistema econômico injusto que discrimina e mata o povo pobre. A Igreja não pode permanecer impassível diante de tanta injustiça e sofrimento humano. Nessa dinâmica, para Leonardo Boff, todo labor teológico e evangelizador da Igreja procura dar uma resposta crítica à pergunta fundamental que angustia nossa consciência cristã e latino-americana: como ser cristãos num mundo de miseráveis? Só o podemos ser, autenticamente, vivendo nossa fé de forma libertadora (BOFF, 1978, p. 705).

Em consonância com Francisco, Suess nos recorda que, “inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma ‘forma especial de primado da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja’”

(EG 198). “Sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido” (EG 199) ou de ser confundido com uma ideologia (SUESS, 2015b, p. 140).

A Igreja, em sentido evangélico, pode ser definida como a “comunidade dos pobres”, ou seja, a comunidade de todos os homens que, conscientes da tendência que os alicia à riqueza, tratam de converter-se, pelo despojamento interior (Mt 5,3) e exterior (Lc 6,20) exigido pelo Cristo. Num mundo que se propõe como meta a abundância material, que está abandonado à concupiscência da riqueza e ameaçado por conflitos aterradores, a Igreja mais do que nunca deve dar testemunho desta pobreza, deve tornar-se a Igreja dos pobres, neste sentido, e “sacramento de salvação” (BIGO; ÁVILA, 1982, p. 149).

Nessa nova percepção, enraíza-se uma das mudanças mais profundas na maneira de ver a realidade da pobreza e, por conseguinte, nosso juízo sobre ela. Tal ampliação da compreensão do mundo dos pobres foi devida ao diálogo com teologias realizadas em âmbitos diferentes da América Latina. “Devemos Confessar” – escreve Gutiérrez, “que nesses contatos temos ganhado ao acrescentar nossa esperança e ao nos fazermos mais sensíveis ao sofrimento de grupos humanos geográfica e culturalmente distantes de nós” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 19).

Para Brighenti, o que nos permite situar-nos dentro do mundo e especialmente no mundo dos que são excluídos e dos que padecem, a história, permeada de injustiça e escravidão, é “antes de tudo ver a realidade”. Em suas palavras: “o que não permite ver não é tanto não querer ver, mas mais a perda do contato direto e real com o mundo dos excluídos”. Enfatiza o teólogo: “A distância nos imuniza na insensibilidade e da ‘dureza de coração’, transformando a crueza do real em realidade virtual” (BRIGHENTI, 2006, p. 35).

A partir dessa realidade e diante de posturas clericais de pastores encerrados nos seus escritórios e sacristias, alienados das pessoas e do povo, funcionários que procuram o carreirismo ou que estão sempre nos aeroportos, Francisco nos diz que é preciso aproximar-nos do povo, “tocar a carne de Cristo” nos pobres, superar todo o “clericalismo, mundanismo e patriarcalismo, reformar o próprio papado, recuperar as atitudes de Jesus bom pastor, que procura a ovelha perdida e a carrega sobre os seus ombros”. Há que “cheirar a ovelha” (EG 24), “a povo, a suor, a pó, a dor e angústia” (CODINA, 2015a).

Refletindo sobre a opção da Igreja aos mais empobrecidos, Libanio, destaca que a tarefa pendente conduz-nos a ir além da opção pelos pobres, para construir a Igreja dos pobres. Em sua concepção, “trata-se de pensar uma Igreja que está a nascer nas e das CEBs”. Frente ao desejo de uma Igreja dos pobres, há inúmeras ameaças vindas dos movimentos espiritualistas com propostas fáceis, emocionais, míticas, fundamentalistas, “esfriando-lhe o vigor libertador”. Por parte do sistema, pende-lhe o perigo da cooptação fácil com programas assistencialistas e politicagem barata. A perspectiva de uma “Igreja em saída”, libertadora, “dos pobres” está “antes como tarefa que como realidade” (LIBANIO, 2015, p. 349ss).

Para Moliner, falar do pobre como “lugar teológico”, implica também ver em cada um deles uma nova manifestação da cruz, e assim como esta, a pobreza, então, revela porque desinstala. Isto é, diante do sofrimento das vítimas, o ser humano reage com misericórdia: sai de si mesmo e se rebela para erradicar esse sofrimento. Por isso, em suas palavras, “para descobrir os pobres como lugar teológico, há de optar por eles e assumir sua causa” (MOLINER, 2011, p. 47).

A história da salvação é a história da libertação integral e completa da humanidade. As Escrituras nos narram a ação libertadora de Deus, atingindo seu ponto máximo em Jesus Cristo. Esta origem de fé é insubstituível na teologia (LIBANIO, 1983, p. 417). “O conhecimento de Deus tem sempre um lugar material e o lugar do conhecimento de Deus crucificado são as cruzes deste mundo” (SOBRINO, 1994, p. 319). Traímos a memória do Senhor se por ela ocultamos ou tornamos irrelevante a presença de relações injustas na comunidade dos fiéis, que celebram e assistem a Eucaristia (BOFF, 1983, p. 445).

Para Leonardo Boff, a opção pelos pobres contra a pobreza constitui marca registrada da teologia da libertação. Esta opção que muitas Igrejas cristãs fizeram em meados do século XX implicou mudança de lugar social. Isso significa que se começou a olhar os pobres a partir da situação social dos pobres e não dos ricos. Essa mudança de leitura trouxe grandes transformações (BOFF, 2006, p. 69).

No bojo das grandes mudanças e transformações, a história continua, contudo, o fenômeno da pobreza, como denuncia Francisco, “a economia da exclusão” (EG 53), a “globalização da indiferença” e a “cultura do bem-estar” (EG 54). Avançam intensificando e multiplicando o rosto dos pobres nos desafiando a um alargamento deste conceito. Para Brighenti, embora a teologia da libertação seja genuinamente latino-americana, não é uma teologia somente para o nosso

continente. Enfatiza: “Toda teologia é inevitavelmente contextualizada e a pobreza é uma realidade de todos, presente em todos os continentes, desafiadora da inteligência da fé cristã enquanto tal” (BRIGHENTI, 2004, p. 105).

Como podemos perceber, o fenômeno da pobreza e da exclusão social, entre outros fatos e realidades que se apresentam como desafio, para uma sociedade mais justa e fraterna, não deve ser interpretado apenas como algo que caracteriza uma determinada situação isolada. As estruturas que ameaçam a vida possuem raízes profundas e florescem no individualismo de corações fechados ao outro e às suas necessidades, compondo assim, um grande desafio à prática pastoral da Igreja. Na compreensão de Tavares, estes “sinais dos tempos” precisam ser confrontados à luz da fé, da Palavra e do Espírito, e como um autêntico “lugar teológico”, pedem a cada um de nós uma resposta generosa, comprometida e acima de tudo humanizadora (cf. TAVARES, 2007, p. 74).

Buscando mais fazer do que falar, para Waldecir, um exemplo concreto do carinho para com os pobres e de uma opção clara para com eles, Francisco demonstrou de maneira vivencial e concreta quando esteve no Brasil, por ocasião da JMJ Rio 2013. Na compreensão do teólogo, o gesto do pontífice em alargar seu programa, fazendo questão de visitar algumas das realidades mais pobres da cidade do Rio de Janeiro, sua forma simples e despojada de testemunhar sua fé, significou a aurora de um novo tempo na vida da Igreja, onde a pobreza deve ir além dos discursos e se encarnar na vida e nas atitudes cotidianas (GONZAGA, 2014, p. 75).

Uma Igreja missionária deve sempre se inquietar com a realidade dos pobres e das periferias do povo e ver em cada irmão a prolongação do “Verbo que se fez carne”, da pessoa de Jesus Cristo. A prioridade da missão é a “saída” em direção do outro com a força da mística da proximidade. A razão última da missão é a “glória de Deus e a salvação do mundo”. A Igreja missionária age por gratidão, por atração, por compaixão, nunca por obrigação. O amor é o motor da missão. Por fim, a missão é uma urgência inadiável, uma “quase impaciente urgência”. O missionário é uma “pessoa cântaro” que deve sempre dar de beber, saciar a sede, oferecer água viva, cuidar dos mais frágeis (BRANDES, 2015).

Refletindo sobre a ênfase dada à caridade e ao cuidado dos pobres na aurora do pontificado de Francisco, pondera Arturo: “Acredito que os primeiros efeitos de ter dado a preferência aos pobres por parte do Papa e ter conseguido expressar de muitos modos a sua preferência pelos últimos, é o fato dele ter posto uma vez mais

a Igreja nessa preferência, e ele não vai mais voltar atrás”, mesmo com as críticas e acusações que está recebendo. Frisa o autor: “a atenção atual da Igreja não é dada à verdade, mas sim à caridade, ao amor” (PAOLI, 2014).

Ao estabelecer um nexó profundo, não circunstancial, mas sim estrutural, entre evangelização, opção preferencial pelos pobres e exigências étnico-sociais, para Paulo Fernando, o Papa Francisco, em sua Exortação *Evangelii Gaudium*, supera muitas incompreensões do passado frente à Teologia Latino-americana e torna “universal o Ensino dos Bispos Latino-americanos que de *Medellín* a *Aparecida* constituíram um rico Magistério” (ANDRADE, 2014, p. 234).

Destacando a importância dada nesse momento à nossa tradição teológica latino-americana, por ocasião da recente visita de Francisco a alguns países de nosso continente, como a Bolívia, em uma entrevista Guzmán Carriquiri, entusiasmado por aquilo que é próprio de nossa caminhada eclesial e que agora ganha uma maior ênfase com o pontificado de um latino, frisa: “A Igreja deve concentrar-se no essencial do Evangelho: para ser uma missionária extrovertida, compassiva, sem exceção, com um amor especial pelos pobres. Uma Igreja cheia de ternura e misericórdia” (CARRIQUIRI, 2015).

Tendo presente a reflexão de Francisco no que tange às implicações pastorais para uma Igreja “em saída”, especialmente em relação à concepção de evangelização, com a reflexão e a análise de alguns comentadores, podemos destacar alguns avanços em sua análise. É nítida e salutar a ênfase colocada na proposta do Reino de Deus. Em alguns momentos da história, o Reino ficou em segundo plano, tendo mais visibilidade apenas a Igreja, o que é um erro, pois o Reino é que foi anunciado por Cristo e a Igreja tem apenas a função de torná-lo presente.

Destacamos como ponto relevante também o reconhecimento e a valorização dos povos e de suas expressões culturais no processo de evangelização, o Evangelho aprende das culturas e se incultura a elas incorporando seus valores e denunciando os seus contra valores. Fato marcante é igualmente resgatar a piedade popular, tantas vezes “marginalizada” e agora reconhecida como força evangelizadora. Cabe ainda mencionar a reaproximação da fé com a vida, da Igreja com a realidade e o mundo. Para Francisco, é impossível relegar a fé a uma dimensão apenas transcendental, a fé ao contrário nos leva em direção do mundo e das dimensões políticas, sociais e especialmente do desenvolvimento humano.

Como obstáculos a uma missão nesta perspectiva, estão: a mentalidade institucionalista dentro da Igreja, que relativiza a proposta de Reino de Deus e seus valores; a dificuldade de pensar na prática a inclusão dos pobres na vida da Igreja, inclusive nas instâncias de decisão que quase sempre são ocupadas pelos mais abastados; a falta de valorização das comunidades de base, uma vez que vemos ainda a construção de grandes catedrais e igrejas de massa, especialmente nos centros e não nas periferias; enfim, a débil consciência da natureza missionária da Igreja, uma vez que em muitos casos a missão está reduzida ao programático e não ao paradigmático.

Em síntese, podemos dizer que, com relação às implicações pastorais, de modo especial refletindo sobre a concepção de evangelização, Francisco vai de encontro aos seus principais desafios e desdobramentos, e busca, em comunhão com toda a Igreja, favorecer por suas palavras, atitudes e pastoreio a passagem de um modelo na qual a Igreja era compreendida como “senhora”, para um modelo de Igreja a serviço de todos, particularmente da valorização da vida e da pessoa humana.

#### **4.3.2. Os laços intrínsecos entre evangelização e promoção humana**

O grande desafio para uma estreita interação entre evangelização e humanização é a superação do individualismo presente em nossa sociedade, comumente visto também em nossos agentes de pastoral. Isso inviabiliza a valorização do outro como pessoa e protagonista de sua história, a construção de um caminho por meio do diálogo e da corresponsabilidade que leve a todos, pela força do amor, a se empenharem na defesa da vida, na luta por direitos humanos e, acima de tudo, para tornarmos a paz uma realidade concreta.

Frente a isso, Francisco nos aponta que o grande risco do mundo atual, com suas inúmeras possibilidades de produtos e consumo, é justamente a “tristeza individualista, que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada”. “Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, não se ouve a voz de Deus”. Em outra passagem, nos diz: “somente graças ao encontro com o amor de Deus [...] somos resgatados da nossa consciência

isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos” (EG 2, 8).

Em um mundo marcado pela desconfiança em relação ao outro, pela busca de realizações puramente pessoais, pelo esquecimento das grandes utopias e ideais, das causas e do bem comum; refletindo sobre o anúncio do Evangelho na atualidade e a promoção da vida que ele deve gerar, Abimar nos diz que, a finalidade de uma autêntica evangelização é construir um “universo simbólico” interpretativo da realidade, onde a pessoa humana seja capaz de “produzir uma visão entusiasta de si mesma, dos outros, do mundo, da história e de Deus” (MORAES, 2014, p. 43).

#### 4.3.2.1. A missão no encontro com o outro

A missão deve necessariamente nos levar ao outro, a redescobri-lo, a partir desta compreensão, insiste ainda o bispo de Roma: “sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos [...]. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar esse caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem”. Conclui: “fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG 87). “Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88).

Discorrendo sobre a questão da caridade e da verdade, aplicadas ao nosso contexto de desenvolvimento e ao mesmo tempo de grandes disparidades sociais, Bento XVI frisa que “o risco do nosso tempo é que a real interdependência dos homens e dos povos, não corresponda à interação ética das consciências e das inteligências, da qual possa resultar um desenvolvimento verdadeiramente humano. Só através da caridade, iluminada pela luz da razão e da fé torna possível alcançar objetivos de desenvolvimento dotados de uma valência mais humana e humanizadora”. Insiste o papa teólogo: “O tema do desenvolvimento coincide com o da inclusão relacional de todas as pessoas e de todos os povos, na única comunidade da família humana que se constrói na solidariedade, tendo por base os valores fundamentais da justiça e da paz” (CV 9, 54).

Leonardo Boff, refletindo sobre a “força da ternura” e a sua capacidade de transformar as relações humanas e sociais, nos diz que, “a cultura da paz começa

quando se cultiva a memória e o exemplo de figuras que representam o cuidado e a vivência da dimensão de generosidade que nos habita, como Gandhi, Dom Hélder Câmara e Martin Luther King”. Exorta-nos o teólogo da libertação: “importa fazermos as revoluções moleculares, aquelas que começam conosco. Cada um assume a paz como projeto pessoal e coletivo, a paz como método e como meta, a paz que resulta dos valores da cooperação, do cuidado, da com-paixão e da amorosidade de uns para com os outros” (BOFF, 2006, p. 82).

O grande impulso para construirmos a Igreja do sonho de Francisco, encontra-se de modo especial no Concílio Vaticano II. Já a partir deste grande evento a Igreja tornou-se mais comunitária e dialogante. Abriu-se a uma nova forma de ser no mundo, a uma transformação interior que é existente, mas também muito gratificante para os que querem realmente assumir e viver o seu “ser cristão”. Destaca Zanon “que essa transformação ainda esteja em curso e exige de nós uma participação ativa, todos nós somos Igreja, com nossas qualidades e defeitos, fraquezas e coragens, riquezas e mazelas, expectativas e esperanças” (ZANON, 2012, p. 81).

Construir novas relações, redescobrir as culturas, ser ponte, sinal de esperança e de vida, é, para Faus, justamente o papel que a Igreja é chamada a desempenhar em nossa sociedade marcada cada vez mais pela fragmentação das relações humanas. No bojo de suas atitudes e palavras, ela deve ser uma comunidade do encontro e da solidariedade, onde se vive uma atitude diferente frente à riqueza. Onde se ensaiem formas de organização e estruturas de participação capazes de abrir caminho a um tipo mais humano de sociedade, um espaço de comunhão. Em sua compreensão, se a Igreja se distancia dessa missão evangelizadora e ao mesmo tempo humanizadora, corre o risco de se “converter em um mero elemento decorativo como deseja reduzi-la nossa sociedade consumista” (FAUS, 2003, p. 9).

#### 4.3.2.2. O diálogo como caminho na luta pela justiça e a paz

O abrir-se ao outro “tem algo de artesanal” (EG 244). Nesta perspectiva para Lúcia, é esforço, é construção, mas esse é o único caminho do peregrino, pois todos peregrinam juntos. Afinal, o ser humano é intersubjetividade, constrói-se e realiza-se como pessoa nas relações, não apesar delas. Não é uma “consciência isolada”.

Destaca a autora: “na diferença dos povos, das religiões, nas Igrejas cristãs, a única forma de manifestar a unidade da humanidade é construindo caminhos, olhando no rosto a paz do único Deus e nos concentrando nas convicções que nos unem” (PEDROSA-PÁDUA, 2014, p. 143).

Saber dialogar, é próprio do humano, que aprende amadurecer com os outros e contribui para o amadurecimento das relações de todo gênero e para a construção da paz. A Exortação está em comunhão com aquilo que se vem refletindo enquanto Igreja, especialmente a partir do Vaticano II. Exalta três âmbitos do diálogo para uma verdadeira evangelização: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica (EG 238).

Para França Miranda, na mesma linha conciliar, o desejo da Igreja atualizar sua missão salvífica no mundo moderno significou uma ruptura corajosa e difícil com o passado, ao retomar o diálogo com a cultura e a sociedade. Foi necessária uma nova compreensão da própria Igreja, incidindo na liturgia, no ecumenismo, no diálogo inter-religioso, na ação missionária, nas figuras do bispo, do presbítero, dos religiosos, dos leigos, no labor educativo e no mundo das comunicações sociais. E ainda mais: um novo relacionamento com tudo aquilo que constitui a sociedade humana, como o mundo da família, da economia, da cultura, da política, da comunidade internacional (FRANÇA MIRANDA, 2007, p. 36).

Analisando o ecumenismo e seus desdobramentos no momento atual, Wolff acredita que “os ares de renovação com o pontificado do Papa Francisco”, em seus gestos e pronunciamentos, apontam para uma “re-recepção” convicta das proposições conciliares. Frente a expressões como: “cultura do encontro”, “diálogo”, “convivência”, “caminhar juntos”, “tolerância”, constata o autor que não são expressões soltas no ar, mas enraizadas em seu modo de ser e de se relacionar com as pessoas. Em suas palavras, “a pergunta que emerge é: conseguirá o Papa Francisco fazer com que o seu *modus essendi* de simplicidade, diálogo e parceria se torne estrutural na Igreja que hoje ele governa...?” (WOLFF, 2015, p. 243).

Para Teixeira, o que favorece na postura de Francisco acerca da busca de um diálogo ecumênico e inter-religioso, é sua presença de “pastor”, que fala muito mais forte que a presença de uma Papa “doutor”, que se fixa mais no encaminhamento doutrinário e disciplinar. Francisco, vem com “um novo aroma, uma nova fragrância

pastoral, aberta e atenta aos sinais dos tempos”, “abertura dialogal e respeito à diferença são traços vivos em sua dinâmica pastoral” (TEIXEIRA, 2015, p. 261).

Na perspectiva do diálogo e de uma Igreja “em saída”, Boff, em uma de suas entrevistas, falando a respeito da “primavera eclesial” trazida por Francisco, nos diz que neste momento “a Igreja é chamada a ser um lar espiritual”. Frente a posturas que defendiam a exclusividade da Igreja Católica como única herdeira de Cristo fora da qual se corria o risco da perdição, Francisco, o Bispo de Roma, “prefere o diálogo entre as igrejas em uma perspectiva de inclusão, também com as demais religiões no sentido de reforçar a paz mundial” (BOFF, 2013).

O pontificado de Francisco mostra-se sensível e aberto ao tema do diálogo nas suas várias expressões de realização. Ao seu respeito, diz o teólogo: “assumiu o espírito franciscano de Assis”, de acolhida, de respeito e amizade pelos outros, sejam religiosos ou não. “Colocou, sobretudo em destaque as qualidades do espírito humano que potenciam todos os indivíduos”, como a cortesia, a hospitalidade, a delicadeza, a alegria, a esperança, a compaixão, a misericórdia e a afirmação da vida. São essas qualidades essenciais que indicam, no cristianismo, a resposta positiva ao chamado do Deus sempre maior (Mt 25,31-46). O diálogo, tão incentivado por Francisco, coloca em ação esforços conjuntos em favor da defesa da vida e da dignidade humana, da afirmação de uma convivência harmoniosa entre os povos e da salvaguarda da Criação (TEIXEIRA, 2014, p. 71).

Para Francisco, é mediante a “cultura do encontro”, e da troca de dons, que se dá o avanço dos povos. Trata-se de “uma cultura na qual todo mundo tem algo bom com que contribuir, e todos podem receber algo bom em troca. O outro sempre tem algo que me dar quando sabemos nos aproximar dele com atitude aberta e disponível, sem preconceitos”. Insiste ainda o Bispo de Roma: “esta atitude eu defenderia como humildade social, que é a que favorece o diálogo. Só assim pode prosperar um bom entendimento entre as culturas e as religiões, a consideração de uma pelas outras sem opiniões prévias gratuitas e em clima de respeito dos direitos de cada uma”. Conclui: “Hoje, ou se aposta no diálogo e se aposta na cultura do encontro, ou todos perdemos, todos perdemos. Passa por aqui o caminho fecundo” (FRANCISCO, 2013, p. 83).

Na análise de Susin, os tempos são propícios para a comunhão: a proximidade que pode se tornar uma guerra a invocar a religião para se defender do outro, também é proximidade como ocasião para uma comunhão e uma paz de

fundo religioso que louva a Deus pela riqueza do outro, no reconhecimento da biodiversidade que se estende da ecologia natural à ecologia cultural e religiosa. Em sua compreensão, uma Igreja “serva” e “missionária” não pode pretender ter toda a catolicidade sob a mesma regra institucional. Para o autor, o futuro da missão da Igreja frente ao desejo de construir a paz e o diálogo fraterno, passa pela compreensão de que “sua glória é servir o precioso líquido e não querer contê-lo todo em si. Sua surpresa, boa novidade, é descobrir e saborear este precioso líquido servido também em taça alheia, sem rivalidade e com gratidão” (SUSIN, 2010, p. 39).

Para João Paulo II, a tarefa da Igreja é orientada num duplo sentido: por um lado, promover os denominados “valores do Reino”, como: a paz, a justiça, a liberdade, a fraternidade; por outro, favorecer o diálogo entre os povos, as culturas, as religiões, para que, num mútuo enriquecimento, ajudem o mundo a renovar-se e a caminhar cada vez mais na direção do Reino (RM 17).

O sonho de Francisco, a respeito de uma Igreja aberta ao diálogo ecumênico e inter-religioso, nos convida a refletir tais realidades não apenas como um gesto ocasional, como acontecimento excepcional, mas como uma atitude a ser vivida cotidianamente, onde cristãos se encontram e são convocados a viver a sua fé em Jesus Cristo (BERKENBROCK, 2014, p. 197).

Para Suess, o diálogo na perspectiva de Francisco passa pelo ecumenismo, pelo diálogo inter-religioso, mas tudo isso não esgota as suas possibilidades de encontro e comunhão. Em sua compreensão, o dialogar é estabelecer diálogo com o mundo como ele é, com suas esperanças e angústias, suas culturas e classes sociais. O diálogo, por ser intercultural, exige além de um grande esforço de inculturação, um conhecimento e acolhimento de múltiplas línguas, linguagens, expressões e acima de tudo das diferenças (SUESS, 2015a, p. 260).

Para Francisco, em todas as esferas do diálogo, deve-se observar que “um diálogo é muito mais do que a comunicação de uma verdade. Realiza-se pelo prazer de falar [...] entre aqueles que se amam” (EG 142). Em sua análise, Küng nos diz que precisamos muito mais do que uma única religião, mas valores que interliguem todas as pessoas (KÜNG, 1993, p. 8). Para Dom Paulo, grande profeta da Igreja de São Paulo, só existe uma saída para as convulsões de nosso tempo. É a atitude do diálogo, ou a cultura do diálogo, destinada a transformar-se em estilo de vida, daqui para frente (ARNS, 1971, p. 52), “um diálogo que favoreça a oração, a purificação da

memória, de conversão individual e coletiva, de superação das divergências históricas nas relações” (LIBANIO, 2015, p. 344).

Os Bispos do Brasil, no Documento que discursa sobre a “Evangelização e Missão Profética da Igreja”, refletindo sobre a questão da comunhão e do diálogo na construção de um mundo melhor, nos dizem: “faz-se a experiência de enfrentar juntos os desafios do cotidiano, de partilhar a luta para responder aos problemas, da família, da moradia, do desemprego, da saúde, do estudo, não alimentados pela revolta, mas pelo gosto de ir construindo, no meio de tantas dificuldades, um pedaço de mundo novo, um sinal visível do Reino, mesmo que pequeno e frágil como um embrião” (cf. p. 61).

#### 4.3.2.3. A comunhão como caminho de transformação

A esse respeito, podemos invocar novamente Dom Paulo: “Nada há que mais canse do que estar só, e trabalhar isoladamente. É bem por isso que a Humanidade toda está cansada. E é exatamente nesta hora, que somos chamados a acordar em nós e nos outros as melodias do amor. Daquele amor da noite de Natal, em que Cristo se encarnou. Daquele amor de todos os dias, em que nos encarnamos uns aos outros” (ARNS, 1971, p. 57).

Falando para a Vida Consagrada, de modo especial no Ano dedicado a ela, Francisco faz uma profunda motivação para irmos ao encontro do outro, adotarmos uma postura “de saída” em direção da vida e dos sofredores, “dar de nossa pobreza” (DP 368), Diz o texto: “Somos convidados a armar ágeis tendas nas encruzilhadas das veredas não batidas, a ficar no limiar, como o profeta Elias, que fez da geografia de periferia um recurso de revelação” (cf. PER 15).

Isso também é inspiração para uma Igreja “em saída”. O ser humano é também ser e saber-se limitado. Há de se ter consciência das limitações humanas e da primazia da graça de Deus. Essa consciência humaniza, gera co-humanidade e solidariedade. Porque, consciente de suas limitações, o ser humano é capaz de abrir mão de atitudes farisaicas de autodefesa e autojustificação, sempre rígidas e dispostas a julgar e acusar. É capaz de simplesmente ser humano com outros humanos, e aí está sua grandeza evangélica (PEDROSA-PÁDUA, 2015, p. 331).

Na consciência da limitação, é possível perceber-se relacional, dependente da graça libertadora que liberta para o serviço, para além das “estruturas que dão

falsa proteção”, das normas que nos fazem “juízes implacáveis”, dos “hábitos em que nos sentimos tranquilos”, mas que, na verdade, nos distanciam do núcleo evangélico do amor e da misericórdia diante de situações urgentes (EG 49).

De maneira especial, a Igreja é animada a nunca desistir da humanidade, a não temer as fragilidades, as misérias e corrupções, nem as aparentes imperfeições. Sobre tudo isso, está a Graça de Deus que nos chama à renovação, pacientemente, como luz forte e irradiante, esperança e amor. Esta humanidade, que não teme renovar-se é o ponto de partida para a renovação eclesial à qual o Papa Francisco tão veementemente exorta. Desejar esta humanização para todos já é o início do anúncio do Evangelho, vinho novo do amor, da alegria e da festa (PEDROSA-PÁDUA, 2015, p. 333).

Para Suess, “Francisco, o condor latino-americano, antes de voar para a Europa, abriu gaiolas e pediu aos aprisionados que saíssem e reaprendessem a voar, corajosamente. Depois voou para Roma, não para “depenar a águia envelhecida” ou afugentar os “morcegos do Vaticano”, mas para convidar as “pombas das praças romanas, as gaivotas de Lampedusa, os canários da terra de Anchieta, os sabiás do Brasil, os urubus dos lixões e os pardais das ruas do mundo inteiro” para ensaiar uma coreografia de voo livre. ‘Não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito’ (EG 280). Como dissemos: “liberdade na porta aberta para poder ser solidário na periferia” (SUESS, 2015d, p. 675).

O Papa resume sua eclesiologia com palavras simples: “vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha”. A Igreja de Francisco não é uma Igreja que espera o mundo adentrar em seu portal, mas uma Igreja que com fidelidade e coragem vai ao encontro do mundo e de suas periferias, de onde o próprio Papa veio. “Não é preciso levar a fronteira para casa, mas viver na fronteira e ser audazes” (FRANCISCO, 2013a, p. 19,34).

Para Passos, “o modelo explicitado por Francisco é da Igreja em saída”, preocupada em renovar a si mesma para exercer sua missão, uma Igreja fundamentada na renovação e no entusiasmo renovador do Evangelho que deve, por isso, ir ao mundo, servir até humilhar-se, se for necessário (cf. EG 24), “encarnar-se nas condições humanas, particularmente nas mais sofredoras, e dialogar com o mundo (cf. EG 238)” (PASSOS, 2015, p. 28).

O diálogo fecundo entre fé e razão não pode deixar de tornar mais eficaz a ação da caridade na sociedade e constitui o quadro mais apropriado para incentivar a colaboração fraterna entre crentes e não crentes, na perspectiva comum de trabalhar pela justiça e pela paz da humanidade. Todos somos chamados a fazer brilhar no mundo com a nossa própria vida a “Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou” (PF 6, CV 57, GS 12).

A missão, entendida como evangelização integral, direcionada para a promoção humana e a defesa da vida, nos desafia, como Igreja, a tornar presente o Reino de Deus, a lutar pela sua justiça, a defender a partir de nosso testemunho e profetismo os pobres e oprimidos que são os primeiros destinatários da Boa-Nova de Jesus. Deixando-se conduzir pelo Espírito, se interpelar pela sua Palavra, devemos descobrir o outro como caminho da Igreja, as culturas como uma riqueza, as demais igrejas e confissões religiosas como feixes de uma mesma luz, o diferente não como ameaça, mas como alguém que soma e acrescenta à nossa vida e história. Para nos colocarmos nesse caminho missionário, analisamos que é preciso renovar-nos constantemente, estar atentos aos “sinais dos tempos”, realizar algumas mudanças, alguns deslocamentos necessários para que o sonho do Papa Francisco, de uma Igreja “em saída”, possa se transformar cada vez mais uma realidade.

#### **4.3.3. Deslocamentos necessários para uma “Igreja em saída”**

A Igreja “em saída”, proposta por Francisco, tornou-se, sem sombra de dúvidas, um verdadeiro logotipo de sua compreensão missionária e acima de tudo uma das maiores marcas do seu pontificado. Essa formulação encerra uma crítica velada ao modelo anterior de Igreja que era uma Igreja “sem saída”, que perdera entre escândalos, posturas reacionárias entre outros elementos, o seu melhor capital: a moralidade e a credibilidade dos cristãos e do mundo secular, enfraquecendo assim, “sua capacidade de testemunhar o Evangelho e implantar o Reino de Deus” (FRANÇA MIRANDA, 2015, p. 185).

A proposta de uma Igreja “em saída” possui um significado mais profundo, tornado possível porque veio de um Papa fora dos quadros institucionais da “velha e cansada cristandade européia”. Este modelo eclesial, depois de tanto tempo acabou encerrando a Igreja dentro de uma compreensão e em uma linha de gestos e

atitudes, que a estava tornando praticamente irrelevante para o contexto atual. Refém de tradições fossilizadas e com uma formulação da mensagem que pouco dizia aos problemas dos cristãos e as interpelações do mundo moderno, a Igreja sentiu-se impedida de “despojar-se, de ser mais para o outro, uma vez que sua missão é fora de si” (RONCAGLILOLO, 2014, p. 362).

“De portas abertas”, a partir de uma nova compreensão missionária, a Igreja de Francisco, mesmo com as duras e pesadas críticas de movimentos contrários à renovação eclesial, tem compreendido cada vez mais que evangelizar é mais do que “arrebanhar fieis”, “construir grandes catedrais”, “fugir do mundo”, de suas questões, da humanidade, defender-se das críticas e “salvaguardar verdades absolutas”. Evangelizar na aurora de um novo pontificado, identificado com a Tradição Conciliar e Latino-americana é se colocar em atitude de “saída”, onde ao invés de ficar esperando, como se fôssemos o centro, vamos em “direção dos outros para chegar às periferias existenciais e humanas... (EG 46)” (COSTA, 2014, p. 158).

Para Kusma, a Igreja “em saída” deve despertar a necessidade de se ir a novos areópagos e desvendar o contexto onde estamos situados, com todas as suas variantes e interrogações que o tempo hodierno nos traz. “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Para o teólogo, essa frase repetida várias vezes pelo pontífice, consolida toda sua Exortação, e ao mesmo tempo revela que “é preciso sair”. Destaca: “sair é o que caracteriza a Igreja em sua essência, que a faz missionária” (KUSMA, 2014, p. 201).

Em convergência com essa linha de pensamento, para Dom Walmor, a expressão “Igreja em saída”, utilizada pelo Papa Francisco em sua Exortação, significa uma Igreja de “coração aberto” para acolher e, ao mesmo tempo, pronta para ir ao encontro, capaz de chegar lá onde a vida se encontra ainda mais ameaçada, nas periferias da existência. Diante dos processos e posturas que atravancam o florescimento de um novo modelo missionário, o teólogo faz referência à advertência poética de Fernando Pessoa: “Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma de nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos que nos levam aos mesmos lugares”. Destaca: “ora, continua ele dizendo, ‘é tempo de travessia, e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos’. Esse é o desafio!” (AZEVEDO, 2015).

Para Leonardo Boff, quando pensamos na proposta de uma Igreja “em saída”, necessariamente pensamos na ruptura com um modelo e um estado de coisas que não favorecem mais a evangelização, a promoção e a defesa da vida. Segundo ele, a palavra “ruptura” irrita os representantes do *establishment* eclesiástico. Mas, nem por isso deixa de ser verdadeira. E então, frente à necessidade de se descobrir novos caminhos, novas veredas, realizarmos essa passagem tão significativa e salutar e colocando as seguintes perguntas: “saída” de onde e para onde? Que deslocamentos são necessários para isso?

A partir de suas reflexões podemos destacar os seguintes deslocamentos necessários para construirmos uma Igreja “em saída”: saída de uma “Igreja-fortaleza” para uma “Igreja-hospital de campanha”; saída de uma “Igreja-instituição absolutista” para uma “Igreja-movimento”, aberta ao diálogo, ao outro; saída de uma “Igreja-hierarquia” para uma “Igreja-povo”, comunidade fraterna, de irmãos, de ministérios; saída de uma “Igreja-autoridade” para uma “Igreja-pastor”, com cheiro de ovelha; saída de uma “Igreja-Papa” para uma “Igreja-Bispo de Roma”, presidida pela caridade, que tenha a colegialidade como sua marca mais expressiva; saída de uma “Igreja-mestra” para uma “Igreja-encontro” com as periferias humanas e existenciais; saída de uma “Igreja-poder sagrado” para uma “Igreja-pobre”, simples, despojada, que vai ao encontro dos pobres e dos marginalizados; saída de uma “Igreja-equidistante” para uma “Igreja-profética”, que defenda a vida e os interesses da população; saída de uma “Igreja-automagnificadora” para uma “Igreja-da verdade sobre si”, que busca ser humana e ao mesmo tempo autocrítica; saída de uma “Igreja-da ordem” para uma “Igreja-revolução da ternura”, capaz de cuidar e agir com misericórdia; saída de uma “Igreja-show” para uma “Igreja-compromisso”, que se distancia do mercado religioso e se aproxima da justiça social e da libertação dos oprimidos; saída de uma “Igreja-obediência” para uma “Igreja-alegria” do Evangelho, cheia de esperança e de vida; saída de uma “Igreja-sem mundo” para uma “Igreja-com mundo”, sensível ao problema da ecologia e o futuro da Casa Comum, a mãe Terra (BOFF, 2015).

Estas e outras “saídas” mostram que a Igreja não se reduz apenas a uma missão religiosa, “acantonada” numa parte privada da realidade. Para Ortiz, ela possui, além disso, uma missão político-social no sentido maior desta palavra, como fonte de inspiração para as transformações e deslocamentos necessários que resgatem a humanidade para um tipo de “civilização do amor”, da “alegria”, do

“encontro” e da “compaixão”, que seja menos “individualista”, “isolada”, materialista, cínica e destituída de solidariedade (ORTIZ, 2015).

Esta Igreja “em saída” devolveu a alegria e esperança aos cristãos e reconquistou o sentimento de ser a Igreja “um lar espiritual”. Para Boff, “granjeou pela simplicidade, despojamento e acolhida no amor e na ternura, a estima de muitas pessoas de outras confissões religiosas ou de simples cidadãos do mundo e mesmo chefes de Estado, que admiram a figura e as práticas surpreendentes do Papa Francisco em favor da paz, do diálogo entre os povos e da renúncia a toda a violência e a guerra. Frisa o teólogo, “mais do que doutrinas e dogmas é a Tradição de Jesus, feita de amor incondicional, de misericórdia e de compaixão, que por ele se atualiza e revela sua inesgotável energia humanizadora. Pois, entre outras coisas, esta é a mensagem central de Jesus, aceitável por todas as pessoas de todos os quadrantes” (BOFF, 2015).

### **Considerações finais**

Fazendo até aqui um balanço da reflexão de Francisco no que diz respeito às implicações pastorais para uma Igreja “em saída”, de modo particular em relação à evangelização como humanização, levando em conta a reflexão dos autores aqui evocados, pode-se elencar os seguintes elementos mais significativos: o reconhecimento do outro como sujeito da ação evangelizadora e não apenas como ouvinte, uma vez que historicamente a missão foi em muitos aspectos apresentar conteúdos, que apenas eram recebidos e não confrontados; a apresentação de um Deus próximo, um Deus relacional; o acento na vivência comunitária da fé frente ao individualismo que isola e mata; a vivência do ministério petrino como um “pastor” que acolhe as ovelhas e não como um “doutor” que interroga e condena; a proposta de uma evangelização gratuita e não proselitista, que vê o não católico como uma alma a ser convertida; o convite a compreendermos que formamos uma família humana e que todos são chamados a dar a sua contribuição e não serem meros espectadores; a postulação do diálogo com a sociedade, com o mundo, com as demais confissões religiosas na busca comum da construção de um mundo de paz e de amor; enfim, a admissão de que somos frágeis e limitados, de que não possuímos a verdade, mas ela que nos possui.

Como principais obstáculos à efetivação das diretrizes pastorais apresentadas por Francisco, se destacam: a dificuldade de entendermos ainda que o outro é o caminho da Igreja; a indiferença em relação ao outro uma vez que ainda impera a ideia da salvação individual; a supervalorização em alguns seguimentos da Igreja da cultura europeia em detrimento das culturas locais; a mentalidade de que o administrativo, o burocrático, o estrutural está acima da missionariedade, do social e do humano; e ainda a não compreensão da proposta de que uma Igreja “em saída” é expressão primeira de nossa saída de nós mesmos em direção do outro, da vida e do mundo. Se criamos castelos para nos isolar, mais isolada ainda será a nossa Igreja, mesmo que isto lhe custe à vida e a sua dinamicidade.

Como podemos constatar, tendo presentes as implicações pastorais e todo processo de evangelização pensado como humanização, Francisco apresenta de modo muito contundente um caminho para construirmos uma Igreja missionária, “em saída”. Suas palavras soam como um convite, para que, a seu exemplo, possamos chegar ao coração das pessoas, mergulhar em suas vidas, em suas alegrias e tristezas, tal como fazia Jesus e pede que cada um de nós também possa fazer. Jesus, em sua postura despojada, em seus gestos e suas atitudes, nos mostra que em nossa atividade pastoral o mais significativo é revelar a nossa humanidade, fazer do nosso serviço um serviço de humanização, onde todos possam se sentir acolhidos, se sentirem em casa, sentirem a presença amorosa de Deus. E, acima de tudo, fazer descer às mãos e à vida, a fé que professamos com os lábios e com a mente, para que ela não seja reduzida ao um conceito ou ideia, mas, a uma atitude concreta e eficaz em nossa vida, com reflexo na vida do outro, no mundo.

## 5. CONCLUSÃO

Ao longo de todo este trabalho nos debruçamos sobre a proposta de uma transformação missionária de Igreja, de modo especial, a constituição de uma Igreja “em saída”, a partir da *Evangelii Gaudium*, destacando seu contexto, significado e implicações pastorais para a sua realização. Lançando um olhar mais profundo sobre a Exortação, tivemos a oportunidade de contemplar a realidade que nos cerca, nos abraça, nos desafia, no que diz respeito ao contexto sociocultural e religioso-ecclesial no qual estamos inseridos.

Uma vez compreendido o nosso entorno, contemplamos o sonho de Francisco, de transformar tudo aquilo que compõe a Igreja - estilo, estruturas, pastorais, movimentos -, em realidades missionárias. Sua proposta é redescobrir a grandeza, a beleza e a alegria de evangelizar, em outras palavras, ir em direção ao outro e promover uma sociedade cada vez mais justa e solidária. Na sequência, nossa pesquisa, juntamente com Francisco, almejou buscar caminhos, perspectivas, oportunidades e, ao mesmo tempo, elencar algumas implicações para a realização desse novo jeito de ser Igreja, essa nova forma de evangelizar, pautada agora decididamente pela missionariedade, no encontro, na saída, rumo às “periferias existenciais”, às fronteiras, às “Galileias” do tempo presente.

A perplexidade e a crise em que a Igreja e a sociedade se encontram, enquanto contexto e realidade, para muitos pessimistas representam um “beco sem saída”, o “fim da história”, propiciando a partir dessa forma de pensar posturas reacionárias, um desejo anacrônico de buscar no passado antigas seguranças e se agarrar a elas, respostas essas, que para os moldes atuais estão superadas. Diante do novo, mais do que negá-lo ou combatê-lo como Igreja e sociedade, ainda que perplexos frente a profundas e vertiginosas mudanças, devemos considerar esse momento como um tempo pascal, um tempo para voltar às fontes, para descobrir inauditos caminhos diante da encruzilhada histórica que estamos passando, o que exige de nós sermos criativos, corajosos e “audaciosos” (cf. *EG* 47, 109).

O contexto sociocultural aponta para nós, que estamos vivendo um momento de crise e de grandes turbulências, na maneira de nos relacionarmos como irmãos, especialmente, pelo modelo econômico vigente e pela forma de compreendemos, compartilhamos e utilizamos as riquezas, os bens produzidos e os bens naturais. Levados pela modernidade, experimentamos grandes e significativos avanços em

praticamente todas as áreas do conhecimento, como na saúde, na tecnologia, nos meios de comunicação e transporte. A grande questão colocada a ela é de que suas conquistas não chegaram a boa parte da população, que, naturalmente, ficou à margem de um sistema de produção e consumo, que passou a ver no lucro a sua maior realização, criando grandes desigualdades sociais, divisões de classe, fomentando, como denuncia Francisco, a “cultura do descartável” (EG 53), e o pior ainda uma “globalização da indiferença” (EG 54).

Como uma instituição hierofânica, intra-mundana, intra-histórica, a Igreja sente também em suas fileiras, estruturas, pastorais e movimentos, os abalos e as influências de uma sociedade, que cada vez mais busca sua realização no consumo. Neste contexto, a tendência mais hegemônica é buscar Deus de maneira individualista e intimista, onde a mediação institucional rumo ao Sagrado é cada vez mais relativizada, as questões morais e éticas são entendidas e processadas de modo subjetivista de acordo com as necessidades e condições de cada pessoa. Enfraquece-se o compromisso comunitário, a busca e a defesa de ideias e projetos comuns, promovendo a rivalidade entre agentes de pastoral, o fortalecimento de posturas reacionárias e de espiritualidades desencarnadas da realidade, da vida e do outro. Desemboca-se assim, naquilo que o Papa denomina como “mundanismo espiritual”, que é mais porta de saída do que de entrada para o Sagrado, uma vez que é mais regido pelo mercado, do que propriamente pelo Evangelho, pelo bem comum (cf. EG 93).

A crise que se instalou com o advento da modernidade, em nossa sociedade, provocou mudanças significativas na vida da Igreja. E uma vez questionada sobre sua atuação e presença no mundo, ela precisou rever muitos de seus conceitos e posturas. O grande expoente desse processo de renovação e abertura foi o Concílio Vaticano II. Nele, a Igreja pode abrir suas portas e janelas para o mundo no intuito de receber novos ares do Espírito, que possibilitaram arejar os corredores e as salas, cobertos pelo “pó da Idade Média”, o “pó imperial”, provocando o “cheiro de mofo” por não contemplarem mais há muito tempo o sol que não conseguia perpassar as paredes opacas da fortaleza de uma “Igreja decadente”.

Grandes foram os passos dados rumo à renovação eclesial do Vaticano II. Com a proposta de colocar as tarefas e sua vivência como um todo na ordem do dia, o programa de “*aggiornamento*” proposto pelos padres conciliares em suas Constituições, Declarações e Decretos, levaram a Igreja a reconhecer a importância

dos avanços científicos, a autonomia das ciências, a natureza missionária da Igreja, o valor do outro e das culturas, a vocação dos leigos. Também a reconhecer a importância das pequenas comunidades, da emancipação do sujeito, da defesa das minorias, de uma fé ligada ao compromisso social, de uma opção preferencial pelos pobres e marginalizados. A valorização das Conferências Episcopais Nacionais e de cada continente deu legitimidade à Colegialidade Episcopal e maior autonomia às Igrejas Locais, que foram muito importantes no pós-concílio na realização e a efetivação de suas propostas a partir de cada contexto e realidade.

Infelizmente, o período de primavera eclesial passou rápido demais. Com a morte de Paulo VI, a Igreja se viu mergulhada novamente em um período profundo de inverno. A partir da reinstalação da centralização romana, os avanços foram freados e todo um projeto de colegialidade e valorização das Igrejas Locais e das Conferências Episcopais foi pouco a pouco sendo desautorizado. Ficamos, dessa forma, mais uma vez à mercê de Roma, em uma postura de autorreferencialidade, de defesa institucional, de uma reflexão teológica mais dogmática e moral, do que propriamente missionária e pastoral. Com isso, a Igreja foi distanciando-se uma vez mais da vida das pessoas e dos desafios comuns apresentados pelo mundo e pelas formas de desenvolvimento.

Naturalmente, a volta à “antiga disciplina” não poderia lançar raízes muito profundas e a proposta de uma Igreja “encastelada” assistiu a ruína de seu modelo eclesial com a renúncia de Bento XVI. Como vimos, sua renúncia foi mais do que um gesto pessoal, pontual. Foi entre outros fatores a derrocada de um “modelo arcaico”, que não respondia mais aos apelos do tempo presente.

O que se viu em torno a este modelo é que a renovação eclesial proposta pelo Vaticano II, um sopro do Espírito para os que sonhavam com uma Igreja mais humana, mais sal e luz, com o decorrer dos anos, o Concílio, mesmo não sendo aplicado inteiramente, começou a ser esquecido, deixado de lado. Pouco a pouco, foi sendo colocado na “gaveta”, pois aqueles que deveriam dar sequência à sua aplicação preferiram propagar verdades antigas. Preferiram, entre outros aspectos, doutrinas e dogmas que traziam a princípio mais segurança do que se aventurar no novo, sair-se de si, dialogar com o mundo e a história, ser efetivamente o “sacramento de Cristo” na história.

Com a eleição do Papa Francisco, o Concílio que estava parcialmente ofuscado, bem como as Conferências Episcopais, recobram novamente seu lugar na

Igreja. Temas, conceitos, ideias e pessoas que estavam esquecidos pelos seus predecessores, ganham novamente a possibilidade de contextualizar a Igreja com o mundo presente, colocar novamente a Igreja na perspectiva do diálogo, no reconhecimento das culturas, da alteridade, da autonomia das Igrejas.

Na aurora de seu pontificado, Francisco demonstrou claros sinais de uma retomada do projeto de renovação eclesial iniciado por João XXIII. Trazendo para si o nome de Francisco, como o Francisco de Assis, o Francisco de Roma, apresentou mais do que um nome, um projeto de vida, um programa que partiria de si, da sua experiência e que deveria chegar a todas as estruturas da Igreja. Uma atitude contrária à de muitos reacionários, que pensavam que a crise era um tempo de perigo, de suspeita, de se agarrar em falsas seguranças.

Francisco encarou a crise como um tempo de se deixar conduzir pelo Espírito Santo, há tanto tempo “subvalorizado” por aqueles que pretendiam possuir a verdade absoluta, em lugar de se deixarem possuir por ela. Para o Bispo de Roma, ela se transformou em um momento de purificação, de criatividade, de ousadia, de audácia, de deixar para trás as impurezas acumuladas ao longo do caminho, de redescobrir o essencial, repensar a identidade, construir pontes, criar redes, pensar mais longe e para além do “próprio umbigo”, das seguranças criadas e dos muros de separação levantados ao longo do tempo e que foram nos deixando na tristeza e no isolamento (cf. *EG* 1).

Oriundo de outra experiência eclesial, alimentada por toda a tradição teológica e pastoral da América Latina, Francisco coloca novamente a Igreja em sintonia com a história, no caminho do outro e fazendo do outro, de sua cultura, de seus desafios também o seu caminho. De acordo com o Pontífice, a Igreja em sua missão específica deve ser provedora do Reino, da Boa-nova de Jesus Cristo. Faz-nos o convite a voltar às fontes, daquilo que foi a missão do Nazareno que vai ao encontro dos outros, sem preconceitos, sem o desejo de enquadrá-los em um conjunto de doutrinas, que não geram vida e não os tiram de sua condição de explorados e marginalizados. Impele-nos a uma evangelização que se abra ao novo, que não tenha medo de desafios, que ouça os apelos de Deus naqueles que estão vivendo nas “periferias humanas” (cf. *EG* 46).

A partir desta nova compreensão, a realidade e o contexto nos quais estamos inseridos, passam a ser compreendidos como um “lugar teológico”. Francisco, convoca a Igreja a sair em direção do mundo, que é constitutivo da Igreja. A Igreja

está no mundo e não o mundo que está na Igreja. No trabalho pastoral, é impossível não ser influenciado pelo mundo e influenciá-lo. A missão da Igreja, inserida no mundo, é então, comunicar, como “sinal e instrumento”, a salvação que vem de Deus para todas as criaturas. Por isso, não há porque fugirmos do mundo. Todo desejo de fuga por parte do cristianismo em relação ao mundo, à realidade e ao contexto que estamos inseridos, como já denunciaram muitos filósofos, pode se tornar, no fundo, uma alienação, um ópio para o povo. O Papa nos faz recuperar o compasso da história, devolve à Igreja o seu papel de agente de transformação social, uma vez que, em muitos aspectos já se encontrava na superficialidade da vida humana e dos seus problemas (GS 45).

Impulsionada pelos documentos conciliares e de modo particular pelas reflexões advindas do episcopado latino-americano, do qual Francisco é oriundo, sua proposta de transformação da Igreja, seu sonho de construirmos uma Igreja “em saída”, deve ser marcada, como vimos, pelo encontro decisivo em direção à vida e com ela se comprometer. A nova forma de evangelizar passa pela vivência concreta dos novos desafios, pela luta cotidiana, pois é mediante o enfrentamento da realidade em que se vive, que vão surgindo novos horizontes, novas respostas criativas.

Parafraseando Antonio Machado, o caminho para uma Igreja missionária, uma Igreja “em saída”, ainda não está pronto, não temos todas as respostas, mas é à medida que vamos caminhando que o caminho vai se fazendo, vai se construindo, vai se delineando. Frente ao cansaço de abrir novos caminhos e caminhos de missão, encoraja Francisco: “Não deixemos que nos roubem a esperança” (EG 86).

Evangelizar a partir do momento em que estamos vivendo, é tomar consciência de que nossas estruturas, nossos missionários, nossa maneira de se colocar no mundo, tudo o que somos e dizemos se converte em mensagem. Como fizemos ver ao longo de nosso trabalho, a vitalidade missionária da Igreja passa pela renovação das mediações. É preciso existir uma sintonia, uma comunhão, e, acima de tudo uma verdade, um testemunho, entre aquilo que pregamos e vivemos, para que a nossa práxis evangelizadora possa conduzir as pessoas ao mistério de Cristo. Isso é fundamental para que todos possam também nos comprometer com Ele, que está presente na comunidade, nos irmãos, especialmente nos mais pobres, como nos recorda Francisco, falando do que está implícito em nossa fé cristológica (cf. EG 198).

Uma vez que o mensageiro também é mensagem, uma nova forma de evangelizar, de viver a missionariedade, a Igreja, para ser sempre nova, precisa ser dinâmica. Necessita levar em conta a precariedade da história. Faz-se imprescindível à mensagem de sempre uma nova roupagem para expressar melhor seu conteúdo e atualizá-la de acordo com as novas circunstâncias. Sempre que há mudanças no contexto é preciso repensar a maneira de evangelizar. Um novo modelo não significa necessariamente trazer algo de novo, mas um modelo eficaz, que parta do essencial, que beba das fontes, mais do que novo precisa ser adequado. Para Francisco, “a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável” (EG 41).

Uma nova maneira de evangelizar e de vivermos a missão, especialmente pensada para o nosso contexto de América Latina, não pode trazer em si o retorno à cristandade e à neo-cristandade, a modelos eclesiais, que no fundo se baseiam em fundamentalismos e proselitismos camuflados. Evangelizar a partir desta compreensão é levar em consideração uma realidade plural, mudar a postura para uma postura de serviço e de diálogo. Devemos renunciar sempre à tentação de criar um mundo dentro do mundo, uma subcultura eclesiástica. Segundo o Papa, a Igreja não cresce a partir do proselitismo, mas por atração, pela capacidade de ser ponte, de re-ligar as pessoas a Deus, ao próximo, à vida (cf. EG 14).

De modo muito feliz, Francisco retomou de *Aparecida* a expressão e o desejo de uma “conversão pastoral” de nossas comunidades, capaz de superar uma “pastoral de conservação”. A partir de um caminho de renovação eclesial constante e inadiável, somos convidados a superar uma prática pastoral puramente sacramental, devocionista, secularista, providencialista e passar para uma prática pastoral evangelizadora, que conserve em sua essência os traços de nosso rosto latino-americano. Contra todo tipo de acusação ao Concílio, de ruptura e descontinuidade, devemos lutar, especialmente no momento eclesial que estamos vivendo, para não nos distanciarmos novamente de todo processo de abertura, de diálogo, de comunhão, dos ventos que sopram agora do Sul, da “periferia do mundo”, do continente “da esperança e do amor”.

Quão importante, tem sido a presença de Francisco em nossa Igreja e, de modo especial, no contexto que estamos vivendo, uma vez que seus gestos e atitudes nos conduzem constantemente para as fontes, que não são águas paradas,

mas dinamismo, entusiasmo e alegria. A transformação missionária, que ele deseja e pede de cada um de nós, implica um compromisso comunitário e social. A voz do Papa Francisco não poder ser apenas mais uma voz, que clama sozinha no deserto, sem eco, sem som e sem ressonâncias, quando é uma voz em direção daquilo que precisamos mudar e fazer diferente.

Sonhando o sonho de Francisco, de uma Igreja toda missionária, em “saída”, tivemos a oportunidade de, ao longo de nosso trabalho, compreender o contexto em que brota a sua necessidade e sua viabilização. Deparamo-nos com a exigência de devolver à Igreja aquilo que lhe é próprio, sua vocação e natureza missionária, visualizando algumas implicações pastorais, deslocamentos necessários, no que diz respeito à implantação deste novo jeito de ser da Igreja, uma Igreja missionária.

Naturalmente, nosso objetivo, a partir da hipótese levantada, de que o novo Papa oferece uma proposta capaz de contribuir para uma renovação eclesial, não foi esgotar a temática proposta para a pesquisa, mas oferecer a possibilidade de uma maior problematização acerca do assunto. Depois de realizar o percurso proposto, percebemos que ainda existem muitas lacunas, há ainda muito que se fazer para que tudo o que foi discutido possa se tornar um dia quem sabe uma realidade concreta na vida e no agir da Igreja.

Para que a Igreja de Francisco não seja apenas um ideal, ela precisa também ser nossa, para que possa, assim, começar a tornar-se realidade. Como resultado de todo esforço de nosso trabalho, quisemos elencar algumas tarefas, alguns desafios e perspectivas, caminhos, que juntos devemos trilhar para garantirmos o futuro da Igreja e a Igreja do futuro, sua vitalidade, dinamismo pastoral e, acima de tudo, sua capacidade de ser “sacramento de salvação”, luz para todas as gentes.

Concluindo nossa pesquisa, a partir de tudo o que foi discutido e pensado, sintetizamos, em alguns passos a serem dados, os elementos mais significativos, urgentes e cruciais para construirmos realmente uma Igreja “em saída”. A saber: superar, de uma vez por todas, o desejo de fuga do mundo e a visão negativa a respeito do corpo e da vida; passar de uma postura apologista para uma postura de serviço e diálogo com o mundo; sobrepor o modelo eclesial de cristandade, que não vê nada de bom fora do cristianismo; reconhecer cada vez mais a autonomia das ciências, a liberdade religiosa e as sementes do Verbo presentes nos povos e nas culturas; potencializar todo o esforço de renovação eclesial, no sentido da valorização dos ministérios leigos, especialmente das mulheres; voltar às fontes

bíblicas e patrísticas; converter-se de uma Igreja prestígio e poder a uma Igreja pobre e para os pobres; compreender que a salvação de Deus não se restringe somente à nossa Igreja e que, antes do trabalho missionário, o Espírito já se fazia presente nos povos e nações; despertar para o ecumenismo e para o diálogo inter-religioso, ampliando assim o horizonte da Revelação e da construção da paz por meio das religiões; desenvolver um modelo pastoral que supere a sacramentalização e invista mais na evangelização; aproximar fé e vida, salvação pessoal e comunitária; investir nas pequenas comunidades, como futuro da Igreja e não em uma Igreja de massa; superar o binômio clero-leigo e toda forma de clericalismo, pautando-se pelo binômio conciliar comunidade-ministérios; promover a autonomia das Igrejas Locais e reconhecer o magistério das Conferências Episcopais; apostar na colegialidade do episcopado; inculturar o Evangelho e a liturgia; partir da história e dos “sinais dos tempos”; fazer do ser humano o caminho da Igreja; apostar na missão como “encarnação do mundo”; enfim, colocar atividades, estruturas e pessoas em chave de uma Igreja “em saída”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO E DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

#### 1.1. Documentos conciliares

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

#### 1.2. Documentos do Magistério Pontifício

BENTO XVI. Carta Apostólica do Sumo Pontífice. **Porta Fidei**: sobre a proclamação do Ano da Fé. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: **Caritas in Veritate**: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: **Deus Caritas Est**: sobre o amor cristão. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Sumo Pontífice. **Sacramentum Caritatis**: sobre a Eucaristia fonte e ápice da Vida e da Missão da Igreja. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice: **Verbum Domini**: sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Perscrutai**: ano da Vida Consagrada – a caminho nos sinais de Deus (Documento 35). São Paulo: Paulinas, 2014.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. **Para uma Pastoral da Cultura** (Documento 169). São Paulo: Paulinas, 1999.

FRANCISCO. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: **Lumen Fidei**: sobre a Fé. São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: **Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice: **Evangelii Gaudium** – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÃO PAULO II. Carta Apostólica do Sumo Pontífice: **Novo Millennio Ineunte**: no termo do grande jubileu do ano 2000. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice. ***Evangelium Vitae***: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: ***Redemptor Hominis***: sobre o início do seu ministério pontifical. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1979.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: ***Redemptoris Missio***: sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: ***Fides et Ratio***: sobre as relações entre Fé e Razão. São Paulo: Paulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice: ***Christifideles Laici***: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1989.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice Pós-sinodal: ***Ecclesia in Africa***: sobre a Igreja em África e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice Pós-sinodal: ***Ecclesia in America***: sobre o encontro com Jesus Cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice Pós-sinodal: ***Ecclesia in Asia***: sobre Jesus Cristo Salvador e a sua missão de amor e serviço na Ásia – “Para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice Pós-sinodal: ***Ecclesia in Oceania***: sobre Jesus Cristo e os povos da Oceânia seguindo seu caminho proclamando a sua verdade e vivendo a sua vida. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.

PAULO VI. Carta Apostólica do Sumo Pontífice: ***Octogesima Adveniens***: ao senhor Cardeal Maurício Roy, Presidente do Conselho dos Leigos e da Pontifícia Comissão “Justiça e Paz” por ocasião do 80º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1971.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: ***Ecclesiam Suam***: sobre os caminhos da Igreja. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1964.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica do Sumo Pontífice: ***Populorum Progressio***: sobre o desenvolvimento dos povos. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1967.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice: ***Evangelii Nuntiandi***: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

### 1.3. Documentos do Magistério Latino-Americano

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM:** conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Documento de Aparecida:** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe:** discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida – “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6) – Documento de Participação. São Paulo: Paulus, 2006.

#### 1.4. Documentos da CNBB

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Comunidade de comunidades:** uma nova paróquia (Documento 100). Brasília: Edições CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. **Igreja e política:** subsídios teológicos (Estudos 2). São Paulo: Paulinas, 1974.

\_\_\_\_\_. **Comunidade de Comunidades:** uma nova paróquia (Estudos 104). Brasília: CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade:** sal da Terra e Luz do Mundo (cf. Mt 5,13-14) (Estudos 107). Brasília: CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil:** 1995-1998 (Documento 54). São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil:** 2011-2015 (Documento 94). São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Evangelização e Missão profética da Igreja:** novos desafios (Documento 80). São Paulo, Paulinas, 2005.

## 2. OUTRAS REFERÊNCIAS

AGUIRRE, R. **Iglesia-mundo:** marcha atrás? Santander: Sal Terrae (6), 1992.

AMADO, J. P. *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão:** aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 27-32.

ANDRADE, P. F. C. A dimensão social da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão:** aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 227-234.

ARNS, P. E. **De esperança em esperança na sociedade hoje**. São Paulo: Paulinas, 1971.

\_\_\_\_\_. **Da esperança à utopia**: testemunho de uma vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

AZEVEDO, D. V. O. **Igreja em saída, desafio**. Rádio Vaticano. 17 out, 2015. Disponível em: <[http://br.radiovaticana.va/news/2015/10/17/artigo\\_igreja\\_em\\_sa%C3%ADda,\\_desafio/1179875](http://br.radiovaticana.va/news/2015/10/17/artigo_igreja_em_sa%C3%ADda,_desafio/1179875)> Acesso em: 02 dez, 2015.

BASTANTE, Jesús. **A “oposição silenciosa” ao Papa Bergoglio**. IHU. 24 mar, 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518695-a-oposicao-silenciosa-ao-papa-bergoglio>> Acesso em: 30 nov, 2015.

\_\_\_\_\_. **Francisco: "Tenemos que convertirnos y gritar en los desiertos de las mentes cerradas y los corazones duros"**. Religión Digital. 06 dez, 2015. Disponível em: <<http://www.periodistadigital.com/religion/vaticano/2015/12/06/francisco-tenemos-que-convertirnos-y-gritar-en-los-desiertos-de-las-mentes-cerradas-y-los-corazones-duros.shtml>> Acesso: em 07 dez, 2015.

BERKENBROCK, V. J. Renovado o sonho ecumênico. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco**: perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 182-197.

BERNABUCCI, C. **Os inimigos do papa**: uma trama complexa reúne cardeais conservadores contra a renovação da Igreja Católica desejada por Francisco. Carta Capital. 13 nov, 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/875/os-inimigos-do-papa-4260.html>> Acesso em: 07 dez, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.

BIGO, P.; ÁVILA, F. B. **Fé Cristã e Compromisso Social**: elementos para uma reflexão sobre a América Latina à luz da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1982.

BOFF, C. **Uma Igreja para o próximo milênio**. São Paulo: Paulus, 1998.

BOFF, L. **A força da ternura**: pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

\_\_\_\_\_. O Papa Francisco e a refundação da Igreja. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco**: perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 121-129.

\_\_\_\_\_. **Papa Francisco**: Igreja em saída de onde para onde? Carta Maior. 25 jun, 2015. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Papa-Francisco-Igreja-em-saida-de-onde-para-onde-/2/33833>> Acesso em: 01 dez, 2015.

\_\_\_\_\_. **Papa Francisco traz uma nova primavera da Igreja.** Estadão. 23 jul, 2013. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,papa-francisco-traz-uma-nova-primavera-da-igreja,1056220>> Acesso em: 14 set, 2015.

\_\_\_\_\_. Reflexão teológica sobre a experiência de Deus. **Grande Sinal**, Petrópolis, n. 6, p.429-455, jul/ago. 1983.

BRANDES, D. O. **O Papa Francisco e a missão.** Arquidiocese de Londrina. 20 out, 2015. Disponível em: <<http://arquidioceselondrina.com.br/2015/10/20/o-papa-francisco-e-a-missao-por-dom-orlando-brandes/>> Acesso em: 01 dez, 2015.

BRIGHENTI, A. **A desafiante proposta de Aparecida.** São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Igreja do futuro e o futuro da Igreja:** perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio. São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Igreja perplexa:** a novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **A missão evangelizadora no contexto atual:** realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco:** perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 13-25.

\_\_\_\_\_. Pedagogia e método para uma recepção criativa de Aparecida. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate:** provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 273-287.

\_\_\_\_\_. Nueva y antigua evangelización: el imperativo de una conversión pastoral. **Efemérides Mexicana**, Universidad Pontificia de México, v. 31, n. 91, p. 67-101, ene/abr, 2013.

CARRIQUIRI, G. **Papa in America Latina, per una Chiesa in uscita.** Radio Vaticana. 03 jul, 2015. Disponível em: <[http://it.radiovaticana.va/news/2015/09/14/carriquiri\\_papa\\_in\\_america\\_latina,\\_per\\_u\\_na\\_chiesa\\_in\\_uscita/1155729](http://it.radiovaticana.va/news/2015/09/14/carriquiri_papa_in_america_latina,_per_u_na_chiesa_in_uscita/1155729)> Acesso em: 02 dez, 2015.

CASALDÁLIGA, P. Traços do homem novo. **Grande Sinal**. Petrópolis, n. 6, p.457-462, jul/ago. 1983.

CASTILLO, J. M. **“Un porcentaje de la Curia actúa clandestinamente en contra de Francisco”.** Religión Digital. 17 set, 2015. Disponível em: <<http://www.periodistadigital.com/religion/libros/2015/09/17/j-m-castillo-mucha-gente-no-cae-en-la-cuenta-de-que-el-motor-del-problema-de-los-migrantes-es-la-religion-iglesia-familia-evangelio-sufrimiento-norma-divorcio-matrimonio-francisco.shtml>> Acesso em: 07 dez, 2015.

CASTILLO, J. M. Reino de Dios. In: TAMAYO, J. J. **Nuevo Diccionario de Teología**. Trotta: Madrid, 2005.

CENTOFANTI, S. **Una Chiesa con le porte aperte e sempre più vicina alla gente**. Radio Vaticana. 26 out, 2015. Disponível em: <[http://it.radiovaticana.va/news/2015/10/26/dal\\_sinodo\\_una\\_chiesa\\_con\\_le\\_porte\\_a\\_perte\\_/1182073](http://it.radiovaticana.va/news/2015/10/26/dal_sinodo_una_chiesa_con_le_porte_a_perte_/1182073)> Acesso em: 02 dez, 2015.

CODINA, V. A Missão como renovação eclesial. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 235-246.

\_\_\_\_\_. Nova configuração da Igreja. In: BRIGHENTI, A.; ARROYO, F. M. (Orgs.). **O Concílio Vaticano II**: batalha perdida ou esperança renovada? São Paulo: Paulinas, 2015. p. 108-127.

\_\_\_\_\_. **Sete imagens de evangelização no papa Francisco**. Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. 06 jan, 2015. Disponível em <[http://www.snpcultura.org/sete\\_imagens\\_de\\_evangelizacao\\_no\\_papa\\_francisco.htm](http://www.snpcultura.org/sete_imagens_de_evangelizacao_no_papa_francisco.htm)> Acesso em 29 set 2015a.

COSTA, A. S. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 147-161.

FERNANDES, L. A. Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 277-308.

FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. **A Evangelii Gaudium já completa um ano e ainda não é levada em conta**. IHU. 24 set, 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/535536-a-evangelii-gaudium-ja-completa-um-ano-e-ainda-nao-e-levada-em-conta>> Acesso em: 30 nov, 2015.

FRANÇA MIRANDA, M. Igreja e sociedade na *Gaudium et Spes* e sua incidência no Brasil. In: AGOSTINI, F. N. (Org.). **Revelação e História**: uma abordagem a partir da *Gaudium et Spes* e da *Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 31-54.

\_\_\_\_\_. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 181-194.

\_\_\_\_\_. Uma renovação eclesial que brota do Espírito Santo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, vol. 75, n. 297, p. 45-70, jan/mar, 2015.

FRANCISCO. **Entrevista exclusiva ao padre Antonio Spadaro (19/08/2013)**. São Paulo: Paulus, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GARAUDY, Roger. **Rumo a uma guerra santa?** O debate do século. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GONZAGA, W. Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial (EG 195). In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p.75-95.

GONZÁLEZ FAUS, J. **¿Desacralizar el papado?** Miradas cristianas. 20 out, 2014. Disponível em: <<http://blogs.periodistadigital.com/miradas-cristianas.php/2014/10/20/p359249#more359249>> Acesso em: 07 dez, 2015.

\_\_\_\_\_. **Para qué La Iglesia?** Barcelona: Cuadernos CJ 121, 2003.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. Para uma Igreja mais saudável: sugestões ao Papa Francisco. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, vol. 75, n. 297, p. 45-70, jan/mar, 2015.

GUTIÉRREZ, G. **Teologia da Libertação**: Perspectivas. São Paulo: Loyola, 2000.

HIDALGO, M. A Missão diante da crise econômica: interpretação, consequências e desafios. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 51-67.

HUMMES, C. **Discípulos e missionários de Jesus Cristo**: ser cristão no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2006.

KIRCHGASSNER, S. **“Papa é menos católico que nós”, diz bispo excomungado no Rio**. The Guardian (Folha de São Paulo). 11 abr, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1611273-papa-e-menos-catolico-que-nos-diz-bispo-excomungado-no-rio.shtml>> Acesso em: 07 dez, 2015.

KRAUTLER, E. Escutar e seguir as testemunhas. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 289-300.

KÜNG, H. **Projeto de Ética Mundial**: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1993.

KUSMA, C. Cantar com Francisco! Provoações eclesiológicas a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 195-208.

LIBANIO, J. B. A Dimensão conflituosa da missão na sociedade do conhecimento. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 41-50.

\_\_\_\_\_. **Para** uma espiritualidade da Teologia da Libertação. **Grande Sinal**, Petrópolis, n. 6, p.411-427, jul/ago. 1983.

\_\_\_\_\_. LIBANIO, J. B. Questões pendentes do Concílio Vaticano II. In: BRIGHENTI, A.; ARROYO, F. M. (Orgs.). **O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulinas, 2015. p. 329-351.

LOPES, G. **Gaudium et Spes: texto e comentário.** São Paulo: Paulinas, 2011.

MAZZAROLO, I. Fundamentos bíblicos da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 63-74.

MOLINER, A. **Pluralismo religioso e sofrimento eco-humano: a contribuição de Paul F. Knitter para o diálogo inter-religioso.** São Paulo: Paulinas, 2011.

MORAES, A. O. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 33-48.

NETO, M. de O. S; MORAES, E. A. R. Papa Francisco: perspectivas eclesiais e eclesiológicas. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado.** Petrópolis: Vozes, 2014. p. 159-181.

ORTIZ, G. **El Papa encarna y pone en acto Aparecida y Evangelii Gaudium.** Radio Vaticano. 06 jul, 2015. Disponível em: <[http://es.radiovaticana.va/news/2015/09/14/el\\_papa\\_encarna\\_y\\_pone\\_en\\_acto\\_aparecida\\_y\\_evangelii\\_gaudium/1156402](http://es.radiovaticana.va/news/2015/09/14/el_papa_encarna_y_pone_en_acto_aparecida_y_evangelii_gaudium/1156402)> Acesso em: 02 dez, 2015.

PALUMBO, E. **Una Chiesa “in uscita”.** Associazione Rete Sicomoro. Disponível em: <<http://www.retesicomoro.it/Objects/Pagina.asp?ID=6574>> Acesso em 02 dez 2015.

PAOLI, Arturo. **Il privilegio allá carità: le grandi novità della Evangelii Gaudium.** Associazione Oreundici Onlus. fev, 2014. Disponível em <[http://www.oreundici.org/abbonamenti/febbraio2014/arturo\\_free.php#.Vlw\\_xtKrRnK](http://www.oreundici.org/abbonamenti/febbraio2014/arturo_free.php#.Vlw_xtKrRnK)> Acesso em: 30 nov, 2015.

PASSOS, J. D; SOARES, A. M. L. (Orgs.). **Francisco: renasce a esperança.** São Paulo: Paulinas, 2013.

PASSOS, J. D. Papa Francisco: entre a crise e o carisma. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, vol. 75, n. 297, p. 8-31, jan/mar, 2015.

PEDROSA-PÁDUA, L. Itinerários de Maria: inspiração para uma Igreja “em saída”. **Revista Conferência dos Religiosos do Brasil**, São Paulo, n. 481, p. 301-366, mai/ano L, 2015.

\_\_\_\_\_. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p.135-145.

QUEIRUGA, A. T. **Creio em Deus Pai**: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

\_\_\_\_\_. Volta às raízes: Renovar-se a partir da experiência originária. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco**: perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 26-37.

RONCAGLILOLO, C. **Iglesia “en salida”**: una aproximación teológico pastoral al concepto de Iglesia en *Evangelii Gaudium*. Teología y Vida. Facultad de Teología Pontificia Universidad Católica de Chile, vol. 55, n. 2, p. 351-369, 2014.

SBARDELOTTO, M. **Um estilo evangelizador**: o horizonte eclesial da *Evangelii Gaudium*. IHU. 04 dez, 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526339-um-estilo-evangelizador-o-horizonte-eclesial-da-evangelii-gaudium>> Acesso em: 30 nov, 2015.

SERRANO, R. C. **A Conferência de Puebla – 1979**: a evangelização no presente e no futuro da América Latina - os desafios da Missão à luz das Conferências do CELAM. São Paulo: Parma, 2007.

SILVA, M. R.; BRIGHENTI, A. Uma Igreja em alegre saída missionária. **Caderno Teológico da PUCPR**. Curitiba, vol. 3, n. 3, p. 5-22, 2015.

SOBRINO, J. **Jesus, o libertador**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUESS, P. A Missão da Igreja: lembrar o Reino, zelar pela vida. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 87-96.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Evangelii Gaudium**: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015b.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Aparecida**: 40 Palavras para uma Leitura Pastoral. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Interculturalidade, interculturação, inculturação: apontamentos a partir do dossiê sistemático e histórico em vista de uma missão pós-colonial. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, vol. 75, n. 298, p. 450-462, abr/jun, 2015e.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Teologia da Missão**: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. Petrópolis: Vozes, 2015a.

\_\_\_\_\_. Missiologia como teologia fundamental. In: BRIGHENTI, A.; ARROYO, F. M. (Orgs.). **O Concílio Vaticano II**: batalha perdida ou esperança renovada? São Paulo: Paulinas, 2015c. p. 187-207.

\_\_\_\_\_. Peregrinos vigilantes, místicos militantes, profetas de uma Igreja em saída: o magistério do Papa Francisco no enfoque das Cartas “Perscrutai” e “Alegrai-vos” aos Consagrados e às Consagradas. **Revista Conferência dos Religiosos do Brasil**, São Paulo, n. 485, p. 621-695, out/ano L, 2015d.

\_\_\_\_\_. **Vinho e vinagre na Alegria do Evangelho**: Exortação apostólica do Papa Francisco – Um vade-mécum sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. RELAMI BRASIL. 14 dez, 2013. Disponível em: <<http://www.missiologia.org.br/?p=artigos>> Acesso em: 21 mai, 2015.

SUSIN, L. C. Missão em um tempo de mudanças profundas e desafios culturais inadiáveis. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 25-39.

TAVARES, C. Q. Contornos éticos na *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 209-223.

TAVARES, F. S. S. Revelação e História: implicações recíprocas – o legado da *Dei Verbum* e da *Gaudium et Spes*. In: AGOSTINI, F. N. (Org.). **Revelação e História**: uma abordagem a partir da *Gaudium et Spes* e da *Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 55-83.

TEIXEIRA, F. Caminhos do diálogo inter-religioso a partir do Vaticano II. In: BRIGHENTI, A.; ARROYO, F. M. (Orgs.). **O Concílio Vaticano II**: batalha perdida ou esperança renovada? São Paulo: Paulinas, 2015. p. 244-261.

\_\_\_\_\_. Perspectivas para o diálogo inter-religioso. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco**: perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 62-71.

TEMPESTA, C. O. J. Algumas interpelações da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p.13-21.

TOMICHÁ, R. Condições e elementos para a missão permanente. In: BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (Orgs.). **A missão em debate**: provocações à luz de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 259-272.

TORRALBA, F. Sair de si mesmo: o movimento irrenunciável. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco**: perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 84-98.

VELEASCO, R. Virada copernicana na *Gaudium et Spes*. In: VELASCO, R. **A Igreja de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1996.

VIDAL, J. M; BASTANTE, J. As mudanças (presentes e futuras) da primavera de Francisco. In: SILVA, J. M. (Org.). **Papa Francisco**: perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 99-110.

\_\_\_\_\_. **Francisco o novo João XXIII**: Jorge Mario Bergoglio – o primeiro pontífice americano para uma nova primavera da Igreja. Petrópolis: Vozes, 2013.

ZANON, D. **Para ler o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2012.

WOLFF, E. O ensino ecumênico do Concílio Vaticano II. In: BRIGHENTI, A.; ARROYO, F. M. (Orgs.). **O Concílio Vaticano II**: batalha perdida ou esperança renovada? São Paulo: Paulinas, 2015. p. 208-243.